UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA

GISELI DA SILVA ROCHA

ANARQUISMO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MOVIMENTO OPERÁRIO: MARIA LACERDA DE MOURA E EMMA GOLDMAN

NITERÓI
2017

GISELI DA SILVA ROCHA

ANARQUISMO E INDIVIDUALISMO: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MOVIMENTO OPERÁRIO
MARIA LACERDA DE MOURA E EMMA GOLDMAN

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Professora Orientadora: Profª. Drª. Marly de Almeida Gomes Vianna.

NITERÓI
2017
GISELI DA SILVA ROCHA

ANARQUISMO E INDIVIDUALISMO: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MOVIMENTO OPERÁRIO
MARIA LACERDA DE MOURA E EMMA GOLDMAN

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Aprovada em _____ de _____de _____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dra.Marly de Almeida Gomes Vianna - UNIVERSO

_____

Prof. Dra. Angela Maria Roberti Martins - UERJ

_____

Prof.Dr. Alexandre Ribeiro Samis – Colégio Pedro II

_____

Prof. Dra. Érica Sarmiento da Silva - UNIVERSO

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres, companheiras e trabalhadoras

Mulheres

Elas sorriem quando querem gritar.
Elas cantam quando querem chorar.
Elas choram quando estão felizes.
E riem quando estão nervosas.

Elas brigam por aquilo que acreditam.
Elas levantam-se para injustiça.
Elas não levam "não" como resposta quando
acreditam que existe melhor solução.

Elas andam sem novos sapatos para
suas crianças poder tê-los.
Elas vão ao medico com uma amiga assustada.
Elas amam incondicionalmente.

Elas choram quando suas crianças adoecem
e se alegram quando suas crianças ganham prêmios.
Elas ficam contentes quando ouvem sobre
um aniversario ou um novo casamento.

Seus corações quebram quando seus amigos morrem.
Elas lamentam-se com a perda de um membro da família,
contudo são fortes quando elas pensam que não há mais força.
Elas sabem que um abraço e um beijo podem curar um coração quebrado.
O coração de uma mulher é o que faz o mundo girar!

Mulheres fazem mais do que dar a vida.
Elas trazem alegria e esperança.
Elas dão compaixão e ideais.
Elas dão apoio moral para sua família e amigos.
Mulheres têm muito a dizer e muito a dar.

Pablo Neruda

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida mãezinha Enilda, por ser um anjo em minha vida, aos meus filhos Rafael, Gabriel e Isabela, por me apoiarem e estarem dispostos a sempre me escutar – imagino que já saibam bastante sobre o movimento operário. À amiga Carlota por ter me trazido até aqui e a grande e querida amiga Claudia por ter dispensado parte de seu tempo comigo.

Agradeço à Universidade Salgado de Oliveira por ter me proporcionado a bolsa de estudos e me dado a oportunidade de conviver com professores maravilhosos e com alunos os quais pude compartilhar uma boa amizade.

Há alguns anos atrás, entrei na livraria Saraiva a procura de algo para ler e encontrei um livro muito interessante sobre os Revolucionários de 35. Este livro permaneceu em minha cabeceira durante muito tempo, eu lia e relia toda vez que queria tirar alguma dúvida sobre o tema, muito bom o livro, excelente leitura, o que eu não podia imaginar á que a autora do livro mais tarde se tornaria minha orientadora no curso de mestrado. Finalmente agradeço à professora Marly Gomes de Almeida Vianna pela generosidade e paciência, com certeza você está no lugar certo, sem dúvida não poderia ter seguido outra profissão.

Estudei sozinha. Eu mesma me indicava os autores que devia ler. Conheci-os, uns através dos outros. E lia tudo: livros de philosophia, lógica, pedagogia, psycologia, moral, etc, etc, - procurando interpretar (...). Uma necessidade imperiosa de meu ser mandava que eu mostrasse à mulher patrícia que, aqui mesmo onde vivemos, há um mundo novo, desconhecido de nós mulheres, um mundo de felicidades estranhas, indefinidas, delicadas, - o mundo dos livros bons que nis ensinam a viver vida intensa, a ser útil, a derramar a flux – idéas novas, desejo de uma existência de trabalho profícuo, atraente.

Maria Lacerda de Moura

RESUMO

Através dessa dissertação propomos fazer um estudo do pensamento feminino libertário no início do século XX. Para isso fez-se necessário analisar as idéias de alguns teóricos libertários que influenciaram os anarquistas no Brasil e no mundo. Em seguida faço um resumo do movimento operário e a atuação dos anarquistas no Rio de Janeiro e em São Paulo, assim como sua organização, greves, formação de jornais e a repressão a qual estiveram sujeitos. O foco principal é a atuação das mulheres no movimento operário. Para isso, trato de questões ligadas à moral burguesa tais como, religião, casamento e maternidade e que vão se contrapor ao pensamento libertário. Por fim, escolhemos duas libertárias que trouxeram grande contribuição para o feminismo. Discorro sobre a trajetória de suas vidas, seus trabalhos, suas decepções, suas diferenças e semelhanças. Para a realização do trabalho foi analisado jornais da época, dissertações, bibliografias específicas sobre o conteúdo em questão e autobiografias como uma fonte enriquecedora. Consideramos que não só o pensamento de Maria Lacerda de Moura e Emma Goldman, assim como, o pensamento libertário de um modo geral trouxe grande contribuição para a emancipação feminina e para os movimentos feministas do século XXI.

Palavras-chave: Movimento operário, anarquismo, emancipação feminina, Primeira República.

ABSTRACT

This dissertation proposes to make a study about the libertarian female thought in the begining of the XX centurie. It is necessary to anylize the ideias of some libertarian theorists Who have influenced the anarchists in Brazil and all over the world. Then, I wil make a resume about the labor movement and about how the anarchists acted in Rio de Janeiro and in São Paulo. I will also talk about their organization, strikes, production of newspaper and the repression they were subjected to. The major focus is the acting of women inside the labor movement. To make it possible I will talk about questions associated to the bourgeois morality, like religion, marriage and maternity that will oppose to the libertarian thought. In the end, I chose two libertarian women that brought a huge contribution to feminism. I wrote about their life's trajectory, academic work, deceptions and also about their differences and similatiries. To make this dissertation, I anylized antique newspaper , dissertations, specific bibliographies about the content in question and also enriching autobiographies. I consider that the thoughts of Maria Lacerda de Moura, Emma Goldman and libertarian thoughts in general, brought a huge contribution to the female emancipation and to the feminist movements in the XXI centurie.

Keywords: Labor Movement, anarchists, feminine emancipation, First Republic.

SUMÁRIO

Introdução **9**

Capítulo I O ANARQUISMO E SEUS PRINCÍPIOS NA VISÃO DOS SEUS PRINCIPAIS TEÓRICOS **13**

1.1 Anarquismo e revolução na visão de Kropotkin **13**

1.2 O anarquismo e a organização na visão de Errico Malatesta **15**

1.3 O anarquismo e o sindicalismo revolucionário na visão Mikhail Bakunin **18**

1.4 O anarquismo no Brasil do século XX e sua influência no Movimento Operário **24**

1.5 Os Congressos Operários – Afirmação anarquista em 1906 **31**

1.6 As greves – um caso de polícia **34**

1.7 A greve de 1917 e a Insurreição anarquista de 1918 **36**

1.8 A fundação do PCB em 1919 **40**

Capítulo II. AS MULHERES ANARQUISTAS NO MOVIMENTO OPERÁRIO NO BRASIL NA PRIMEIRA REPÚBLICA **46**

2.1 A educação como instrumento fundamental para e emancipação **52**

2.2 O casamento e a sexualidade da mulher **57**

2.3 As mulheres anarquistas e a ação direta **58**

2.4 As anarquistas e o feminismo sufragista **63**

CApítulo III. FEMINISMO E ANARQUISMO: MARIA LACERDA DE MOURA E EMMA GOLDMAN **69**

3.1 Maria Lacerda de Moura e o idealismo libertário independente **69**

3.2 Maria Lacerda de Moura e a educação como instrumento de libertação **71**

3.3 Sufragismo, emancipação e sexualidade **74**

3.4 Sobre o anti-militarismo e o facismo: o pacifismo de Maria Larceda de Moura **76**

3.5 A obra e o discurso de Maria Lacerda de Moura **77**

3.6 O individualismo de Emma Goldman **81**

3.7 Entre a violência e a passividade **85**

Considerações finais **93**

Referências Bibliográficas 9**5**

Anexos **100**

INTRODUÇÃO

Entre as várias modalidades existentes no campo da História, destaca-se a História Social, que surgiu na Escola de Annales, cujo objetivo era expandir o conceito do que era a História, indo além de uma História Política feita pelos "grandes homens".

Os fatos históricos são também baseados na história da luta de classes, que abrangem outras disciplinas e conteúdos que incluem temas culturais, comportamentais e econômicos. Dentro deste contexto, a luta de classes, que é a oposição existente entre trabalhadores e capitalistas, vai entrar no campo da História Social.

No Brasil estudos sobre movimentos sociais começaram a surgir no início dos anos de 1980, com o objetivo de mostrar a luta dos oprimidos. No entanto, não podemos definir como oprimidos somente aqueles desprivilegiados economicamente, como os trabalhadores, posto que a opressão vai muito além do campo econômico, ela também está diretamente ligada a outros grupos sociais, como a questão do gênero.

Este trabalho tem como tema o estudo das mulheres anarquistas no início do século XX. Parto do pressuposto de que o movimento libertário feminista ao tratar de temas relacionados como a liberdade individual, o direito de fazer suas próprias escolhas como casamento, maternidade e sexo, igualdade de salários e direito entre homens e mulheres, serviu não só para colocar em pauta temas tão arraigados de tabus para a época, como também serviu para influenciar os movimentos feministas do final do século XX e início do século XXI, passando a fazer parte da pauta dos debates feministas.

Para compor este trabalho foi utilizado fontes primárias como autobiografia e bibliografia de Emma Goldman que nos traz uma visão totalmente crítica sobre o comunismo na Rússia e os principais fatos daquele período o qual ela foi prova viva. Assim como livros, revistas femininas e os jornais da época como *Terra Livre, A Lanterna, A Plebe, O Amigo do Povo, A Voz da União,* alguns anarquistas, outros simplesmente operários.

Estes jornais levaram enorme contribuição ao movimento operário no sentido de manter o operário consciente com o que ocorria com os trabalhadores no Brasil e no mundo. Além de abrir espaço para que muitas mulheres deixassem sua contribuição publicando artigos, incentivando a mulher a conquistar sua emancipação, ou simplesmente chamando os trabalhadores para a luta operária. Alguns autores anarquistas importantes para o estudo do anarquismo no Brasil como Alexandre Samis que defende a tese de que o Sindicalismo Revolucionário foi o instrumento utilizado pelos anarquistas no período estudado, além de

Margareth Rago e Ângela Maria Roberti Martins que tem importantes trabalhos sobre as mulheres libertárias.

O trabalho foi divido em três capítulos, cujo primeiro foi analisar o pensamento dos três principais teóricos anarquistas que muito influenciaram as libertárias dentro do movimento operário.

Piotr Kropotkin por exemplo definiu anarquia como "liberdade plena e completa do indivíduo"[1], entendendo liberdade como a satisfação de todas as necessidades individuais e coletivas, visando a transformação total do indivíduo e da sociedade, buscando os ideais de igualdade, fraternidade e solidariedade.

Para Mikhail Bakunin a solidariedade entre os grupos, a união de todos os trabalhadores através das associações responsáveis pela instrução dos operários era o melhor caminho para criar uma consciência política, e para isso seria necessário o fim de todas as fronteiras, sem patriotismo, sem hierarquias. Pois o anarquismo possibilitaria:

> Uma nova ciência, uma nova filosofia social que deve substituir todas as antigas religiões, e uma política bem nova, a política internacional, e que, como tal, nos apressamos para dizê-lo, não pode ter outro objetivo senão a destruição de todos os Estados.[2]

Os anarquistas sindicalistas revolucionários acreditavam que a greve era um meio de transformação social, a instrução e a propaganda uma forma de despertar o desejo de mudança através da união e da organização social.

Ainda no primeiro capítulo será analisada a chegada dos imigrantes, muitos deles militantes que contribuíram para a organização do movimento operário, além das questões básicas como a influência da ideologia anarquista e a greve como instrumento para a conquista dos direitos dos trabalhadores.

A importância dos jornais operários como principal fonte de instrução e informação para os trabalhadores, cujo objetivo principal era denunciar as arbitrariedades dos patrões e conscientizar a classe operária de sua condição. Assim como, a educação libertária baseada na pedagogia do pedagogo Francisco Ferrer y Guardia que para os anarquistas não se baseava apenas em uma educação formal, e sim uma mistura de práticas educacionais que envolvia lazer, teatro, música, poesia e palestras.

---

[1] PIOTR, Kropotkin. *O Princípio Anarquista e Outros Ensaios*. São Paulo, Hedra, 2007, p.34.

[2] LEVAL; BAKUNIN. *Bakunin. Fundador do Sindicalismo Revolucionário. A Dupla Greve de Genebra*. São Paulo, Imaginário, 2007, p.70.

Faço uma breve abordagem dos três Congressos Operários, sendo o primeiro, em 1906, o mais importante para a consolidação do anarquismo como ideologia dominante no movimento operário.

Finalizando o primeiro capítulo, aponto questões como a repressão, o surgimento do PCB em 1922 e a própria legislação trabalhista criada a partir da década de 1930 como forma de arrefecer o movimento operário contribuindo para o afastamento dos anarquistas dos sindicatos.

Analisar o anarquismo e o movimento operário foi o primeiro passo para entender o pensamento das mulheres libertárias que atuaram durante o período estudado, pois dessa forma foi possível dar seqüência ao segundo capítulo abordando questões como preconceito, opressão, construção de valores morais ligados à determinada classe (burguesa).

Ao estudar a história das anarquistas, a emancipação feminina e a questão de gênero passa a ser o ponto focal da pesquisa, pois para muitas anarquistas, a emancipação estava diretamente ligada ao sexo, e ao controle com seu próprio corpo, ou seja, o que se entende sobre emancipação feminina na visão das anarquistas? Qual o discurso utilizado pelas libertárias que vai se opor ao discurso das feminista sufragistas?

Instituições como a Igreja e o Estado, que juntas criaram um aparato jurídico-legal para exercer seu domínio e autoridade foram duramente combatidas pelas anarquistas, que consideravam a Igreja a grande inimiga da mulher, no sentido de consolar em vez de mostrar as causas do sofrimento feminino.

> Os meios pelos quais essa associação entre o senhor, o padre, o mercador, o juiz, o soldado e o rei assentou o seu domínio (...). (...) Foi pela confiscação das terras da comuna e das riquezas das guildas; foi pela proibição absoluta e feroz de toda espécie de livre entendimento entre homens; foi pelo massacre, pela roda, pela forca, pela espada e pelo fogo que a Igreja e o Estado estabeleceram seu domínio – conseguiram reinar doravante em aglomerações incoerente de súditos, não havendo mais nenhuma união direta entre eles.[3]

A educação para as anarquistas era um instrumento poderoso para alcançar a emancipação, por isso utilizaram os jornais como forma de instruir e propagar suas ideias, assim como, a importância da organização no movimento operário através de associações, comícios, festivais ligados a arte, tais como: teatro, música, sempre com a intenção de educar operário.

[3] PIOTR, Kropotkin. *A Anarquia sua filosofia, seu ideal*. São Paulo, Imaginário, 2000, P.49.

A emancipação para as anarquistas ia além das conquistas políticas e econômicas, pois elas acreditavam na liberdade individual da mulher, na possibilidade de escolhas com relação ao casamento e a maternidade. A mulher deveria ter o direito ao seu corpo, por isso algumas enfatizaram a importância do sexo, do direito ao prazer e da liberdade de se unir a outra pessoa de acordo com sua vontade.

As mulheres do início do século XX eram consideradas submissas, destinadas a sempre obedecer. Estas características constituem uma contradição passiva de questionamento, pois ao analisar os jornais da época é possível perceber a participação ativa das mulheres em greves, na criação de associações de trabalhadores e inclusive nas redações de jornais e revistas femininas.

Neste sentido a importância da organização que para uns era uma forma de exercer a "autoridade", para Malatesta:

> A necessidade de organização na vida social – direi que organização e sociedade são quase sinônimos – é coisa tão evidente que mal se pode acreditar que pudesse ter sido negada.
> Desta forma, a organização, longe de criar a autoridade, é o único remédio contra ela e o único meio para que cada um de nós se habitue a tomar parte ativa e consciente no trabalho coletivo, e deixe de ser instrumento passivo nas mãos dos chefes.[4]

O início do século XX foi marcado por dois tipos de movimentos feministas, um ligado a conquista pelo sufrágio universal, composto por mulheres que geralmente vinham de uma elite, e o grupo das libertárias diretamente ligadas à classe operária, que acreditavam que a emancipação ia além da luta política, que para se emancipar era necessário instruir-se para libertar a mulher do jugo que as oprimia, como a Igreja e a própria sociedade.

Este trabalho se propõe a estudar a vida de Maria Lacerda de Moura e Emma Goldman, anarquistas que fizeram duras críticas à moral burguesa. É sobre estas duas libertárias que dedico o terceiro capítulo, procurando mostrar suas atuações no movimento operário através de jornais, revistas, palestras, comícios, greves, procurando destacar algumas diferenças e as semelhanças entre ambas.

CAPÍTULO I: O Anarquismo e seus princípios na visão dos seus principais teóricos

[4] MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo, Novos Tempos, 1989, p.69-70-79.

"O indivíduo é a verdadeira realidade da vida, um universo em si. Ele não existe em função do Estado, ou dessa abstração denominada "sociedade" ou "nação", que é senão um ajuntamento de indivíduos. O homem sempre foi e é – necessariamente – a única fonte, o único motor de evolução e progresso". (Emma Goldman).

O presente trabalho procurará mostrar as mulheres anarquistas no início do século XX fora dos padrões "normais, corretos e aceitos", o que pensavam, queriam e esperavam da sociedade e do ser humano enquanto indivíduos.

No entanto, para falar sobre estas mulheres ácratas faz-se necessário inicialmente falar dos grandes pensadores que deram origem ao anarquismo, pois muitas mulheres que se dedicaram à militância pela causa operária foram fortemente influenciadas por teóricos como Piotr Kropotkin, Errico Malatesta e Mihail Bakunin.

Desse modo o primeiro capítulo será dedicado aos pensadores libertários que deixaram imensa colaboração para o anarquismo, desenvolveram muitos trabalhos e, consequentemente, influenciaram a luta pela conquista de um mundo mais justo que pudesse "assegurar todos os homens a plena satisfação de suas necessidades e dos seus gozos".[5]

1.1 – Anarquismo e Revolução na visão de Kropotkin.

A história da humanidade é parte de um processo evolutivo baseado na exploração do homem sobre o homem. Desde que começou a cultivar o solo produzindo o excedente, a terra que antes fazia parte do coletivo passou a ser trabalhada por muitos, porém, dominada por poucos.

Nesse processo de dominação baseado na exploração e na miséria alheia a humanidade chegou à Época Contemporânea, em que, além da terra o homem agora encontrara meios de enriquecimento baseado na indústria, na produção por meio de máquinas e no aumento cada vez maior dos excedentes. Alguns homens preocupados com a condição de miséria que tal sistema - capitalista - produzia, começaram a defender a ideia de que a pobreza só poderia ser extinta quando ocorresse o fim da propriedade privada. O anarquismo surgiu neste período (século XIX) como forma de contestar o sistema econômico e político vigente que era o capitalismo.

Em primeiro lugar precisamos entender o que é o anarquismo. Segundo Piotr Kropotkin o anarquismo parte de um princípio filosófico-científico com inspiração nas ideias iluministas,

[5] BAKUNIN, *Op.cit.* 2007, p.13

que busca explicação nas ciências naturais. Porque para Kropotkin o homem está intimamente ligado ao mundo orgânico sendo totalmente capaz de se adaptar às transformações que ele oferece.

Kropotkin defendia o comunismo anárquico baseado na ideia de que a anarquia é um conjunto de "princípios filosóficos, princípios de luta e princípios da liberdade". O verdadeiro mal está nas leis, e para que estes princípios sejam válidos é necessário que aniquile a sociedade atual e coloque um fim em toda propriedade privada, construindo assim uma sociedade sem leis, sem autoridade, sem Exército e sem Estado.

Para ele, o comunismo anárquico se diferencia de um comunismo autoritário, visto que o primeiro prega a total liberdade e nenhum "comando". Liberdade para alimentar-se o quanto quiser, para trabalhar da maneira que lhe traga melhor prazer e satisfação "de todas as suas necessidades".[6]

Só a liberdade poderá gerar a satisfação plena de todas as necessidades dos indivíduos. Anarquia é libertar-se da propriedade privada, do autoritarismo e da religião. Segundo Kropotkin o ser humano está inserido em um contexto baseado em relações sociais, econômicas, políticas e culturais que precisam passar por um processo de transformação. O anarquismo nasce da negação a todas as normas vigentes, seja na política, na economia, na educação, na moral e na religião. Anarquia é um princípio que visa o renascimento não só do homem, mas também de toda a estrutura da sociedade em todos os seus aspectos "físico, natural e social". Segundo Kropotkin, anarquia é:

> Negação do Estado e da acumulação pessoal de capital. Negação de toda espécie de autoridade. Negação ainda das formas estabelecidas da sociedade, embasadas na injustiça, no egoísmo absurdo e na opressão, bem como da moral corrente, derivada do Código Romano, adotado e santificado pela Igreja Cristã.[7]

Segundo os anarquistas, é necessário combater as instituições, pois as mesmas aprisionam o homem por estarem impregnadas de poder e de autoridade que serão usadas para a manutenção da ordem, impedindo que o homem haja conforme sua vontade e seus desejos. A anarquia pressupõe acabar com todo e qualquer preconceito e também pode ser entendida como transformação do indivíduo, porque para viver em uma sociedade baseada na "liberdade econômica e liberdade política" [8] o povo deveria estar:

---

[6] KROPOTKIN, Op.cit. 2007, p.63.
[7] Ibidem, p.33.
[8] KROPOTKIN, Piotr. *A conquista do Pão*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2011, p.35.

> Moralmente preparado para proclamar a anarquia e viver nela, tendo o cidadão as necessárias virtudes para viver dentro do seu direito, sem violar os direitos alheios. Essas virtudes há de serem(sic) adquiridas pelo povo mediante o ensino e o exemplo dos homens superiores que buscam o advento do anarquismo, isto é da liberdade absoluta, tendo só a restringi-la a liberdade os outros.[9]

Com relação à revolução, para ele é inevitável, pois, por mais que as massas recuem e dêem ouvidos aos opressores que estão no poder, acreditando que estes lhes trarão estabilidade e suavizarão suas misérias, criando leis que nunca serão cumpridas e uma assistência insuficiente para suprir suas demandas, chegará um momento em que a fome irá romper as barreiras de suas consciências e neste momento ocorrerá a revolução.

No entanto a revolução deve ser consciente e gradativa, posto que, para os anarquistas ela só ocorrerá à medida que as massas tomem consciência de sua condição enquanto classe social; uma vez feito isto, o passo seguinte seria a união de todos os trabalhadores com a derrubada de todas as fronteiras, pois para que a revolução seja vitoriosa ela deverá ter um caráter universal e contar com a ajuda mútua de todos os companheiros, de modo que essa união impeça que burgueses se unam para defender seus interesses.

Considerando a revolução um acontecimento inevitável, Kropotkin acreditava que a propaganda anárquica era fundamental:

> Da mesma maneira que a propaganda pode apressar sua explosão, contribuir para torná-la eficaz, instruindo os trabalhadores sobre as causas de sua miséria, colocando-os em condição de superá-las, seria impotente para produzi-lo, não fosse a organização social viciosa que sofremos.[10]

Kropotkin defende ainda que a anarquia é a luta entre dois princípios, o da liberdade e o da coerção. O princípio da coerção está baseado no uso da força para que a ordem estabelecida seja mantida e aceita. E o princípio da liberdade, este sim, é apoiado pelos anarquistas como uma forma de obter o progresso.

1.2 O anarquismo e a organização na visão de Errico Malatesta.

Quem se põe a caminho e se engana de estrada, não vai aonde quer, mas aonde conduz o caminho tomado.
Malatesta.

---

[9] Ibidem. p.35.
[10] KROPOTIKIN, Op.cit, 2007, p.40.

Errico Malatesta nasceu na Itália na província de Caserta em 1853, filho de um proprietário de terras. Abandonou a faculdade de Medicina para se dedicar ao anarquismo. Sofreu forte influência de Mikhail Bakunin, fato este que justifica sua tendência para o sindicalismo revolucionário.

Para Malatesta a sociedade está dividida em classes e é regulada por um sistema capitalista sustentado por dois pilares fundamentais que são a economia e a política, e a crítica do anarquismo a estes dois pilares surge a partir do momento em que estes dois fatores estão intimamente ligados à exploração, dominação e coerção da sociedade, sendo assim uma forma de violência.

Esta dominação exercida pelo sistema capitalista é legitimada através de um conjunto de ferramentas como educação, religião e cultura. Malatesta vai dizer que todos estes problemas são frutos de uma "má organização social," [11] e que só depende do próprio homem acabar com eles.

Esta falta de organização da sociedade que tem como consequência a exploração, a dominação e a coerção resultarão em uma extrema pobreza para o trabalhador, que será estimulada pelos donos dos bens de produção, pois assim eles terão força de trabalho suficiente para manter a exploração e pagar-lhes o que lhes convém.

Uma vez estabelecida a dominação os capitalistas contarão com o amparo do Estado que defenderá o sistema através de meios legais, criando leis que os protejam. A Igreja, cujo papel é levar para a população totalmente desamparada e sem expectativa a ideia que o homem, através da fé, deverá conformar-se na esperança de um reino dos céus que lhes libertará de todos os males, reforça a aceitação da dominação. E também da ciência, que cria teorias baseadas no preconceito de cor, raça, gênero, levantando barreiras territoriais. Segundo Malatesta:

> Daí decorre a formação de uma ciência oficial que é, em tudo o que pode servir os interesses dominadores, a negação da verdadeira ciência. Daí o espírito patriótico, os ódios raciais, as guerras e as pazes armadas, mais desastrosas do que as próprias guerras. O amor transformado em negócio ignóbil. O ódio mais ou menos latente, a rivalidade, a desconfiança, a incerteza e o medo entre os seres humanos.[12.]

O anarquismo busca o fim de toda esta dominação a partir da extinção do Estado e com ele de todas as instituições que ele carrega. O fim de todas as barreiras territoriais, de todos os preconceitos, "substituindo o ódio pelo amor, a concorrência pela solidariedade, a busca

[11] MALATESTA, Op.cit, p.18.
[12] Ibidem, p.20.

exclusiva pelo bem estar pela cooperação, a opressão pela liberdade, a mentira religiosa pseudo-científica pela verdade".[13]

O fim de todo este aparato ideológico e burocrático formado pelo sistema capitalista, terá como consequência a organização social defendida por Malatesta, que contará com o respaldo das associações e federações que não terão líderes que lhes imponham obrigações, mas pessoas de boa vontade, "guiadas pela ciência e experiência".[14]

Para se chegar aos meios pretendidos a organização social deverá incluir não apenas uma classe isolada, mas todos, que trabalharão com sentimento de amor e solidariedade. Para isso o caminho para a transformação seria a conscientização do indivíduo quanto a sua condição, mostrar a ele que todo o sofrimento e injustiça pelo qual ele passa tem um princípio e uma causa baseado na exploração e na dominação que sofre, e que todos estes males poderão ser dissipados, bastando vontade e ação do homem, pois o homem é a principal peça na construção da sua realidade histórica.

Para que a transformação ocorra é necessário que haja união de todos, e as principais ferramentas para a organização anarquista, segundo Malatesta, seriam a propaganda e a educação, no sentido de incentivar o trabalhador para luta, até que se chegue à revolução e que ela deverá ser "incansável".[15]

Porém para Malatesta a propaganda era apenas um caminho entre tantas outras possibilidades, pois, só a propagando não é suficiente para se chegar às massas. É necessário uma instrução gradual de conscientização para que o povo perceba suas aflições e provações do dia a dia, deve-se despertar o sentimento de união e solidariedade.

A participação do povo, independente de sua religião, partido ou ideologia política é fundamental, porque é através de suas reivindicações que ele alcançará seu objetivo final. O povo deverá ser o representante, o ator principal da luta e não um mero coadjuvante, como sempre ocorre nas revoluções, em que após a tomada de poder o povo é alijado do processo revolucionário, ficando à mercê das leis impostas pelo Estado burocrático.

A organização é imprescindível e necessária, faz parte da natureza humana. No entanto, se a organização estiver condicionada a regras ditadas por uma minoria, ocorrerá o inevitável, que é a subordinação e exploração de uma maioria, tornando-se uma organização de caráter autoritário e fora dos princípios anárquicos. A organização baseada numa ideologia anarquista deverá ser:

---

[13] Loc. cit.
[14] Loc.cit.
[15] Ibidem, p.17.

> Criada e mantida pela livre vontade sem nenhuma espécie de autoridade, isto é, sem que nenhum indivíduo tenha o direito de impor ao outro sua própria vontade. É natural, portanto, que os anarquistas procurem aplicar à sua vida privada e a vida de seu partido este mesmo princípio sobre o qual, segundo eles, deveria estar fundamentada toda sociedade humana.[16]

Uma organização deve ter o objetivo de esclarecer e instruir os trabalhadores da condição de subordinação a que eles estão submetidos. A ideia de organização, para Malatesta, não pode se restringir a uma só organização, porque isso geraria atritos e divisões, mas deve resultar na criação de várias associações de pessoas com objetivos comuns, "em que suas decisões não sejam regras obrigatórias, mas sugestões, conselhos, proposições a submeter a todos os interessados; elas só se tornam obrigatórias e executivas para aqueles que as aceitam, e só até o ponto em que as aceitam".[17]

Para Malatesta a anarquia significa liberdade total na forma de organização, e os indivíduos devem ter total independência. Mas a heterogeneidade não pode ser vista como um empecilho, e sim, como forma das pessoas manifestarem suas ideias e vontades. Neste sentido de organização e o sindicalismo surge como importante ferramenta necessária à revolução, porém sempre respeitando a "liberdade total, a igualdade, a paz e a solidariedade". [18]

1.3 O anarquismo e o sindicalismo revolucionário na visão de Mikhail Bakunin.

São necessários aos trabalhadores a solidariedade e a ciência – Saber é poder. Bakunin.

Mikhail Bakunin é considerado por muitos historiadores o fundador do sindicalismo revolucionário. Foi um homem de ação que participou de vários movimentos revolucionários, pregando a solidariedade, a auto-gestão e a liberdade. Seus escritos são pouco divulgados no Brasil, limitando-se a fragmentos ou através de análises de estudiosos de seu pensamento.

Após abandonar o serviço militar em seu país, estudou filosofia inspirando-se no pensamento de Hegel. Foi um revolucionário que participou de diversos levantes como os de 1848[19], os levantes em Dresdem, Comuna de Lyon, entre outros. Após ser preso e exilado na Sibéria, Bakunin foi condenado à prisão perpétua, porém, conseguiu fugir voltando à Europa e retomando suas atividades revolucionárias.

---

[16] MALATESTA. Ibidem, p.84.
[17] Loc.cit.
[18] Ibidem, p.86.
[19] Apesar de ter participado de todos estes levantes, Mikhail Bakunin só se tornou um anarquista a partir de 1864, esta transformação ocorreu após seu encontro com Proudhon. GUÉRIN, Daniel. *BAKUNIN Textos Escolhidos*. Rio Grande do Sul: L&PM, 1983, p.11.

Fundou uma organização secreta denominada Fraternidade Internacional e aderiu Liga da Paz e da Liberdade. Abandonou a Liga e entrou para a AIT em 1868. Devido à divergência de pensamento entre os socialistas marxistas dentro da AIT, Bakunin decidiu fundar a Aliança Internacional da Democracia Socialista, que tinha como objetivos o fim da propriedade privada, a coletivização dos meios de produção e a greve geral como forma de se fazer a revolução. Os bakuninistas eram considerados coletivistas dentro da AIT, pois:

> Embora mais breve, o programa da nova organização é mais amplo, mais humano, mais completo que o *Preambulo* dos estatutos da Associação Internacional. Este último limitava-se a apontar o problema das classes, a falar da emancipação dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores, a recomendar a estes para se unirem nacional e internacionalmente.[20]

Esta aliança tinha um programa mais abrangente, em que os trabalhadores seriam participantes ativos no processo revolucionário. Um programa que pregava igualdade entre os sexos, direito a educação, fim do Estado e a solidariedade universal entre todos os trabalhadores. Ou seja, o pensamento bakuniniano não se resumia apenas ao campo econômico ou derivado dele como, segundo Bakunin, acreditavam os marxistas:

> O espírito marxista só via os problemas, antes de tudo e, sobretudo, sob o ângulo econômico, todos outros parecendo-lhe, segundo a doutrina, subordinados (por exemplo, a emancipação da mulher não devia ser o resultado de um direito moral, mas da evolução das formas de produção, única maneira "científica" de apresentar o problema); o espírito bakuninista, humanista antes de tudo abarcava o ponto de vista econômico, mas igualmente ético e humano.[21]

Ao fundar a Aliança Internacional da Democracia Socialista Bakunin deixa claro que a intenção de fundar a Aliança não era causar hostilidade dentro da Internacional, por isso "adere à Internacional impondo a cada um de seus seguidores a aceitação do programa redigido pelo Conselho Geral de Londres".[22]

Todo seu esforço dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)[23] foi a favor da importância dos trabalhadores se organizarem em cooperativas operárias, associações e federações, pois segundo ele, essas organizações eram uma forma que os trabalhadores

[20] LEVAL; BAKUNIN. Op. Cit. p.91-92.
[21] LEVAL; BAKUNIN. Op. Cit. p.33.
[22] LEVAL; BAKUNIN. *Op.* cit, p.32.
[23] Considerada a Primeira Internacional fundada em 28 de setembro de 1864, na cidade de Londres. Por ser uma organização internacional que pretendia fazer a união dos operários da Europa e das Américas, a Internacional era constituída por vários operários que pertenciam a diversas organizações diferentes.

tinham de se instruir e educar de maneira que lhes tornasse mais clara a condição de penúria em que eles se encontravam. Segundo Bakunin o objetivo da AIT é:

> A justiça, nada além da mais estrita justiça e o direito ao trabalho para todos. (...). (...) Alcançar uma organização econômica, política e social, na qual todo ser humano, sem prejuízo para suas particularidades naturais e individuais, encontra uma igual possibilidade de desenvolver-se, instruir-se, pensar, trabalhar, agir e desfrutar a vida como homem.[24]

A AIT era uma organização dividida entre aqueles que defendiam um programa político e outro grupo que acreditava que o fator econômico deveria ser o vetor principal no debate que se seguia e dentro da Associação segundo Alexandre Samis:

> Estas posições refletiam o crescimento de uma vertente de perspectiva econômica que pretendia, pela greve geral, acabar com a exploração capitalista. Entre os anos de 1870 e 1871, entretanto, com o enfraquecimento da Internacional, passou a vigência em seu interior uma orientação mais política para o movimento social.[25]

Dessa forma, durante todo tempo em que esteve presente na Internacional, dedicou-se apaixonadamente a divulgar um pensamento contrário ao partidarismo autoritário, que ele considerava burguês e que levava o trabalhador à exploração desenfreada do capitalismo e do Estado. Ao lutar contra o sistema capitalista que segundo ele "é a principal fonte de servidão do trabalhador"[26], Bakunin acreditava que sem a emancipação econômica, o trabalhador torna-se escravo moral e intelectual do capital.

O ser humano é imediatista, quer que as coisas aconteçam logo, não consegue enxergar aquilo que lhe aflige, não observa os males como um todo falta-lhe percepção e solidariedade. No entanto para Bakunin o conhecimento, a instrução e o aprendizado eram indispensáveis, muito mais do que o ganho imediato de bens materiais, pois o operário deve em primeiro lugar alimentar o espírito, e as organizações deveriam ter um compromisso com o trabalhador de fazê-lo capacitado, educando-o e tornando consciente de suas necessidades e de sua condição. É na organização que:

> Eles instruem-se, informam-se mutuamente, e põem fim por seus próprios esforços, a essa tal ignorância que é uma das principais causas de sua escravidão. Pela associação, eles aprendem a ajudar-se, conhecer-se, apoiar-se um no outro e acabarão por criar força mais formidável do que aquela que todos os capitais burgueses e de todos os poderes políticos reunidos.[27]

---

[24]LEVAL; BAKUNIN. Op.cit. p.91-92.
[25] KROPOTKIN, apud, SAMIS. Op. cit, 2007, p.11.
[26]LEVAL; BAKUNIN. Op.cit. p.27.

[27]LEVAL; BAKUNIN. *Op. cit.* p.48.

Visto que o trabalhador não tem instrução necessária que lhe permita ter o entendimento de sua condição, faz-se necessário falar-lhe de igual para igual, sem teorias, raciocinar com o proletário, tocando nas suas feridas, mostrando a verdadeira causa de seus infortúnios porque:

> Só os indivíduos, e somente um muito pequeno número de indivíduos, deixam-se determinar pela 'ideia' abstrata e pura. Os milhões, as massas, não apenas no proletariado, mas igualmente em todas as classes esclarecidas e privilegiadas, nunca se deixam levar senão pela potência e pela lógica dos "fatos", não compreendendo, na maior parte do tempo, senão seus interesses imediatos, ou suas paixões do momento, sempre mais ou menos cegas. Assim, para interessar e para envolver o proletariado na obra Internacional, seria preciso, é preciso aproximar-se dele não com ideias gerais e abstratas, mas com a compreensão real e viva de seus males reais.[28]

A greve geral deve ser o ponto inicial de uma revolução, tendo como base as federações e a união internacional dos trabalhadores, pois o internacionalismo contribuirá para que todos os operários sejam solidários uns com os outros, impedindo que pessoas de outras regiões furem as greves, daí a necessidade da internacionalização.

Bakunin via a greve geral como uma forma de coletividade e união, uma oportunidade de mudança material:

> Quando as greves ampliam-se, comunicam-se pouco a pouco, é que elas estão bem perto de se tornar uma greve geral; e uma greve geral, com as idéias de liberação que reinam hoje no proletariado, só pode resultar num grande cataclisma que provocaria uma mudança radical na. Ainda não estamos nesse ponto, sem dúvida, mas tudo nos leva a isso.

A greve é um instrumento favorável à luta, tendo um caráter efêmero, posto que, ela sozinha não resolve o problema dos operários. Somente o fim da desigualdade, através do processo revolucionário, da união e do trabalho coletivo que só ocorre através da transformação individual de cada um, é que o trabalhador chegará a sua glória e suas conquistas.

No entanto, é fato que a greve não sendo suficiente para que os burgueses cedam, é imprescindível a união de todos os trabalhadores, e algumas vezes ocorrendo a necessidade do uso da violência, nesse caso Bakunin argumenta que:

> O dia em que a grande maioria dos trabalhadores da América e da Europa tiver ingressado e estiver bem organizada em seu seio (trata-se da Internacional), não haverá mais necessidade de revolução: sem

[28]Loc. c*it.*

> violência, far-se-á justiça. E se houver, então, cabeças quebradas, é porque os burgueses desejaram.[29]

A luta de Bakunin era para que as organizações, assim como a própria internacional, fossem lideradas apenas pelos trabalhadores, sem que houvesse hierarquias. Nisso ele se opunha radicalmente aos socialistas "autoritários" e combativos que, segundo ele, pretendiam tornar a Internacional uma organização eleitoreira.

> O trabalhador só consegue adquirir consciência quando participa ativamente e em conjunto com os outros companheiros dentro das organizações. Pois são as organizações os lugares onde os operários se "instruem, informam-se mutuamente, e põem fim por seus próprios esforços, a essa fatal ignorância que é uma das principais causas de sua escravidão.[30]

Sendo a Internacional uma organização que estava claramente dividida entre socialistas autoritários que defendiam a centralização política e socialistas libertários que tinham como base a ação e, segundo o líder anarquista a ideia que tudo se resume ao campo econômico, Bakunin fez uma crítica em relação a questão econômica. Para ele, se ater apenas às questões econômicas "seria para o proletariado questão de morte" [31], posto que outras questões como trabalhar a moral, a intelectualidade, a importância da instrução como forma de emancipação do indivíduo eram fundamentais no processo de revolução.

Bakunin partiu de um princípio filosófico baseado em uma sociedade organizada sem a presença do Estado e da Igreja, pois para ele estas instituições são os piores males da sociedade, porque aprisionam as pessoas na ignorância mantendo-as privadas dos mais elementares subsídios para uma vida plena, como a satisfação dos seus desejos e suas necessidades, tais como intelectuais e materiais, e a única maneira de sair desta situação de ignorância a qual se encontra o povo é através da revolução social. Para Bakunin:

> há somente três meios: dois fantásticos, e o terceiro real. Os dois primeiros são o cabaré e a igreja; o terceiro é a revolução social. Esta última, muito mais que a propaganda antiteológica dos livres-pensadores, será capaz de destruir as crenças religiosas e os hábitos de libertinagem no povo, crenças e hábitos que estão mais intimamente ligados do que se pensa. Substituindo os gozos simultaneamente ilusórios e brutais da orgia corporal e espiritual pelos gozos tão delicados quanto ricos da humanidade desenvolvida em cada um e

[29] LEVAL; BAKUNIN. *Op. Cit*. p.58.
[30] Ibidem, p.68.
[31] Ibidem, p.71.

> em todos, a revolução social terá a força de fechar ao mesmo tempo todos os cabarés e todas as igrejas.[32]

Sendo a revolução social o meio para a emancipação Bakunin procura enfatizar que:

> É preciso lembrar quanto e como as religiões embrutecem e corrompem os povos? Elas matam neles a razão, o principal instrumento da emancipação humana e os deduzem a imbecilidade, condição essencial da escravidão. Elas matam a noção e o sentimento da justiça humana, fazendo sempre pender a balança para o lado dos patifes triunfantes, objetos privilegiados da graça divina. Elas matam o orgulho e a dignidade humana, protegendo apenas a submissos e os humildes. Elas sufocam no coração dos povos todo sentimento de fraternidade humana, preenchendo-o de crueldade. [33]

Coletivista, acreditava na livre organização de associações, federações e comunas, pregando sempre a liberdade que ele tanto amava. Assim como, a defesa da igualdade econômica e social para todas as pessoas que só poderia ser alcançada "através da ação coletiva da sociedade inteira; ele só se emancipa do jugo da natureza exterior pelo trabalho coletivo ou social que é o único capaz de transformar a superfície da terra em lugar favorável aos progressos da humanidade" [34] sem imposição de nenhum órgão ou instituição.

Liberdade e Estado são incompatíveis, por isso o Estado deveria ser destruído junto com todas as instituições que ele representava. Associava a autonomia pessoal no desenvolvimento de uma vida absoluta, inteira e igualitária "que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potencialidades materiais, intelectuais e morais que se encontrem em estado latente de cada um." [35]

O entendimento de igualdade não se resumia somente ao campo social e econômico, pois a ideia de igualdade entre os sexos já havia sido expressada ao fundar a Aliança Internacional da Democracia Socialista em 1864. Bakunin era completamente a favor da emancipação e da igualdade de direitos para as mulheres em todos os sentidos, econômico, social e político. Assim como a livre união matrimonial, pois para ele o casamento jurídico e religioso nada mais era do que a continuação do Estado, pois ao realizar uma união jurídica os indivíduos necessitam da autorização do Estado, o que para ele uma união para ser verdadeira deveria ser livre baseada no respeito e no amor mútuo. Pois "no casamento livre o homem e a mulher

---

[32] BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. Disponível em http://anarquistas-pi.blogspot.com.br/p/biblioteca.html, 2002, p.15. Acesso. 11/10/2016.

[33] Ibidem, p.24.

[34] GUÉRIM, Daniel. *BAKUNIN Textos Escolhidos*. Rio Grande do Sul: L&PM, 1983, p.32.

[35] Ibidem, p.28.

devem igualmente gozar de uma liberdade absoluta. Nem a violência da paixão, nem os direitos livremente concedidos do passado poderão servir de desculpa para nenhum atentado de um contra a liberdade do outro, e semelhantes atentados são considerados crimes". [36]

1.4 O anarquismo no Brasil no início do século XX e sua influência no Movimento Operário.

As sociedades capitalistas estão divididas em classes: a classe burguesa que abrangem todos aqueles que possuem os meios de produção, como os empresários e grandes industriais, e a classe operária que vende sua força de trabalho. Como classe média entende-se os pequenos empresários, pequenos proprietários de terra, sendo os professores e profissionais liberais considerados não como classe, mas como camadas médias urbanas.

A consciência de classe[37] se dá à medida que os indivíduos com os mesmos interesses e objetivos conseguem perceber qual o papel que eles ocupam na sociedade e o que eles representam nela.

O final do século XIX e início do século XX foi marcado por profundas transformações econômicas, políticas e sociais. O café que desde o início do século XIX já havia se consolidado como principal produto de exportação nacional trouxe para o país mudanças nas estruturas urbanas e sociais, como o aperfeiçoamento no sistema de transportes, assim como, a criação de ferrovias para o fluxo do café.

A partir de 1870 as lavouras de café já contavam com significativa presença de imigrantes, sem contar que os elevados lucros obtidos pelos cafeicultores passaram a ser investidos nos centros urbanos, ou seja:

---

[36] DANIEL GUÉRIN, apud. BAKUNIN. Op. cit. p.66.

[37] Para entender consciência de classe, há que se entender em primeiro lugar o sentido de classe que, segundo E.P. Thompson "a classe acontece quando alguns homens como resultados de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens, cujo os interesses diferem (geralmente se opõe dos seus). A experiência de classe é determinada em grande medida, pelas reações de produção em que os homens nasceram – ou lutaram involuntariamente. Já a consciência é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. (...) A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma. E.P.Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa*.10. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Vol.3. 2000, p.10.

.

> A economia cafeeira em São Paulo, enfim organizada em moldes capitalistas, produziu grandes lucros nas décadas de 1870 e 1880. O desenvolvimento urbano, fator de decorrência da expansão cafeeira, foi seguido de um crescimento industrial de certo vulto. Os lucros auferidos com a produção e a comercialização do café propiciaram em parte o capital para o desenvolvimento da indústria em nosso país. Muitos cafeicultores passaram a investir seus lucros em atividades urbano- industriais.[38]

Este crescimento industrial obviamente foi acompanhado por um aumento populacional que foi sendo incorporado nestas indústrias. Se no campo o trabalhador rural se deparava com péssimas condições de vida e trabalho, nos centros urbanos esta situação não seria diferente.

O Estado não amparava o trabalhador no que se refere às questões sociais, pelo contrário, utilizava sua força para reprimir qualquer tipo de revolta. É a partir das várias formas de exploração que foram surgindo algumas manifestações, ainda que inicialmente de caráter individual, como exemplo disso era costume alguns operários se revoltarem dentro da fábrica e agredir o contra-mestre.

Não existia uma organização efetiva dos trabalhadores, esta organização vai aparecendo aos poucos com o surgimento das primeiras associações de amparo ao operário, que visavam o socorro em casos de doença ou morte, nestas associações não havia a intenção de reivindicar direitos, eram as chamadas associações mutualistas.

As associações mutualistas geralmente eram fundadas pelos operários, que em face da extrema pobreza visavam dar assistência, ainda que pouca a uma classe operária desvalida de qualquer benefício ou direito, mas coberta de deveres e sujeita a péssimas condições de trabalho, insalubridade e pouquíssimos recursos.

O mutualismo[39] surgiu na Europa com tendência socialista, tinha caráter de ajuda assistencialista, e algumas vezes cultural e profissional. Estas associações não promoviam nenhuma atividade de origem reivindicatória, nem procuravam estabelecer rivalidades com seus patrões. As primeiras associações mutualistas no Brasil tiveram sua origem em 1833 (Sociedades de Oficiais e Empregados da Marinha), justamente num período em que era proibida a criação de qualquer tipo de organização, fossem elas confrarias, clubes, associações

[38] DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, Trabalho e Cotidiano Brasil – 1889 – 1930***.** São Paulo, Atual Editora, 1991, p.4.

[39] O mutualismo no Brasil tinha um caráter socorrista de proteção social ao trabalhador e sua família, diferente do mutualismo de Proudhon caracterizado como um sistema econômico e social, onde os trabalhadores organizam a produção e detêm a posse da terra através de associações sem intervenção do Estado. Como exemplo em 1825 trabalhadores da cidade Lyon fundaram "uma sociedade de socorro mútuo. Esta organização foi fundamental para orientar a pressão dos trabalhadores que exigiam tarifas de proteção para os preços dos tecidos, fator de garantia de melhores salários". SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris.* São Paulo: Hedra, 2011, p.38.

e grêmios, devido a Constituição de 1824, que proibia esses tipos de reuniões. Com o passar do tempo estas associações mutualistas foram perdendo espaço para os sindicatos.

A República almejada por alguns e que trazia a expectativa de transformações sociais e econômicas para a população, como afirma Claudio Batalha: "Trouxe inicialmente esperança que logo deu lugar à decepção àqueles que buscavam obter a regulamentação do trabalho e a garantia de direitos políticos através da organização dos trabalhadores".[40] Formada por brasileiros, entre eles ex-escravos, imigrantes, mulheres e menores, a formação da classe operária no Brasil foi marcada por profundas diferenças de cor, sexo e nacionalidade. Percebe-se esta heterogeneidade principalmente na questão do gênero, pois as mulheres faziam parte de um grande contingente nas fábricas:

> O trabalho feminino tinha um peso significativo na composição da força de trabalho da época, embora se concentrasse, em sua quase totalidade, nos setores têxtil, do vestuário e toucador. A presença de mulheres e meninas nas fábricas, bem como de menores em geral, favorecia certos mecanismos de super exploração, entre eles, o próprio rebaixamento de salários.[41]

Como parte desta heterogeneidade os imigrantes que vieram para trabalhar em São Paulo e no Rio de Janeiro eram em sua maioria espanhóis, portugueses e italianos. Os que se estabeleceram no Brasil vieram em grande parte para trabalhar nas lavouras de café com a finalidade de constituir colônias destinadas ao cultivo da pequena propriedade. Logo, esbarraram com os interesses dos grandes proprietários que impediram o governo de levar este projeto adiante.

> Em 1880, o governo provincial consulta o Clube da Lavoura sobre a fundação de uma colônia nas proximidades de Campinas, 'onde o imigrante pudesse estabelecer com proveito a sua pequena lavoura donde a grande lavoura pudesse abastecer-se de braços em ocasiões próprias'. Contudo, uma vez aberta a perspectiva da imigração subvencionada em grande escala, suspender-se-á mesmo este tipo de aliança e a experiência negativa dos núcleos oficiais servirá ao Oeste mais novo, imigrantista, de argumento para justificar a subordinação absoluta e total da introdução de imigrantes ao interesses da grande lavoura.[42]

---

[40] BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000, P.37.

[41] HARDMAN, Foot; Leonard, Victor: *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*, São Paulo, Ática, 1982, p.140.

[42] BEIGUELMAN, Paula. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro* – Aspectos Políticos. São Paulo, Pioneira Editora, 1978, p.59.

Com o passar do tempo em busca de melhores condições de vida, os imigrantes foram abandonando as lavouras indo para os centros urbanos para trabalhar nas fábricas chegando a constituir a maior parte do operariado. Aqueles que não conseguiam se empregar nas indústrias acabavam desempenhando atividades autônomas como sapateiros, engraxates, marceneiros, motoristas, etc., além de dominarem o comércio e o artesanato, sempre a procura de novas oportunidades e meios de melhorar de vida.

Diante dessa busca por melhores condições de vida, o imigrante passa a ser visto pelo trabalhador nacional com certo despeito, embora o mesmo, não mostrasse o mesmo desempenho e otimismo para o trabalho como o estrangeiro, pois:

> Com o efeito, o artesanato nacional independente exercia, com habilidade profissional, as tarefas para as quais era solicitado. Entretanto, mesmo a população não ocupada, não buscava descobrir recursos novos. As solicitações eram atendidas, porém não propostas pelo elemento nacional – ao contrário do que se dava com o imigrante, psicoeconomicamente equipado para aproveitar as brechas ainda não exploradas da economia urbana, nas atividades não qualificadas, atuando no ritmo mais adequado ao seu objetivo de melhoria da situação sócio-econômica.[43]

A imigração não se limitou somente a vinda de operários, grande parte das indústrias que se estabeleceram no Brasil pertencia a imigrantes como "Matarazzo, Crespi, Gamba, Diederichsen, Lundgren, os Jafet, os Weissflog, os Klabin, entre outros[44]. Assim como militantes operários como Gigi Damiani e Orestes Ristori[45], embora não fossem operários tiveram importância fundamental no meio operário. Depois de serem presos e cumprirem pena em seus países acusados de militar a favor do trabalhador e do anarquismo, vieram para o Brasil e juntamente com outros anarquistas brasileiros, como Edgard Leuenroth, participaram ativamente da militância no Brasil no movimento operário, principalmente na organização de jornais libertários.

Neste período a maior parte das indústrias no Brasil concentrava-se no Rio de Janeiro, que abrangia 30% e São Paulo 16% das indústrias[46]. Estas estatísticas, de acordo com o processo histórico pelo qual o Brasil havia passado principalmente no que se refere ao fim da escravidão, só vieram confirmar um aumento populacional e industrial especialmente na capital.

---

[43] BEILGUELMAN, Ibidem, p.117.
[44] DECCA, Op.Cit., p.9.
[45] RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar A Utopia da Cidade Disciplinar e a Resistência Anarquista.* São Paulo/ Rio de Janeiro. Paz & Terra, 2014, p.30.
[46] SAMIS, Alexandre. *Sindicalismo e Anarquismo no Brasil.* Disponível em <HTTPS://www.cabn.libertar.org/wp-content/uploads2012/02/Alexandre> p.6. Acesso em 11/10/2016.

Este aumento da indústria e da população não foi acompanhado por reformas básicas na sociedade, como melhores condições de vida e trabalho. A carestia abria espaço para a insatisfação do operário que sofria com péssima remuneração, ambientes insalubres nas fábricas e as longas horas de trabalho.

Como resposta a esta insatisfação, o início do século XX foi marcado por uma série de manifestações, como greves, difusão de jornais, organização de sindicatos, ligas operárias e associações. Em 1900 os operários já contavam com alguns jornais de tendência libertária como a *Tribuna Operária*, *Avanti*, jornal socialista dirigido por Alceste de Ambrys, *La Battaglia* cujo primeiro número saiu em 25-11-1900 e *A Lanterna*[47] um jornal anticlerical, estes dois últimos de tendência anarquista.

Ainda no ano de 1900 os estivadores organizaram uma greve exigindo aumento de salário. Em 1902 ocorreu a greve na Fábrica Tabacow e na fábrica de chapéus Deodato Leme. Geralmente o que se colocava na ordem do dia nestas greves era aumento de salário.[48] Sempre havia algum órgão auxiliando os trabalhadores nas greves. No caso dos operários da Fábrica Tabacow houve a contribuição do Grêmio Popular dos Estivadores. Já na Fábrica Deodato Leme, os operários contaram com a ajuda da Liga de Resistência entre Chapeleiros e anexos.

A fundação das Ligas Operárias, associações e sindicatos foram fundamentais para o movimento operário que se iniciava, pois estas instituições eram importantes para exortar o trabalhador à causa operária, assim como a criação do Clube Democrático Socialista Os Filhos do Trabalho, que teve a participação de vários companheiros como:

> Ambrosio Mascaro, Domingos Ramondino, Francisco Caravolo, Felici Franzi, Gaspar Mascaro, Horacio Simonetti, Luiz Procópio, Miguel Passeri, Nicolau Primola, Pascoal Asteses, Pascoal Seraxolo, Pedro Marchi, Raimundo Pioversan, Rodrigues Andreotti, Verondi Cesar e outros.[49]

Fundado em 25-09-1900 este clube tinha o objetivo informar os prejuízos que o capitalismo levava aos trabalhadores. Em seu manifesto de 1º de maio de 1901, escrito pelo socialista Euclides da Cunha, o manifesto apontava: "A rebelião do proletário, pela exata distribuição da justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um

---

[47] LINHARES, Hermínio. *Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977, p.40.

[48] Para uma melhor cronologia de greves, formação de associações, jornais, ligas operárias, ver: Hermínio Linhares, *Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.

[49] LINHARES, Op.cit, p.41.

merece, abolindo-se os privilégios quer do nascimento, quer da fortuna, quer da força.[50] O manifesto reivindicava ainda:

> 1º)- Modificação dos artigos do Código Penal e Civil que prejudicam a personalidade humana e jurídica do trabalhador;º) Reconhecimento da pela liberdade de reunião e greve; 3º) Leis protetoras do trabalho das mulheres e das crianças; 4º)Fixação do máximo das horas de trabalho; 5º) Fixação do mínimo de salários; 6º) Criação da caixa-pensão para os velhos e para os incapazes de trabalhar.[51]

Os anarquistas eram contra o Estado, a burguesia e a Igreja[52]. Era preciso acabar com essa tríade, pois segundo o pensamento ácrata todo Estado é autoritário e ele existe para que sejam criadas leis que favoreçam a burguesia e a mesma consiga manter o domínio da classe trabalhadora.

Com relação à Igreja, esta exercia seu domínio através de um discurso que ensinava o homem a resignar-se diante dos males que o afligiam esperando em Deus um futuro próspero no reino dos céus.

De um lado os jornais anarquistas atacavam o Estado, a burguesia e a Igreja defendendo a fim de tudo o que estas instituições representavam como: autoridade, hierarquia, propriedade privada e exploração; por outro defendia os princípios libertários do anarquismo baseados no amor livre, coletivismo, solidariedade, liberdade e a individualidade do ser humano. Defendia ainda a transformação moral e ética do homem dentro de uma sociedade harmoniosa e justa.

Atuando como uma ferramenta altamente combativa, a imprensa operária desempenhava o papel de "porta-voz" [53]da classe operária, denunciando as injustiças as quais os trabalhadores eram submetidos, ao mesmo tempo em que estimulava o operário a lutar contra toda opressão, como deixa bem claro *O Amigo do Povo*, jornal anarquista publicado quinzenalmente e dirigido por Neno Vasco:

> A opressão que mais diretamente pesa sobre os trabalhadores e que é a causa principal de todas as sujeições moraes e materiaes por eles sofridas é a econômica: a exploração praticada sobre os trabalhadores pelos patrões e pelos comerciantes, graças ao monopólio de todos os grandes meios de produção e de troca.[54]

---

[50] Ibidem, p.40.
[51] Ibidem, p.41.
[52] Em *Princípio Anarquista E outros Ensaios* Kropotkin deixa bem clara a idéia anarquista de negação do Estado e da Igreja.
[53] MARQUES, João Carlos. *A Voz do Trabalhador: Cultura Operária e Resistência Anarquista no Rio de Janeiro (1908- 1915).* Universidade Estadual de Londrina. Dissertação de Mestrado em História Social, 2012, p.859.

[54] *O AMIGO DO POVO*, 24/05/1902.

A opressão econômica para os anarquistas era a grande causadora dos males do trabalhador, porém não era a única, diferentemente dos marxistas que "só viam os problemas, antes de tudo e, sobretudo sob o ângulo econômico," [55] os anarquistas acreditavam que a causa da opressão econômica estava baseada no Estado autoritário, e que o fim da opressão se daria através da posse da terra e dos meios de produção, assim como, o fim do Estado através da "organização da sociedade por ela mesma, sem intervenção política e governamental." [56]

Por serem contra toda e qualquer forma de dominação, além de combaterem o Estado, os jornais anarquistas atacavam a Igreja porque, segundo eles a Igreja tem o papel de adormecer a consciência do trabalhador fazendo com que ele aceite de maneira mansa as misérias da vida. Para criticar a Igreja, militantes anarquistas como Benjamim Mota e Edgard Leuenroth fundaram o jornal anticlerical *A Lanterna*. Pode-se resumir o pensamento anticlerical deste jornal da seguinte forma:

> A expressão anticlericalismo, tornando-se integral, como nós o faremos, abrange: a) a luta contra os padres para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdócio como profissão, tendo o interesse material por base, etc. O que é importante para as camadas mais simples da população, que vêem o padre e não os dogmas e mitos, como importantes pois, para o povo que lia os enciclopedistas, a propaganda pelo libelo, pelo panfleto, contra a realeza, a nobreza, e o clero...[57]

Os jornais anarquistas buscavam passar um ideal voltado para a transformação do indivíduo, por isso acreditavam na importância da educação, no crescimento do ser humano enquanto indivíduo, daí a valorização de um ensino livre da intervenção do Estado e da Igreja.

Este conjunto de ideias progressistas na área da educação fazia parte da ideologia anarquista, pois os mesmos acreditavam fielmente na educação como uma ferramenta importante para a transformação intelectual, moral e social. Basearam-se na ideologia do filósofo, pedagogo Francisco Ferrer Y Guardia, criador da Escola Moderna. A importância da educação libertária criada por Ferrer também foi divulgada na imprensa, e os anarquistas consideravam o pedagogo um mártir. Ferrer foi assassinado pelo Exército espanhol, e a imprensa no Brasil registrou sua morte com grande pesar:

> O grande crime foi consumado.

[55] BAKUNIN, Mikhail. Op.cit. 2007, p.32.
[56] Ibidem, p.40.
[57] *A LANTERNA*, 21/12/1912.

> Francisco Ferrer, o ilustre pensador hespanhol, o ilustre e talentoso apóstolo da educação popular, acaba de ser assassinado nos calabouços de Montjuich. Caindo como um novo Galileu, como um novo Giordano Bruno, como um novo Servet, vítima do fanatismo inquisitorial da canalha jesuítica, dessa raça maldita de incansáveis Torquemadas, que, como um imenso bando de urubus, erguem-se sobre a terra, quasi eclipando o sol, envolvendo-a em uma tenebrosa noite com a negrura de suas asas.[58]

Os jornais libertários tinham o objetivo de manter o trabalhador consciente do que estava acontecendo no meio operário. Em suas páginas, além dos textos, vinham sempre com muitas imagens que tinha o objetivo de atingir parte do leitor que não era alfabetizada[59].

No entanto, é preciso notar que os jornais operários, fossem eles anarquistas ou não, geralmente tinham vida curta, pois vários fatores contribuíam para isso, como por exemplo, o fator econômico. Algumas vezes esses jornais saiam de circulação e reapareciam algum tempo depois.

1.5 Os Congressos Operários- Afirmação anarquista em 1906.

Em 1906 ocorreu o Primeiro Congresso Operário, que teve absoluta importância para os anarquistas, pois embora não fossem a maioria, suas teses foram as mais aceitas. Foi a partir deste congresso que o anarquismo se consolidou enquanto ideologia política, e que influenciou a classe trabalhadora, dominando o movimento operário até o início da década de 1920. O Congresso operário de 1906 além de definir as estratégias e lutas a serem travadas, tinha um caráter de união, solidariedade e orientava o trabalhador a se instruir. “Aconselhava o proletariado a organizar-se em sociedade de resistência econômica, agrupamento essencial e, sem abandonar a defesa, pela ação direta, dos rudimentares direitos políticos de que necessitavam as organizações econômicas.[60]

Ficou acordado neste Congresso a organização do operariado, a luta pela ação direta, a regulamentação do trabalho feminino, a luta contra o alcoolismo - que os anarquistas consideravam um dos males que afastava o trabalhador da sua causa maior, a emancipação. Outras reivindicações, que faziam parte da pauta anarquista e que eram anteriores ao Congresso como: diminuição da carga horária de trabalho para oito horas diárias e melhores condições de trabalho também foram aprovadas.

---

[58] *A LANTERNA*, 17/10/1909
[59] MARQUES, Op.cit. p.13.
[60] REZENDE, Antonio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Ática, 1994, p.12.

Por conter medidas que estimulavam os operários a se associarem e por pregarem ação direta, muitos historiadores afirmam que a estratégia de ação utilizada pelos anarquistas foi o sindicalismo revolucionário. Segundo Alexandre Samis:

> A opção pelo sindicalismo revolucionário explícita no texto final acontecia por diversos motivos. O primeiro deles, e muito provavelmente por razões análogas teria sido esse modelo adotado em outras partes do mundo, foi a capacidade e abrangência do programa que previa a possibilidade de convivência de "opiniões políticas e religiosas, elegendo o campo econômico, por ser ele mais universal e de clara compreensão, como de interesse comum de todos os operários. Outro ponto importante era o federalismo, que facultava aos sindicatos autonomia dentro da federação e, por sua vez, da federação, frente à confederação.[61]

Criou-se Confederação Operária Brasileira (COB) que só iniciou seus trabalhos em 1908, juntamente com o jornal *A Voz do Trabalhador*, um periódico que seguia a linha do sindicalismo revolucionário[62].

Em 1913 a Confederação Operária Brasileira, em resposta ao Congresso pelego organizado em 1912 pelo deputado Mario Hermes, filho do presidente Hermes da Fonseca, organizou o segundo Congresso Operário Brasileiro. Este Congresso organizado no mês de setembro no Centro Cosmopolita teve as mesmas características de 1906, porém, mais expressivo do que o primeiro em termos de participação de associações e sindicatos[64] do que no Congresso de 1906. Os associados incentivavam os trabalhadores a não serem obedientes ao Estado, e não se prenderem a estatutos e regulamentos, porque estes instrumentos burocráticos levavam a práticas coercitivas impedindo que os trabalhadores alcançassem seus objetivos.

Outra atuação importante da COB no Congresso de 1913 foi em relação às campanhas anti-militaristas:

> O auge da luta anarquista contra a guerra, no Brasil, foi marcado pela realização do *Congresso Internacional da Paz*, no Rio de Janeiro, de 14 a 16 de outubro de 1915; coordenado pela Confederação Operária Brasileira, dele participaram dezenas de organizações operárias do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, além de delegações internacionais da Argentina, Portugal e Espanha.[65]

---

[61] SAMIS, Op.cit. p.6-7.
[62] LINHARES, Op.cit. p.51.
[64] SAMIS, Op.cit. p.9.
[65] HARDMAN; LEONARD, Op.cit., p.264.

Até 1916 os protestos contra a guerra foram bastante intensos. Já em 1917 ocorreu uma diminuição destes protestos devido à repressão, mas mesmo assim, os jornais continuavam denunciando a guerra como a grande inimiga do povo e causadora das misérias humanas.

> Tres annos de guerra. Tres anos de luto. Tres annos de miséria. Tres anos de angústia e sofrimento!
> Cidades destruídas. Campos devastados. Museus e escolas incendiados. Populações inteiras desaparecidas. Tudo isso praticado em nome do estúpido e odioso preconceito patriótico! Eis o que a canalha burgueza e governante reduzio quase toda a Europa. Crimes sobre crimes. Em toda parte tem sido esse o papel das classes dominantes.[66]

Nas comemorações do 1º de maio de 1917, os operários foram às ruas, e além das reivindicações básicas pelas quais lutava a classe trabalhadora, os militantes pediam paz.

Em 1920 realizou-se o Terceiro Congresso Operário Brasileiro no Rio de Janeiro. Sobre os principais temas, os que mais se destacaram foram:

> (...) Dos inúmeros temas distribuídos destacam-se três de magna importância: a organização operária, a finalidade de suas lutas e a propaganda social dos campos (...). (...) Nosso operário realmente não teve ainda uma organização completa, não passando o que si está de um simples ensaio ou esboço, alterável pelas lições de prática.[67]

Este Congresso Operário foi um pouco mais expressivo que o anterior no que se refere ao número de associações. Foi a partir deste período que se percebeu um arrefecimento do movimento operário, devido à expulsão de vários militantes e do aumento da repressão.

Neste Congresso reforçaram-se as mesmas resoluções dos Congressos de 1906 e 1913. Uma característica dele foi a abrangência com relação às correntes ideológicas, pois praticamente todas elas estavam representadas[68]. Outra questão importante neste Congresso estava ligada aos sindicatos, pois nos congressos anteriores estavam divididos por ofícios e a partir de 1920 se dividiriam por indústrias.

O congresso foi encerrado com moções de apoio a todos os trabalhadores perseguidos, e "manifestações contra o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecth," trucidados pelos integrantes dos *freikorps* ligados aos nazistas[69].

1.6 As Greves - Um caso de polícia.

---

[66] *A PLEBE 04/08/1917*.
[67] *A PLEBE*, 01/05/1920.
[68] SAMIS, Op.cit., p.9.
[69] Ibidem, p.10.

O início do século XX foi marcado por uma série de greves. Já no século XIX, alguns trabalhadores se organizavam utilizando a greve como forma de reivindicação. Prova disso é o caso da primeira greve ocorrida no Brasil, a greve dos tipógrafos de 1858, no Rio de Janeiro. Com relação a esta greve, os operários pararam porque lhes foi negado aumento de salário, (o último aumento que tiveram fora em 1855). Após a fracassada tentativa de negociação entre os funcionários dos jornais *Diário do Rio de Janeiro, Comércio Mercantil e Jornal do Comércio* e os patrões, os tipógrafos resolveram entrar em greve.

Depois da paralisação dos tipógrafos ocorreram outras greves como a greve dos operários do porto de Santos em 1889 e depois novamente em maior escala em 1891, em 1894 os funcionários da São Paulo Railway em Santos, em 1896 os funcionários da fábrica de chapéu Adolfo Schritzmeyer decidem paralisar seus trabalhos em função da redução dos salários.

Mas foi a partir do século XX que as greves passaram a ocorrer com maior intensidade. Em 1901 os operários da fábrica de vidros Santa Marina fizeram uma paralisação em solidariedade aos camaradas da mesma fábrica que embora trabalhassem em posição de igualdade, apenas em fornos diferentes ainda recebiam em franco, moeda que na época tinha um valor inferior à moeda nacional. O jornal operário da época registra o fato:

> Grève dos Verriers (em francês no jornal operário= Greve dos Vidreiros)
> Desde sábado atrasado estão em greve os operários da fábrica de garrafas Santa Marina, dos srs. Prado & Jordão, na Água Branca.
> A completa cessação do trabalho deu-se porque tendo os proprietários da fábrica mandado parar o serviço no forno grande, cujo os operários estavam sendo pagos ao franco, ao cambio do dia, e descontentes por isso, os operários dos pequenos fornos, que são pagos na base de 1$000, moeda nacional, fazendo causa comum com seus companheiros abandonaram o trabalho.[70]

Em 1903 foi a vez dos operários das indústrias têxteis do Rio de Janeiro que contou com a participação de mais ou menos 40.000 pessoas. Esta greve foi importante, pois os operários conseguiram reduzir a "carga horária para nove e meia horas de trabalho." [71] Em 1906 eclodiu a greve geral dos marmoristas de Porto Alegre, as quais aderiram outras categorias. Em 1907 os pedreiros de São Paulo entraram em greve e assim como em Porto Alegre eles também conseguiram a redução da carga horária de trabalho.

[70] Apud. DECCA, Op.cit., 1991, p.73.
[71] LINHARES, Op.cit. p.45.

Outro exemplo que deu certo em termos de organização e solidariedade proletária foi o desencadeamento de uma série de greves no início de março de 1907 em SP, que começou com os operários da fábrica de veículos Capital. Em seguida vieram os operários da fábrica de tecidos Sant'Anna. "Em fins de abril, é a vez dos operários do Moinho Matarazzo, à Rua Monsenhor Andrade, onde uma comissão procura o Sr.Francisco Matarazzo, solicitando o aumento de 1$000 no salário diário e mais 25% para a turma do serviço noturno." [72]

Consequentemente os pedreiros, vidreiros, marceneiros, padeiros, além dos operários da Fábrica Mariângela e Crespi também aderem à greve e "os trabalhadores da Limpeza Pública e Particular." [73] A solidariedade entre os operários mais uma vez foi demonstrada quando os "encanadores e funileiros também atendidos em suas reivindicações combinaram em ceder dois dias de salário para os companheiros em greve." [74]

De um modo geral as reivindicações neste período ficaram em torno da jornada de 8 horas e do aumento de salário. Conforme as greves foram chegando ao fim e os trabalhadores foram voltando às suas atividades, os empresários aos poucos foram retrocedendo com relação aos acordos como denuncia o jornal La Battaglia:

> É bom que se saiba que as pequenas concessões feitas aos seus tecelões e tecelãs durante a greve, isto é, diminuição de horas de trabalho, aumento de 15% sobre os salários, abolição do trabalho noturno, estão sendo escamoteadas agora que esses operários, confiantes nas promessas dos balofo escravagista, voltaram ao trabalho.[75]

O surgimento das associações e sindicatos permitiu que o movimento ficasse um pouco mais organizado. Em função do Congresso operário de 1906 e das greves desencadeadas neste período o governo começou a aumentar cada vez mais a repressão aos trabalhadores, não só através da violência física, pois a greve era caso de polícia, mas através da criação de leis que reprimissem o operário, como a lei de expulsão dos estrangeiros, a Lei Adolfo Gordo, de 1907.

> O Sr.Adolfo Gordo, deputado da bancada paulista, autor deste projeto absurdo, para que ele fosse aceito pela câmara, juntou-lhe certas considerações de muito fácil constatação e que eu mesmo ouso refutar com a melhor boa vontade.
> Afirmou esse deputado que se o estrangeiro pode ser expulso antes de dois anos contínuos de residência, também o deverá ser depois, quando aqui estiver por muito tempo, pois, lembrou ele com seu gordo talento, torna-se

[72] BEIGUELMAN, Op.cit. p.154
[73] Ibidem, p.155.
[74] Loc.cit.

[75] Apud, BEIGUELMAN, Op.cit., p.158.

> mais perigoso por conhecer a língua, as leis, e os hábitos do paíz. Disse mais, que o indivíduo perigoso para o Estado, pensadamente casa com brasileira, ou se torna proprietário com o fim de evitar a expulsão.[76]

1.7 A greve de 1917 e a Insurreição Anarquista de 1918.

Apesar de a greve ter iniciado em julho de 1917, pode-se dizer que teve seus antecedentes a partir de maio, quando operários e militantes já se organizavam através de greves, comícios e jornais. Em junho os operários iniciaram uma greve no Cotonifício Crespi, que neste período descontava dos seus funcionários uma contribuição chamada de "pró-pátria", que era uma ajuda financeira à Itália que estava na Primeira Guerra Mundial. O jornal *A Plebe* registrou uma matéria sobre tal acontecimento:

> Os tecelões aproveitando o momento para eles oportuno do acúmulo de trabalho que está enchendo de dinheiro os burgueses e eles de miséria, já fizeram alguns movimentos.
> Os operários da seção de tecelagem a fábrica do **Cavalheiro** de exploração Rodolpho Crespi, após uma quinzena de greve conseguiram aumento de salário e abolição de contribuição obrigatória "pró-pátria.[77]

Na fábrica da Companhia têxtil na Mooca, os operários exigiram e conseguiram um aumento de salário, o mesmo acontecendo na fábrica Pinotti Gamba, no Cambucy. Em seguida entraram em greve os funcionários da fábrica Mariângela, e da Cia. Antártica. Os trabalhadores organizaram o Comitê de Defesa Proletária que tinha o objetivo de defender e orientar os operários, denunciar o descumprimento dos acordos feito pelos patrões aos trabalhadores, e foi criado também pelo comitê um fundo de defesa e socorro destinado a arrecadar fundos para ajudar os grevistas e suas famílias vítimas da greve[78].

O comitê que foi organizado pelos anarquistas Edgar Leuenroth, Gigi Damiani, entre outros, colocou-se em defesa dos grevistas estimulando-os a manterem-se firmes por melhores condições de vida e na luta contra o capital industrial. Aconselhou os trabalhadores "através de manifestos e boletins divulgados pela imprensa paulistana orientou os passos dos grevistas. Logo ao se formar, divulgou o primeiro manifesto em que protestou contra as atitudes arbitrárias da polícia." [79] Reivindicando a "jornada de trabalho de oito horas, redução

[76] *A LANTERNA*, 21/12/1912.
[77] *A PLEBE* 9/06/1917.

[79] LOPREATO, Cristina da Silva Roquete. *O Espírito da Revolta A greve Geral de 1917*. Tese de Doutorado, IFCH/ UNICAMP. São Paulo, 1996, p.27. https://www.passeidireto.com/.../lopreato-c-o-espirito-da-revolta-a-greve-geral-anarquista. Visto em 10/07/2017.

dos alugueis, respeito ao direito de organização, regulamentação do trabalho das mulheres e menores, e aumento de salário de 35% para salários inferiores a 5mil réis, e de 25% para os demais. [80]

A greve foi tratada com muita violência por parte da polícia contabilizando inúmeros feridos, entre trabalhadores e policiais, incluindo a morte do operário anarquista Antonio Martinez, cujo enterro serviu como um momento de protesto. Diante da violenta repressão contra os grevistas, foi divulgado um Manifesto aos Soldados, este manifesto era um pedido para que os soldados se unissem à causa operária:

> O grupo de mulheres grevistas que assinou o documento pediu aos soldados para se recusarem a agir como carrascos. Alguns casos de deserção e de insubordinação da soldadesca foram registrados no correr da greve, e pode ter sido fruto dos apelos dessas mulheres.[81]

A manifestação atingiu tamanha proporção que se alastrou para outras cidades de São Paulo tomando um caráter de greve geral no Estado como noticia o jornal *A PLEBE*.

> Como é sabido e notório, o operariado santista, cansado de sofrer a sorte de espoliações por parte da cohrte de sanguesugas que se locupletava ignobilmente com o seu suor, decidiu-se também imitar os seus irmãos paulistanos, recusando-se a trabalhar sem que visse a sua existência um pouco mais suavisada.[82]

A repercussão da greve chegou a outras capitais como no Rio de Janeiro:

> Rio, 23 de julho – O esplendido movimento paulista repercutiu fundamente neste marasmo carioca retesando energias adormecidas, afiando vontades amolentadas, reacendendo enthusiasmos apagados. A idéa da greve logo se alastrou, tomou vulto, e vai concretizando-se classe a classe, num irresistível impulso.[83]

A cidade de São Paulo ficou paralisada, somente os hospitais recebiam alimentos e o governador deixou a cidade não sendo capaz de negociar com os grevistas. As negociações passaram a ser feitas pelos jornalistas, que serviram de intermediários entre os patrões e o Comitê de Defesa Proletária. “Os trabalhadores concordaram com as propostas oferecidas

[80] REZENDE, Op.cit. p.17.

[81] LOPREATO, Op.cit. 1996, p.32.
[82] *A PLEBE, 28/07/1917.*
[83] *A PLEBE 28/07/1917*.

pelos empresários que se resumiram em "elevar em 20% os salários, não dispensar nenhum grevista, pagar quinzenalmente, conceder a jornada de oito horas de trabalho, etc." [84]

O sentimento de solidariedade esteve presente impulsionando os grevistas a não desistirem, pois os operários que tiveram suas reivindicações aceitas por parte de alguns patrões se mantiveram em greve em consideração aos demais grevistas que não tiveram seus pedidos aceitos. Cristina Lopreato afirma que a solidariedade foi o motivo principal para que a greve geral acontecesse. "A mobilização do operariado paulistano para a luta conjunta, através do apoio mútuo, possibilitou o acontecer da greve geral." [86] Além da atitude de permanência dos trabalhadores como forma de solidariedade, operários da Tecelagem Ítalo-Brasileira "decidiram doar 5% do salário para o fundo de greve, que já contava com doações de simpatizantes do movimento." [87]

Além da ação dos grevistas, é fundamental destacar a importância dos jornais, cuja maioria se manteve a favor dos trabalhadores, com exceção dos órgãos veiculados ao governo como *"Jornal do Comércio, A Plateia* e *Correio Paulistano.*" [88] Nos meses que antecederam a greve de julho de 1917, os jornais já sinalizavam para o problema dos preços dos alimentos e também "a má qualidade dos produtos, alimentos, a exploração do trabalho, em especial das mulheres e crianças, a deterioração das condições de trabalho e a relutância dos patrões em conceder aumentos salariais." [89]

Os jornais também tiveram sua participação no processo de negociação intermediando as relações entre patrão e trabalhadores na greve, visto que em circunstância da forte repressão do Estado sob os grevistas, tornava-se impossível uma negociação direta entre patrão e trabalhador. Neste caso, Nereu Pestana do jornal *O Combate,* organizou uma comissão de jornalistas para negociar com os empresários de forma que pudesse garantir a total integridade dos operários.

O acordo não foi cumprido nem pelo governador, que tinha se comprometido em baixar o preço dos produtos alimentícios, nem pelos empresários. Além da violência com que os grevistas foram submetidos, muitos estrangeiros foram expulsos do país nesse período.

[84] REZENDE, Op.cit. p.18.
[86] LOPREATO, Op.cit. p.40.
[87] Ibidem, p.34.
[88] Ibidem, p.35.
[89] LOPREATO, Op.cit. p.35.

Edgard Leuenroth foi preso acusado do assalto ao Moinho Santista[90], e posto em liberdade após julgamento.[91]

A atuação dos anarquistas no desenrolar da greve geral de 1917 foi fundamental no desenvolvimento da consciência do trabalhador naquele momento, através da ação direta, junto com os jornais que contribuíram para a instrução do operário propagando a união e a solidariedade.

Com o início da Primeira Guerra Mundial a condição de vida da população tendeu a piorar, e neste período ocorreu um aumento das atividades de militância e as greves não se limitaram apenas ao Rio de Janeiro e São Paulo. Após a greve geral do Estado de São Paulo ocorreram outras, como a dos ferroviários da rede Sul de Minas, que estavam há meses com seus salários atrasados.

O ano de 1918 também foi bastante significativo. Em agosto houve a paralisação dos operários da Companhia Cantareira Viação Fluminense. O motivo da greve foi um aumento concedido apenas a alguns operários. A greve acabou tendo a adesão de outros funcionários como os condutores de bonde da Cantareira, além da adesão de trabalhadores de outras empresas.

A Polícia e o Exército foram para as ruas enfrentar os grevistas. O chefe de Polícia que atuou no confronto foi Aurelino Leal. Nesta greve vários soldados do 58º Batalhão desertaram, juntando-se aos grevistas. Policiais e operários foram feridos e mortos, como Nestor Pereira da Silva (soldado), José de Oliveira do Amaral (trabalhador), e o cabo Antonio Lara França.

Os soldados que morreram lutando a favor da classe operária foram homenageados em seus enterros pelos trabalhadores. A greve terminou, os funcionários voltaram para os seus trabalhos sem receber aumento algum.[92]

Em novembro de 1918 os operários das indústrias têxteis no Rio de Janeiro entraram em greve. Alguns operários tomaram atitudes agressivas e a greve, que a princípio teria um caráter passivo, logo se tornou uma manifestação tumultuada ocorrendo vários disparos. A polícia no local só serviu para deixar os grevistas mais irritados.

---

[90] A polícia paulista o acusou de ser o "autor psíquico-intelectual "do roubo de seiscentas sacas de farinha de trigo, praticada por dezesseis indivíduos, durante ao assalto aos depósitos do Moinho Santista ocorrido no dia 11 de julho de 1917, durante a greve geral de 1917. LOPREATO, Cristina, Op.cit. 1996, p.207.

[91] Segundo Cristina Lopreato a acusação de Edgard Leuenroth estava mais ligada às suas ideias do que a ação de roubo. LOPREATO, Op.cit. p.210.

[92] Wellington Barbosa Nébias. *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate da atuação das associações de trabalhadores*, 2009.

Revoltados com a ação violenta da policia os operários revidaram também com violência, atirando contra a polícia. Houve explosões de dinamites no Campo de São Cristóvão, a delegacia foi invadida pelos manifestantes, a polícia foi reforçada colocando fim a manifestação. A greve que deveria ter um caráter geral se reduziu à categoria dos metalúrgicos, têxteis e construção civil.

Em novembro de 1918 houve uma tentativa de insurreição operária. Estes esperavam que os soldados aderissem ao movimento grevista assim como havia ocorrido com a greve da Companhia Cantareira Viação Fluminense.

> As autoridades associaram o movimento de rua, feito pelos grevistas, a um plano anarquista para derrubar o governo e tomar o poder. O Chefe de Polícia, Aurelino Leal, comunicou ao Vice-Presidente da República em exercício, Delfim Moreira, que a cidade estava sendo ameaçada por um movimento subversivo, no qual operários de várias fábricas eram liderados por alguns anarquistas.[93]

Mas a verdade é que a insurreição foi denunciada por um espião, tenente do Exército Jorge Elias Ajus, que se infiltrou junto aos líderes, entre ele, Astrogildo Pereira e José Oiticica. Os líderes da insurreição foram presos juntos com várias outras pessoas que participaram do levante.

A insurreição foi sufocada com muita repressão e violência, todas as associações e uniões operárias foram fechadas. As greves continuaram até o dia 30 de novembro, quando os operários retomaram as fábricas sem terem nenhum benefício concedido.

1.8 A fundação do PCB de 1919.

Como se pode observar, os anos de 1917 e 1918 foram bastante significativos com relação a greves e a organização anarquista, mas, por outro lado estas movimentações serviram para fazer com que a classe burguesa também se organizasse aumentando a violência e a repressão.

Em Primeiro de maio de 1919 a União Geral dos Trabalhadores (UGT), convocou os trabalhadores à *Maison Moderne* no Rio de Janeiro, para a manifestação dos operários em comemoração ao Dia do Trabalho. Nesta comemoração além de homenagearem o proletariado russo, os organizadores aproveitaram o momento para reafirmar suas críticas à guerra. No dia seguinte a esta comemoração, os operários da construção civil, distante de qualquer manifestação de greve, decidiram adotar a jornada de oito horas.

---

[93] Ibidem, p.173.

Neste período o movimento operário estava envolvido pelo espírito revolucionário trazido pela revolução na Rússia. Os anarquistas no Brasil viam a revolução como uma realidade possível, embora ainda não estivesse claro para os militantes qual a ideologia política a Rússia havia adotado.

Devido à forte repressão do governo, o controle e manipulação da imprensa oficial as informações que chegavam sobre a revolução ainda eram confusas. A própria imprensa oficial tentava manipular as informações de maneira que pudesse denegrir a Revolução Russa.

> Quando se tem na grande imprensa os telegramas muito particulares de Stockolmo e de outros lugares sobre a desesperada situação da Rússia, e que a população do regime bolchevista se revolta contra os soviets e que o ditador Kotchak avança triunfante e que vence batalhas estrepitosas e que o bolchevismo está afinal em agonia, não se deve crer que esta produção continuada de falsas notícias só tenha por escopo desacreditar a Revolução Russa e de lançar a descrença e o desânimo nas massas operárias. A persistente campanha de bluffe tem ainda um outro escopo concreto.[94]

Apesar de toda a dúvida que se seguia quanto à posição política da Revolução de Outubro os anarquistas acreditavam que ela era libertária.[95] "A partir de 1917 e, sobretudo, depois da Revolução Russa, os militantes sindicais, pequeno-burgueses e operários, a maioria anarquistas, e, também alguns intelectuais começaram a buscar novas formas de organização." [96]

Sob esta perspectiva, um grupo de anarquistas fundou em 1919 o Partido Comunista do Brasil. O evento estava marcado para o final de 1918, mas teve de ser adiado pela repressão à insurreição de novembro. Segundo Edgar Leurenrot tal partido "não tinha nenhuma finalidade política, apesar da sua denominação de partido que caracteriza as organizações políticas de atividade eleitoral" [97]

O jornal A Plebe noticia em primeira mão a formação do Partido Comunista do Brasil, seus objetivos, tais como suas bases e ações:

> Diante do enthusiasmo que reina nas classes trabalhadoras e no povo em geral pelos movimentos que se desenrolam no mundo a uma transformação social e amplamente baseados nas idéias comunistas, os ***libertários*** do Rio de Janeiro, reunidos no dia nove decorrente, acordaram formar o Partido Comunista do Brasil (...).[98] (*A PLEBE*, 12/04/1919. Grifo nosso).

---

[94] *A PLEBE*, 05/07/1919.
[95] BATALHA, Op.cit, p.53.
[96] ANDRADE, A.T; Bandeira, Moniz; MELO, Clovis. *O Ano Vermelho, a Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil***.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.146.

[97] ANDRADE; MELO. Op.cit., 1967, p.152.
[98] *A PLEBE*, 12/04/1919

Ainda na mesma circular se definia o programa do partido baseado na abolição da propriedade privada; socialização de todas as indústrias, agricultura, meios de transporte, e de comunicação; regulamentação das horas de trabalho; trabalho obrigatório a todos os indivíduos de 18 a 56 anos; distribuição da produção entre os indivíduos; direito à instrução; garantia da liberdade de pensamento[99].

Pode-se perceber ainda em outra publicação do jornal *A Plebe* um Partido Comunista com características bastante anarquistas:

> Como estava anunciado o Partido Comunista Brasileiro promoveu segunda podia resultar mais proveitosa (...).
>
> (...) Em seguida o camarada Florentino de Carvalho iniciou sua anunciada conferência, prendendo a atenção da assembléia durante quase uma hora com uma crítica cerrada, em uma argumentação clara e vigorosa escalpelizando as instituições que se baseiam na atual sociedade o ***clericalismo, o militarismo e o capitalismo.*** (...).[100] *(A PLEBE*, 19/07/1919. Grifo meu).

Com relação à dúvida sobre a Revolução Russa ser marxista ou anarquista, isso com o tempo foi tornando-se bem claro devido a vários acontecimentos ocorridos na Rússia. O fato é que com a consolidação da revolução e os bolcheviques no poder os anarquistas acabaram percebendo que os sovietes estavam sendo controlados somente pelos bolcheviques. Outro fato marcante foi o aumento da repressão do governo de maneira que até os anarquistas que participaram da revolução também começaram a ser perseguidos pela polícia política, a Cheka. Mesmo com todas as perseguições, os anarquistas lutaram junto ao Exército Vermelho na guerra civil.

Através do comando de Nestor Macknó os anarquistas foram essenciais na Ucrânia, para a vitória da guerra civil que durou de 1918 a 1921. Os bolcheviques, mesmo reconhecendo a contribuição de Macknó, não aceitaram que os maquinovistas não se sujeitassem ao comando bolchevique e que pretendessem restabelecer comunas agrárias. Depois de vencida a guerra civil contra o exército branco, com decisiva ajuda dos maquinovistas, Trotsky comandou um ataque em que as tropas de Machnó foram completamente destruídas pelo Exército Vermelho. Machnó conseguiu escapar para Paris, onde viveu até 1935.

Outro movimento que contribuiu para a desilusão dos anarquistas com os bolcheviques foi a revolta dos marinheiros de Kronstadt. Este movimento foi duramente reprimido pelos bolcheviques. Kronstadt era uma cidade portuária onde havia uma base naval e no dia 1º de

[99] Ibidem, 12/04/1919
[100] *A PLEBE*, 19/07/1919.

março de 1921 os marinheiros se revoltaram contra o governo de Lenin, exigindo eleições para os soviets e a participação de outros partidos na política. Completamente isolados, os marinheiros e os trabalhadores que se juntaram ao movimento foram duramente derrotados, havendo centenas de mortes de ambos os lados.

As notícias destes fatos acabam chegando ao Brasil e a partir de então os anarquistas começaram a se decepcionar com a Revolução de 1917. Pode-se perceber críticas ao bolchevismo na imprensa anarquista pelo jornal *A PLEBE:*

> Seis mezes na Rússia dos Soviets
> (...) o systema impede-os de introduzir na prática o menor princípio de comunismo. E contando que a obra Revolucionária não progride, seguram "que o povo não está preparado para engolir os seus decretos, que é preciso tempo, desvios". É lógico: a história das revoluções políticas repete-se. O mais triste é que eles reconhecem de forma alguma os seus erros e em cada dia confiscam à massa uma parcela das conquistas da Revolução, em proveito do Estado centralizado (...).[101]

Denunciavam o autoritarismo, o Estado cada vez mais centralizado. Com o passar do tempo os camaradas anarquistas que lutaram ao lado dos bolchevistas passam a criticar o sistema que se seguia na Rússia, considerando-o completamente contrário aos ideais libertários dos comunistas.

> Apoiado nessa ditadura cognominada do proletariado mantém o bolchevismo o seu Estado, com sua engrenagem administrativa e política centralista, impondo autoritariamente as suas ordens a coletividade e impedindo pela força o desenvolvimento das tendências federalistas libertárias da revolução, atrofiando o esforço dos indivíduos, dos grupos e das corporações proletárias tendente a aproveitar a posse dos bens sociaes e a consciência despertada do povo encaminhar a ação renovadora do período revolucionário no sentido do comunismo federalista.
> Há, portanto, absoluto contraste entre as bases do comunismo de Estado que pretende estabelecer na Rússia e os princípios que professamos, associando-nos, por isso, ao movimento dos anarchistas do mesmo paiz e do resto do mundo sustentando com o fim de impulsionar a revolução para um maior aperfeiçoamento, em caminho para o comunismo libertário.[102]

Carlos Augusto Addor afirma que em 1922 muitos anarquistas tentaram defender o bolchevismo na Rússia e até mesmo com uma tentativa de "conciliar" os dois grupos. Outros ainda, que em 1922 denunciavam a violência contra os anarquistas na Rússia revolucionária, logo depois tornaram-se bolchevistas, vindo tornar-se "ferozmente anti-anarquistas.[103]

---

[101] *A PLEBE*, 9/04/1921.
[102] *A PLEBE*, 18/03/1922.
[103] ADDOR, Carlos Augusto. *Um Homem Vale Um Homem Memória História Anarquismo na Obra de Edgar Rodrigues.* Tese de Doutorado UFF, Niterói 2012, p.220.

Entre os vários anarquistas que passaram para o lado bolchevista estavam "Astrojildo Pereira, Pedro Bastos, Álvaro Palmeira, Otávio Brandão, "[104] que após denunciarem os crimes cometidos pelo Exército Vermelho abandonaram o anarquismo e fundaram o Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922.

Apesar da saída de vários membros do movimento anarquista, o mesmo continuou ativo na luta, espalhando através da imprensa, de conferências e centros de cultura os ideais libertários de solidariedade, independência e união. A presença da participação das mulheres no ano de 1922 também se fez bastante presente, como na fundação da Federação Internacional Feminina e do Centro Feminino de Educação sempre propagando o ideal de liberdade e emancipação.

Addor justifica a decadência do movimento operário na época ao forte aparato de repressão criado pelo Estado, tomando como exemplo o próprio estado de sítio e afirmando ser para o "anarquismo em especial para o movimento operário de uma maneira geral, um desastre." [105] Todo este aparato estatal que expulsou militantes estrangeiros, prendeu, torturou e matou militantes e operários brasileiros, fechou jornais e sindicatos, fez com que o movimento operário entrasse em declínio durante a década de 1920.

Assim como Addor, Alexandre Samis também explica que além da repressão havia outro problema de ordem "político –institucional" dando como exemplo:

> Os levantes das camadas médias da hierarquia militar, os chamados "tenentes", que tiveram seu *début* no 5 de julho de 1922, na rebelião do forte de Copacabana, associados ao descontentamento crescentes de significativa parcela da sociedade civil brasileira.[106]

Outros fatores também influenciaram certo recuo do movimento operário, como o início de um debate sobre a necessidade de se criar uma legislação trabalhista e o próprio surgimento do PCB em 1922, que resultou na saída de vários anarquistas para o partido comunista; também alguns sindicatos, a partir daquele momento, passaram a receber a influência direta dos comunistas.

Samis destaca o levante tenentista de 1924, que só fez piorar ainda mais a repressão, pois os anarquistas também se solidarizaram com o movimento e muitos deles acabaram sendo presos:

---

[104] Ibidem, p.219.
[105] Ibidem, p.224.
[106] Samis, Op.cit., p.28.

> Para Clevelândia, região fronteiriça à Guiana Francesa, no extremo Norte, junto ao Rio Oiapoque, foram enviados operários anarquistas, trabalhadores desempregados, meninos de rua, presos comuns e soldados rebeldes. Tal acontecimento, uma verdadeira tragédia, só conhecida pelo público após o fim do estado de sítio e de censura a imprensa, no início de 1927, envolveu quase mil pessoas. Desse número, mais de 50% não retornou ao lar após o governo de Bernardes, ficaram sepultados, vitimados por doenças e pelo abandono.[107]

Apesar de todo este aparato repressivo organizado pelo Estado e da crescente influência dos comunistas, os anarquistas continuaram com suas ações através da FOSP e da imprensa. Mas a criação das leis trabalhistas na década de 1930 e a obrigatoriedade de atrelar os sindicatos ao governo acabaram limitando os anarquistas dentro do movimento operário.

[107] Ibidem, p.14.

Capítulo II: As Mulheres Anarquistas no Movimento Operário no Brasil na Primeira República.

O início do século XX foi marcado por profundas transformações sociais, como aumento da população, crescimento de indústrias principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. A capital, embora tenha passado por profundas transformações, como a reforma do prefeito Pereira Passos, não conseguiu trazer benefícios para vida dos trabalhadores. Apesar de ter ocorrido uma significativa melhora com relação à infra-estrutura da cidade devido às reformas, no que se refere à qualidade de vida do trabalhador tanto nas fábricas, quanto nas moradias, cujas suas instalações eram consideradas insalubres, pouco ou nada se fez naquele período.

A reforma do prefeito Pereira Passos, que embelezou a cidade do Rio de Janeiro chamando-a de "a Paris dos trópicos", teve um lado extremamente negativo, pois contribuiu para um processo de favelização. O prefeito, ao derrubar os cortiços sem dar condições de moradia às pessoas que lá moravam, fez com que as mesmas se deslocassem para as encostas dos morros que se localizavam próximo ao centro do Rio de Janeiro. Outra opção era ir para os bairros do subúrbio, longe dos locais de trabalho.

Este problema, associado à questão comportamental e ao estilo de vida de uma população pobre, caracterizada como tendo péssimos hábitos, como bebidas e prostituição, envolvia a figura do imigrante[107] que era visto como má influência para o trabalhador brasileiro. Culpava-se o imigrante por morar em péssimas habitações, por não apresentar o mínimo de higiene necessária para viver de forma digna.

As jogatinas, os vícios com cigarros e bebidas, a promiscuidade faziam parte do cotidiano do trabalhador, e para os operários se libertarem dos vícios o patrão tentava embutir nos trabalhadores os "valores burgueses" [108] ligados à religião, família e comportamento.

Mas como inserir hábitos burgueses em indivíduos que não tinham nenhum acesso à boa moradia, um local de trabalho limpo, com boas instalações em que os trabalhadores pudessem trabalhar com segurança e bem estar e no fim do dia ter uma casa confortável para descansar? Como jogar para as mulheres a responsabilidade de cuidar integralmente do lar, e se ater aos

[107] Margareth Rago no livro do Cabaré ao Lar mostra como a classe empresarial via os imigrantes, como sendo uma péssima influência para os trabalhadores, responsáveis por todos os males e vícios que afligiam os trabalhadores brasileiros. RAGO, Op.cit., p.24-25.

[108] Ibidem. Op, cit, p.25.

mínimos detalhes da organização doméstica se as mesmas tinham que enfrentar assim como os homens a dura realidade das fábricas?

As mulheres operárias tinham que enfrentar o problema do preconceito no trabalho e no lar, porque a sociedade, apesar de necessitar cada vez mais da mão de obra feminina (além das mulheres e crianças ganharem até 30% menos que os homens), era uma sociedade patriarcal, em que se considerava a família como o pilar desta instituição e a figura feminina "um modelo imaginário de mulher, voltada para a intimidade do lar, e um cuidado especial com a infância, redirecionada para a escola, os institutos de assistência social que se criou no país." [109]

Este modelo imaginário de mulher é fruto de um processo que veio sendo construído no Brasil desde o período colonial. Mary Del Priore em seu livro *Ao Sul do Corpo* mostra que a Igreja teve um papel de extrema importância nos primeiros anos da colonização, pois a mesma desenvolveu um discurso normatizador de padrões e comportamentos, em que o adestramento das mulheres fazia parte do processo de formação do Brasil colonial baseado numa sociedade patriarcal.[110]

Esses padrões foram sendo inseridos na sociedade colonial, como por exemplo, a influência da Igreja na instrução, da importância do matrimônio como um sacramento, cabendo também à Igreja a tarefa de ensinar ao homem e a mulher a responsabilidade que cada um deveria cumprir no casamento. O homem deveria cuidar do sustento da família, e a mulher a organização da casa e o cuidado dos filhos e do marido.

Assim era no Brasil colonial, assim será no Brasil do início do século XX, pois a mulher neste período tinha uma vida social muito limitada, restando-lhe apenas os espaços públicos como igrejas, teatros e praças, mas sempre acompanhadas. A imposição de valores burgueses à mulher obrigava-a a se afastar do mundo da política e dos estudos, restando a ela a organização do lar e da vida doméstica.

Além da Igreja, a medicina também desempenhou um papel importante na designação do papel da mulher, estimulando a maternidade e o aleitamento.[111] A mulher era vista como uma ameaça circulando nos espaços públicos e a maternidade, de certa forma, enclausurava a mulher dentro de casa.

---

[109] RAGO, Op.cit. p.25.

[110] PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo – Condição Feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia.* Rio de Janeiro. José Olympio, 1993.

[111] RAGO, Margareth, Op.cit. p.103.

Evidentemente que os padrões de comportamentos impostos e seguidos pela sociedade da época e que faziam parte de todo um imaginário social nem sempre eram seguidos por todos. Uma parcela da sociedade influenciada por ideias de movimentos sociais acabava absorvendo novos modelos de comportamento contrários aos padrões burgueses. A própria condição social, as dificuldades enfrentadas dia a dia por homens e mulheres, os obrigavam a seguir padrões e condutas diferentes daquelas impostas pela sociedade.

Na classe operária, por exemplo, fortemente influenciada pela ideologia anarquista, as mulheres que participaram deste movimento, operárias ou não, optaram por não seguir os padrões que lhe eram impostos e foram além, combateram a ideologia dominante através da militância, escrevendo em jornais libertários, fundando ligas e associações femininas, ou simplesmente assumindo um comportamento contrário ao que era estabelecido na época.

No contexto relacionado à luta feminina no movimento operário, muitas mulheres aderiram ao ideal anarquista porque o anarquismo é uma ideologia voltada para a luta de classes, que defende o fim do Estado e de toda e qualquer hierarquia de poder na sociedade. O anarquismo é contra todas as formas de dominação e opressão do sistema capitalista, contrário a todos os valores morais ditados pela burguesia e pela Igreja Católica, seu programa defende a mulher em sua total integridade, reservando-lhe um espaço que ela precisa e pode ocupar na sociedade.

A ideologia anarquista defende a total transformação do indivíduo, não se limitando somente a questões econômicas e políticas, mas dá ênfase também à questão feminina e à importância da emancipação da mulher. Vários intelectuais do anarquismo foram óbvios ao defenderem que a sociedade só se tornaria mais justa quando homens e mulheres ocupassem um lugar de igualdade na sociedade.

Angela Roberti afirma que “Bakunin foi um dos primeiros a defender, no plano teórico, a autonomia e a igualdade femininas.” [112] Segundo ele “a mulher, diferente do homem, trabalhadora e livre como ele, é declarada sua igual em todos os direitos como em todas as funções e deveres políticos e sociais.”[113]

No contexto de uma sociedade moralista, que colocava a família acima de tudo e a mulher como o pilar desta instituição, sendo o de doméstica e mãe seu único papel, o pensamento anarquista se contrapunha a todos esses preceitos, porque para o anarquismo não existe

---

[112] Angela Roberti; SANTOS, Edna; LIMA, Jaqueline,(orgs.). *Pensando a História: reflexões sobre as responsabilidades de se escrever a História através de perspectivas interdisciplinares.* Letra Capital, Rio de Janeiro. 2013. p.27.

[113] Ibidem, p.27.

emancipação do indivíduo sem emancipação da mulher. Por isso é contra a moral burguesa, que aprisiona a mulher, obrigando-a a exercer um papel secundário e subalterno, um trabalho que "nunca foi contado para nada."[114]

Para Piotr Kropotikin o trabalho doméstico nada mais é que uma forma de escravidão que persiste na sociedade. Mesmo entre alguns socialistas existe o pensamento de que é dever da mulher executar os trabalhos domésticos. Fala-se tanto em emancipação e transformação do indivíduo, no entanto:

> Por que aqueles mesmos que querem a emancipação do gênero humano não incluíram a mulher no sonho de emancipação e consideram isso indigno das suas altas preocupações, mas recusam pensar 'nesses negócios de cozinha' de que, aliás, se aliviaram pondo-os sobre as costas do grande ser resignado e sofredor em que converteram a mulher."[115]

A ideia de emancipação da mulher, para Kropotkin, não se resumia apenas a uma profissão altamente qualificada que lhe proporcionasse um emprego bem remunerado, porque certamente esta mulher colocaria outra para exercer o serviço doméstico, por isso fazia-se necessário:

> Emancipar a mulher é livrá-la do trabalho embrutecedor da cozinha e da lavagem; é organizar-se de maneira que possa criar e educar os seus filhos, se assim lhe parecer, conservando sempre bastante tempo livre para tomar a sua parte na vida social.[116]

Ainda falando sobre destinar à mulher a obrigação do trabalho doméstico, Kropotkin falou diretamente aos socialistas que pregam o fim da escravidão e da opressão:

> Uma revolução que se decorasse com as mais belas palavras de Liberdade, Igualdade, Solidariedade, mantendo ao mesmo tempo a escravidão do lar, não seria revolução. A metade da humanidade, submetida ainda à escravidão do lar e da cozinha, teria ainda que se revoltar contra a outra metade.[117]

Assim como Kropotkin, que mostra o preconceito sobre as mulheres no meio libertário, a partir do momento que os homens renegam o trabalho doméstico e delegando-o à mulher, Margareth Rago também descreve o movimento operário no Brasil como adepto de um preconceito que colocou a mulher num segundo plano:

> O movimento operário, por sua vez, liderado por homens, embora a classe operária do começo do século XX fosse constituída em grande parte por

[114] KROPOTKIN, Op.cit.,2011, p.87.

[115] Loc.cit.

[116] Loc.cit.

[117] Loc.cit.

> mulheres e crianças, atuou no sentido de fortalecer a intenção disciplinadora de deslocamento da mulher da esfera pública do trabalho e da vida social para o espaço privado do lar. Ao reproduzir a exigência burguesa de que a mulher operária correspondesse ao novo ideal feminino da mãe, "vigilante do lar", o movimento operário obstaculizou sua participação nas entidades de classe, nos sindicatos, e no próprio espaço de produção (...).[118]

De fato não encontramos líderes femininas no movimento operário a não ser em organizações femininas e centros de estudo organizados por elas. Esta situação de subalternidade foi o reflexo da sociedade que limitou a mulher ao papel de dona de casa, sendo seu dever preocupar-se com o bem estar do marido e a educação dos filhos.

Eram poucas as atividades profissionais exercidas pelas mulheres, geralmente destinadas a profissões como enfermeiras, professoras, secretárias. Nas fábricas de tecidos, junto com as crianças, formavam a maioria, exercendo a função de costureiras e fiandeiras, nunca exercendo uma atividade em um cargo de confiança.

A subordinação das mulheres começava em casa e terminava na fábrica, e sobre esta perspectiva de submissão relacionada à casa, ao trabalho e à sociedade as mulheres foram controladas pelos homens, fossem eles pais, maridos, patrões, professores ou padres.

Os baixos salários dos homens responsáveis por manter o lar obrigavam as mulheres a trabalhar fora de casa, e no trabalho as mulheres sofriam todos os tipos de preconceitos porque eram vistas como "indignas". O trabalho fora de casa não era bem aceito, as mulheres que se apresentavam para o trabalho muitas vezes eram maltratadas e desprezadas no ambiente da fábrica, como demonstra Claudia Fonseca, "(...) Outra mulher empregada durante quatro anos em uma fábrica de fiação de tecidos, foi obrigada a chamar amigos para atestar que "tinha se comportado muito bem na aludida fábrica.[119]

Mulheres pobres tinham que trabalhar e se submetiam a exploração nas fábricas na mesma forma e proporção que os homens. Assim também ocorria com as crianças que junto com homens e mulheres constituíram a classe operária do Brasil no início do século XX e contribuíram para o enriquecimento da classe burguesa.

Com a industrialização, as mulheres chegaram junto com as crianças a compor mais da metade da força de trabalho em certas indústrias, notadamente de tecidos, pois "(...) os

---

[118] RAGO, Op.cit. p.89.

[119] FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (organizadora). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo. Editora Contexto. 1997, p.516.

empregadores preferiam mulheres e crianças justamente porque esta mão-de-obra custava em média 30% menos.” [120]

No que se refere à luta feminina no movimento operário, muitas mulheres vão se destacar aderindo ao anarquismo. O papel da mulher é fundamental na luta pela sua emancipação e algumas mulheres chegaram a se destacar tanto quanto os homens. As mulheres ácratas defendiam o amor e a união livre, a maternidade consciente e a educação como instrumento para se chegar à emancipação.

Ao lutarem contra o ideal de mulher da época, muitas mulheres operárias ou não se engajaram no movimento operário, tais como: Maria Lacerda de Moura, Isabel Cerruti, Maria Lopes, Matilde Magrassi, Tecla Fabri, Tibi, Josefina Bertachi, Maria S. Soares, Laura Brandão, Itália Fausta, Apholônia Tereza Leite da Silva, Ernestina Lesina, Elisa Sheid entre outras.

Na perspectiva de tornar a mulher emancipada e consciente de uma liberdade que lhe permitisse amar e ser amada conforme seu desejo e segundo suas vontades as mulheres anarquistas buscaram mostrar-se através de jornais operários, ainda que, como afirma Margareth Rago sob um prisma “masculino,” pois segundo Rago:

> (...) do mesmo modo que os industriais e os poderes públicos, o movimento operário participa do movimento que define o lugar da mulher na sociedade, privilegiando a esfera sagrada e privada do lar, construindo e importando uma identidade que também as mulheres aceitaram ao interiorizarem a representação masculina e burguesa de sua figura. Aceitaram?[122]

Margareth Rago não concorda com o mito da mulher passiva, pois muitas foram as formas de resistência, tanto no meio operário, através das greves, quanto na própria classe média, quando as mulheres mostravam suas ideias através de cartas, livros e revistas.

Várias mulheres se fizeram presentes no meio literário, como Francisca Julia, Evangelina Lima Barreto, Josefina Álvares de Azevedo, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, entre outras[123]. Estas mulheres utilizaram os salões de festas e saraus da sociedade para desta forma, difundir suas idéias através de cartas e romances, algumas chegaram a publicar revistas femininas.

---

[120] Ibidem. p.518.
[122] Ibidem, p.97.
[123] Para saber mais sobre as mulheres letradas do final do século XIX e início do século XX, ler ELEUTÉRIO, Maria de Lurdes, *Vidas de Romance As Mulheres e o Exercício de Ler e Escrever no Entre Séculos 1890 – 1930*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

Ao invés de concordar com o mito da mulher passiva Margareth Rago alega que a dificuldade de encontrar documentos do período e a ausência de líderes femininas, é que colocou a mulher num lugar de passividade, visto que a sociedade era comandada por homens.

A ideia de emancipação da mulher na visão anarquista não se limitava somente ao direito ao trabalho e ao voto, na realidade este último foi um campo no qual as anarquistas não entraram. Segundo elas, diante de tantas questões a serem resolvidas relacionadas à opressão da mulher na sociedade, a política era uma luta inútil e sem propósito, que só atrasava ainda mais a emancipação feminina, pois:

> Se deixarmos que a política absorva todas as energias da mulher, mais elementos teremos de combater, e portanto mais encarniçada e difícil será a luta para conseguir a emancipação que procuramos. [124]

A emancipação da mulher, segundo a visão anarquista, estava diretamente ligada a questões como o casamento, maternidade, o sexo e a liberdade com o próprio corpo. As anarquistas trouxeram ideias relacionadas ao campo da moral, que se contrapunha à moral burguesa, que negava à mulher o direito ao uso da liberdade individual, sexual, ao direito de agir segundo sua vontade sem que houvesse a submissão e dominação do homem.

O sentido de emancipação para as anarquistas não estava ligado somente à questão de gênero, a emancipação para as mulheres anarquistas tinha um sentido universal comum a todos os indivíduos. Elisa Scheid, redatora do jornal *UNIÃO OPERÁRIA* escreveu chamando a atenção para a necessidade de se instruir, não apenas as mulheres, mas todos os operários:

> (...) Todos os dias falamos em emancipação do operário. Qual o sentido verdadeiro dessa maviosa phrase? Interpreta ella a idéia magnânima de o libertar de um poder superior? O isentar de uma tutoria? O eximir de uma menoridade? O conduzir à autonomia?
> (...) Operários! _ a instrução, somente a instrução de ordem intelectual e de ordem moral pode nos preparar para a conquista desses dois pólos valiosos: “a emancipação” e a “liberdade.” [125]

2.1 A Educação como instrumento fundamental para emancipação.

No início do século XX a educação embora fosse subsidiada pelo Estado não conseguia integrar todos aqueles pertencentes às camadas mais pobres da sociedade. Os filhos dos operários acabavam ficando sem acesso à instrução ao ensino básico. Para tentar preencher

[124] *A LANTERNA*, 3/10/1914.
[125] *UNIÃO OPERÁRIA, 01/05/1904*.

esta ausência na área da educação que o Estado não conseguia suprir, algumas poucas fábricas ofereciam escolas para os operários e seus filhos, além da Igreja que também viria auxiliar na instrução para os menos favorecidos. No entanto, tais esforços não eram suficientes para satisfazer a demanda populacional que crescia com o avanço da industrialização.

Os operários, em particular os anarquistas, muito se preocuparam com a questão da educação, que para eles era vista como um instrumento poderoso para a conquista da autonomia. Por isso, nesse período, surgiram as Escolas Modernas que tinham por objetivo a instrução dos operários e suas famílias. Além de defenderem uma educação libertária, as Escolas Modernas eram a favor de um ensino laico, sem que houvesse interferência da Igreja, pois viam esta instituição como um instrumento de manipulação que impedia que o indivíduo reagisse contra a opressão a qual ele estava subordinado.

> A Escola Moderna propôs-se liberar a criança do progressivo envenenamento moral que por meio de um ensino baseado no misticismo e na bajulação política, lhe comunica hoje a escola religiosa ou do governo; provocar junto com o desenvolvimento da inteligência a formação do caráter, apoiando toda a concepção moral sobre a lei de solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livrá-lo das peias das congregações ou do Estado, para que sem medo e sem restrições lhe seja possível ensinar honestamente, não falseando a História e não escondendo as descobertas científicas.
> Oensino racional, baseando-se sobre a razão e não curvando-se à fé , plasmará portanto indivíduos, independentes, capazes de escolher amanhã o próprio caminho na sociedade, e indivíduos humanos, pois não se fará da escola o que hoje é, uma causa de rivalidade, uma fonte de ideias absurdas e de preconceitos rancorosos, aos quais devemos grande parte das perturbações sociais e das violências que assinalam a marcha evolutiva da humanidade (...).[126]

As escolas libertárias não visavam somente um caráter educacional no sentido de conteúdo das disciplinas, atuavam também como centros recreativos organizando festas, grupos de teatro, sempre com a intenção de instruir o operário:

> Na Escola Moderna nº2 amanha, domingo, às 14hs(2 da tarde) haverá na sede desta escola, à Rua Muller nº74, uma pequena reunião, constando o seu programa de recitativos, cantos e palestras sobre a Escola. O professor pede o comparecimento das famílias, dos alunos, e dos interessados na obra da Escola Moderna. Na Escola moderna nº1: realizou-se domingo, na sua sede, a reunião do programa promovido pelo professor destas escolas. Perante regular concorrência foi desenvolvido o programa anunciado, que bastante agradou a todos que lá estiveram. A pequena cantou com satisfação os seus hinos, dizendo tambémcom espantosa graça interessantes versos. Os

[126] DECCA, op.cit., p.63.

> companheiros Adelino Pinho e João Penteado, respectivamente professores das Escolas nºs 1 e 2, fizeram uma palestra a propósito da obra Escola Moderna e da Questão Social[127].

As Escolas Modernas ofereciam cursos em horários diurnos e noturnos que abrangiam aulas de Português, Matemática (aritmética), Caligrafia, Desenho, ensino teórico e prático, utilizando os métodos pedagógicos modernos baseados no racionalismo científico. Além das escolas como meio de instruir o trabalhador e os seus filhos, os anarquistas também se utilizavam de outros meios para levar a eles o conhecimento e para isso fundaram bibliotecas, centros de estudos que também ofereciam apresentações de peças de teatro, música e poesias:

> Grande Festival de Propaganda.
> Organizado pelo Grupo 'Regeneração Social', realizar-se-á no dia 28 de outrubro, as 8 horas da noite, um bem organizado festival em benefício da Biblioteca Social 'A Innovadora', execellente iniciativa do camarada Rodolfo Felipi.[128]

Organizavam festas, muitas vezes, para arrecadar fundos para os jornais operários, e sempre com um caráter instrutivo:

> Grande festival pró-' A PLEBE'
> Organizado pelo centro Libertário 'Terra Livre'(...). (...)Este festival obedecerá ao seguinte programa: I- Internacinal; II- Conferência; III- Será levado á scena o belo drama histórico e social em 4 atos: Os Conspiradores; IV- Baile familiar.[129]

As Escolas Modernas foram fechadas porque, segundo a visão do Estado foi "verificado pela Secretaria de Justiça que as suas escolas, visavam à propagação das ideas anarchicas e a implantação de regime comunista." [130]

A educação traria consciência para a mulher se libertar do domínio do Estado e da Igreja, para que ela pudesse se soltar das amarras que prendem à mulher numa situação de ignorância que impedia sua evolução individual e de ter uma maior participação na vida social. A mulher deveria lutar para deixar de ser vista como objeto, incapaz e submissa.

Outra vantagem da educação era desmistificar a crença na inferioridade da mulher, uma crença que teve o respaldo de médicos, cientistas e filósofos do século XIX. Esta imagem do feminino caracterizava a mulher como frágil, irracional e vulnerável às fraquezas humanas.

---

[127] *A LANTERNA 1914.*
[128] *A VOZ DA UNIÃO, 01/10/1922.*
[129] *O TRABALHO 01/07/1922.*
[130] *A PLEBE, 29/11/1919.*

Isolina Borques atribuía este pensamento ao preconceito que existia contra a mulher, "Sempre se nos diz que a inferioridade mental é um facto, que a nossa debilidade é manifesta. E baseado nesse sophismático argumento, pesa sobre nós a tyrania masculina (...)." [131]

E mais adiante justificava este argumento de inferioridade simplesmente pela falta de igualdade na instrução entre homens e mulheres:

> Embora seja um facto consumado a nossa debilidade, não é menor que a nossa educação e instrução sempre se tem descuidado, causa essa que justifica a inferioridade intelectual da mulher no presente momento.
> Mais isso não demonstra que a nossa massa encephalica seja mais reduzida que a do homem, pois demasiadamente sabemos que as opiniões mais autorizadas de célebres phisiologos e anthropologos, são contrárias a estas ranças theorias dos inimigos da emancipação da mulher.
> Se a sciencia, a literatura, as artes contam nas suas fileiras com pequeno número de mulheres, é porque só ao homem se lhe tem facilitado um meio superior ao da mulher. Essa diferença de meio determina a inferioridade.[132]

As libertárias combatiam esta ideia de inferioridade porque acreditavam que a mulher só se encontrava na situação de submissão porque a ela nunca fora dada a oportunidade de uma educação igual a dos homens. A educação da mulher geralmente só servia para prepará-la para o casamento e a maternidade.

2.2 O casamento e a sexualidade da mulher.

Da mesma forma o casamento também seria questionado pelos anarquistas como uma forma de "prostituição," [133] criado para garantir a propriedade privada e seus bens. O anarquismo contesta esta forma de união contratual porque segundo Kropotkin:

> Pelo fato de que se deram um ao outro, a união do homem e da mulher não é indissolúvel, não estão condenados a terminar seus dias juntos se acontecer de se tornarem antipáticos um ao outro. O que sua livre vontade formou, sua livre vontade pode desfazer. [134]

Esta forma de prostituição é justificada pela maneira de como os casamentos eram feitos, ou seja, através de contratos baseados em interesses econômicos e políticos, e a mulher uma mercadoria que intermediava a negociação:

---

[131] *A VOZ DA UNIAO, 01/01/1923*.
[132] Ibidem.
[133] KROPOTKIN, Op.cit., 2007, p.69.

[134] Ibidem, p.66.

> No sistema capitalista, a sobrevivência da família burguesa, forma de prostituição não oficial, pois fundada a partir de um contrato comercial, exige o funcionamento deste comércio sexual ignóbil. As jovens privilegiadas não podem participar da iniciação sexual de seus namorados, enquanto uma série de interdições recai sobre a casada. Além do que, muitas vezes, a mulher se casa com um homem escolhido pelos pais e não por ela própria.[135]

Segundo o pensamento libertário, a união estava diretamente ligada no amor mútuo e livre enquanto ele existisse, na liberdade de escolha, na necessidade de permanecer juntos enquanto o desejo lhe permitisse, na maternidade consciente, posto que a maternidade não era vista como uma necessidade, e sim como uma vontade, pois a mulher deveria ter o direito a seu corpo, devendo ela escolher o momento de ser mãe. As anarquistas acreditavam que a submissão feminina ia além das questões econômicas, encontram-se na sexualidade e nas estruturas de uma sociedade baseada na dominação masculina, portanto, "ele pensa que a independência econômica e a possibilidade de ser mãe por sua própria vontade são as condições iniciais para a emancipação da mulher." [136]

Os anarquistas acreditavam que o homem e a mulher não necessitavam de autorização para se casarem, por isso pregavam o amor e a união livres, em que a relação de união era válida enquanto existisse o sentimento de amor e liberdade - ao contrário do casamento monogâmico e burguês, no qual geralmente as pessoas se uniam para garantir interesses econômicos e políticos, sendo obrigadas a se aturarem porque segundo os preceitos da Igreja o casamento era indissolúvel.

Em seus escritos revolucionários Mikhail Bakunin afirmava que somente o amor e o respeito poderiam unir duas pessoas, considerava ele que:

> Assim como estamos convencidos de que abolindo o matrimônio religioso e o matrimônio civil, jurídico, restituiremos a vida, a realidade, a moralidade ao matrimônio natural unicamente fundado sobre o respeito humano e a liberdade dos dois indivíduos, homem e mulher que se amam, que reconhecendo a cada um a liberdade de se separar um do outro quando quiser, e sem necessidade desta licença para se unirem os dois, e repelindo em geral toda intervenção de qualquer autoridade em sua união, nós os tornaremos mais estreitamente unidos, bem mais fieis e leais um para o outro (*A PLEBE, 30/07/1920).*

---

[135] RAGO, Op.cit. p.145.

[136] ARMAND, Émile. *Pequeno manual anarquista individualista*. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/5062/3590 visto em 24/08/2017 p.128.

O casamento tornou-se indissolúvel para que os bens materiais permanecessem na família, daí a necessidade de tornar a mulher escrava e prisioneira, obrigando-a manter-se virgem até o casamento, enquanto que ao homem eram proporcionados todos os tipos de aventuras sexuais, cabendo a ele a recorrer a prostitutas sem que sua conduta e reputação fossem questionadas. No entanto, a mulher que fosse flagrada em adultério restava-lhe todo flagelo e humilhação. Daí a importância de estabelecer uma união amparada no amor e na liberdade:

> O amor natural é aquele que tem por fim a propagação da espécie por mútua simpathia e procurando neles tudo o que há de bom de afetivo e terno. O amor natural e social desperta a amizade duradoura, o sentimento do direito e do dever, dando a vida todo o encanto da arte e da sciencia.[137]

Além da crítica ao casamento burguês no que se refere a questões como monogamia, maternidade, indissolubilidade do casamento, os anarquistas questionaram estes temas associando-os ao Campo econômico. O homem representava a figura patriarcal, que tinha a obrigação de levar o sustento da família, e a mulher era o pilar desta instituição, tendo o papel de cuidadora e protetora do lar, responsável pela higiene da casa, dos filhos e do marido. Mas como fazer para seguir estas condutas se os operários passavam a maior parte do tempo trabalhando sem ter condições de sustentar a família, sendo real a necessidade de a mulher colaborar com o sustento da família, tendo que se ausentar do lar, dos filhos e marido.

> Quando o proletário, escória social, após uma jornada de 10 ou 12 horas de trabalho, volta exausto de forças para casa, poderá, se é só e quer uma família, procurar tranqüila e serenamente aquela que terá de ser sua companheira (...). Terá o operário o direito de unir a uma mulher sem a certeza de ser esta mulher o complemento que ele busca, a virtude, a lealdade, a energia? A resposta tem de ser forçosamente negativa.[138]

E ainda com relação à indissolubilidade do casamento e a união sacramentada pela Igreja:

> (...) Para vos unir-vos ao ente que vos é caro, para fazer dela a vossa companheira e a amiga não basta que ameis com toda força, que haja entre vós plena e perfeita "affinidade electiva", é preciso, e indispensável, sob pena de terríveis anathemas, que legalizeis vossa união, comparecendo diante de um indivíduo para nós extranho, que nada se incomoda com a vossa vida e que deverá pronunciar as palavras sacramentaes por meio das quaes só entra no rol das honestas pessoas casadas.
>
> E se por desgraça vos enganastes, na escolha, ai de vós!

[137] *A VOZ DA UNIÃO, 04/11/1922*
[138] *A PLEBE*, 18/08/1917

> Para sempre estarei perdido. A muito custo vos libertareis da mulher, a sociedade, porém não vos dará o direito de escolherdes outra. A estes paradoxos, a estas chocantes injustiças chega o regime burguez.[139]

2.3 As Mulheres Anarquistas e a Ação Direta.

Como já vimos, a educação para os anarquistas não só era um instrumento para tornar a mulher emancipada, mas também uma forma de criar consciência de sua condição social, permitindo que ela pudesse ter opiniões e fazer críticas não só de sua condição, mas sobre a sociedade. Sob esta perspectiva muitas mulheres levantaram suas vozes denunciando as injustiças que os operários eram submetidos.

A combatividade feminina não se resumia somente a causa da mulher. As anarquistas acreditavam que a necessidade de emancipação era um direito do indivíduo, independente do sexo. Seus discursos muitas vezes estavam direcionados à classe operária estimulando-a à luta.

Foi através da imprensa operária que puderam expressar um pensamento baseado no amor livre, na liberdade do indivíduo, na solidariedade, na união de todos os operários como forma de libertar-se da dominação que o sistema capitalista os colocava. Apolonia Thereza Leite da Silva, bibliotecária da União Operária do Engenho de Dentro afirmava que somente a união da classe operária poderia libertar todos os trabalhadores.

> Companheiros!...
> É hoje o dia em que a classe operária de todo mundo sae ruas afora mostrar a força que teriam, se fossem unidos.
> Ochalá (sic) que futuramente os obreiros unidos com a predisposição benéfica que ora se aspira na União Operária do Engenho de Dentro.
> Salve 1º de maio. [140]

Como se pode observar, o pensamento feminino libertário não estava atrelado apenas à questão de gênero. A participação feminina foi além dos jornais operários as mulheres se organizaram também através de associações de trabalho como forma de fazer valer suas reivindicações:

> Eis uma notícia animadora e que vai ferir em cheio a consciência de muitos operários: as costureiras desta capital acabam de constituir em associação de classe, reconhecendo assim que só com a união, a solidariedade o apoio mútuo é exeqüível a reivindicação de direitos postergados.
> (...) Quer dizer: as costureiras, conscientes de sua dignidade e do seu valor, decidiram-se a ser mulheres, na verdadeira acepção do termo, e não

[139] Ibidem.
[140] *A UNIÃO OPERÁRIA, 01/05/1904*

> manequins manejados pela vontade dos seus algozes de ambos os sexos. Ergueram a fronte com altivez, e a exploração disseram que já não eram escravas passivas e submissas.
>
> Belo Gesto! Magnífico exemplo![141]

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por um grande número de atividades, como a organização de sindicatos, filiados à corrrente do sindicalismo revolucionário[142]. Os jornais operários também levantaram a bandeira organizacionista do sindicalismo acreditando que:

> O syndicalismo deve ser revolucionário em seu mais amplo sentido da palavra, propriamente dito: entendido como tal a definição ideológica do sindicato.
> Que os seus postulados demonstrem que tem um meio, meio de realizar as suas lutas sem intervenção de arbitragens, legislações e o próprio contrato com os exploradores.
> O syndicalismo é um meio, e não um fim, por isso mesmo é que não queremos fazer dele o princípio e o fim de todo o problema social, a não ser que queiramos cahir nos inúteis systemas dos organismos obreiros de beneficência, que, para nossa maior desgraça são os que abundam em todo Brazil. [143]

O sindicalismo revolucionário tem como base a solidariedade e a igualdade de direitos. É uma forma de organização que visa e evolução do indivíduo através da educação racional, do pleno desenvolvimento de suas aptidões, intelectuais e morais. O método utilizado para alcançar a igualdade e a liberdade a qual se propõe a doutrina é a ação direta como meio de combater o capital e o Estado.

Propõe a união e a colaboração de todos para a reconstrução de uma nova sociedade, assim como o:

> Pleno desenvolvimento da justiça, social, e pelo trabalho livre, associado, capacidade para formar uma nova sociedade, onde todos os seres humanos, independentes de idade, sexo ou cor, possam conviver pacificamente, produzir de acordo com suas capacidades e possibilidades e usufruir de conformidade com as suas necessidades, tanto as riquezas naturais como as provenientes do trabalho de todos e de cada um.[144]

Por ação direta entende-se a forma dos trabalhadores contestarem suas insatisfações, seja através do boicote, da sabotagem como forma de trazer perdas matériais para o capitalista ou

---

[141] *A PLEBE 19/04/1919*
[142] Segundo Alexandre Samis, o sindicalismo revolucionário foi o meio mais utilizado pelos anarquistas no movimento operário do início do século XX. Op.cit., p.7.
[143] *A VOZ DA UNIÃO, 01/01/1923.*
[144] RODRIGUES, Edgard. *ABC do Sindicalismo Revolucionário*. Achiamé, Rio de Janeiro, 2004, p.21.

através da greve geral, sendo este, visto pelos sindicalistas o meio mais eficaz, pois além do caráter educativo a greve pode ser entendida como uma maneira de exercer a solidariedade, porque em um momento de greve os trabalhadores se unem para cooperar uns com os outros.

Os operários fundaram também associações trabalhistas, ligas operárias, sem contar com inúmeras greves, em que os trabalhadores entre as várias exigências pediam:

> (...) jornada de oito horas, aumento de salário e fixação do salário mínimo, **abolição do trabalho infantil na oficinas e fábricas, só podendo trabalhar nas mesmas as creanças maiores de 14 annos, equiparação do salário da mulher ao do homem**.[145](Grifo nosso).

As mulheres, que junto com as crianças representavam a maioria na indústria têxtil, tiveram uma forte atuação nas mobilizações que ocorreram naquele período. Assim como as mulheres, os menores eram considerados peças frágeis, portanto os mais explorados e muitas vezes acabavam exercendo uma tarefa que não era compatível com seu físico. Não recebiam salários, ou quando recebiam a remuneração era muito abaixo do que era pago aos trabalhadores. Dentro das fábricas eram obrigados a conviver com uma situação de extrema insalubridade como a falta de higiene, pouca ventilação e iluminação.

Esta situação tornava as crianças fracas e vulneráveis a doenças, muitas delas já se encontravam tuberculosas desde a mais tenra idade. Este fato tornou-se um problema para o Brasil, pois só aumentava a taxa de mortalidade infantil. A infância neste período ainda era objeto de pouco estudo e pouco investimento na área de políticas públicas.

Por falta de leis sociais e trabalhistas não havia profissionais suficiente que fizessem uma fiscalização adequada. No entanto "em 1912 um extenso inquérito das fábricas de tecidos de São Paulo foi levado a cabo pelo Departamento Estadual do Trabalho, "[146] em que foi relatado as péssimas condições das instalações nas fábricas com exceção da fábrica do Sr. Francisco Matarazzo, no qual o relator expressa com animação o trato que o Sr.Matarazzo tem para com os menores: "Para o trabalho dos menores, as máquinas são de tamanho reduzido."[147]

A sociedade entendia que era melhor manter o pequeno trabalhador nas fábricas, muitos operários preferiam ver seus filhos trabalhando juntos com eles, pois além de ajudarem no orçamento da família, o trabalho os tiraria das ruas e traria dignidade quando eles chegassem à vida adulta.

---

[145] A PLEBE 28/07/1917
[146] DECCA, Op.cit., p.31.
[147] São Paulo – estado, Condições de trabalho na indústria têxtil no estado de São Paulo, Bol. Do Depto. Est.do Trab.; p.35-77, apud, DECCA, 1991, p.33).

> A ideia de que o trabalho viria regenerar e moralizar esta população desocupada e abandonada assumia forma do exercício da caridade. Os pobres, segundo o imaginário social, eram figuras culpadas porque se recusavam a pertencer ao mundo da produção, colocando-se à margem da sociedade; por isso deveriam ser reintegrados a todo custo[148].

Era normal crianças com idade de cinco anos trabalhando em jornadas de longas horas em fábricas que não ofereciam o menor conforto para o trabalho adequado. O governo criava regulamentos, fazia inquéritos de inspeção, porém muito pouco ou quase nada se fazia para melhorar a condição do trabalhador, em especial dos menores e das mulheres.

Diversos foram os depoimentos através da imprensa, de inquéritos ou de estudos feitos sobre as condições dos menores nas fábricas no Brasil:

> Em São Paulo, numa fábrica metalúrgica onde trabalham 750 operários, entre eles 100 meninos, alguns menores de quatorze anos, o salário por dez horas de trabalho é de 1 dólar a 1.20 dólar. (...)
> Na capital da República no Rio de Janeiro, onde os trabalhadores são melhor remunerados, devido ao elevadíssimo custo de vida, a situação dos trabalhadores não é melhor. (...)
> Na Bahia, a situação dos trabalhadores é ainda pior. Numa fábrica de tecidos "Tanque", uma operária que trabalha com dois teares lisos, ganha por semana 0.70 a 1.90. Com teares "revolveres", de 1.20 a 2.20 dólares semanais. Os menores, que trabalham a mesma quantidade de horas que os adultos, recebem de 0.30 a 0.90 por semana. Devido a esse salário mesquinho muitos operários não comem. Outros comem farinha de mandioca com banana. (...)[149]

Assim como as mulheres os menores também manifestaram formas de resistência,[150] pois eram frequentemente vítimas de maus tratos. São vários os relatos de abusos e maus tratos em mulheres e crianças que a imprensa libertária denunciava:

> Segundo nos consta, o mestre desta fábrica, um Baptista, tem tido em relação às operárias que ali trabalham uma conduta bastante suspeita. Afirma-se que este indivíduo persegue com propostas indecorosas muitas destas operárias, injuriando e martyrisando de mil maneiras aquelas que tem dignidade e a coragem de repelir tão infame sujeito[151].

Junto com as mulheres as crianças iniciaram mobilizações que exigiam a diminuição da carga horária, aumento de salário e fim dos maus tratos. Mas ao que tudo indica os empresários viam como normais as atitudes de ofensa e violência que os mestres das fábricas praticavam, considerando essas ocorrências normais e até mesmo uma forma de educar:

---

[148] RAGO, Op.cit.,p.184.
[149]Benedito de Carvalho, apud. DECCA, Op.cit., p.46)
[150] RAGO, Op.cit., p.188.
[151] *A PLEBE, 18/08/1917.*

> Depois, sempre pelo mesmo diapasão, dizem – outra vez! – que a solidariedade proletária é um mal entendido, pois não se justifica uma greve em razão de serem punidas com PUXÕES DE ORELHAS *meninas aprendizes que cometem infrações regulamentares.* E para complemento os órgãos classificam essa selvageria *de meio tão innocente como infantil... que ninguém poderá negar ser muitas vezes salutar e benéfico...* [152]

Em 1901 trabalhadoras das fábricas de tecidos Santa'anna em São Paulo entraram em greve porque seus salários haviam sido reduzidos, pois a partir daquele momento os operários ganhariam por produção e "o novo plano de barateamento da produção esbarrava na exaustão física dos operários, a qual já a tabela vigente os submetia." [153]

Além de greves exigindo melhores condições de trabalho e salário, as mulheres também se mobilizaram contra os maus tratos praticados pelos contramestres, como foi o caso da paralisação das costureiras em São Paulo em 1902. A respeito desta greve o jornal *Amigo do Povo* publicou que "a partir das greves das operárias da fábrica de tecidos Anhaia do Bom Retiro em 1902 começava pra valer o movimento operário em São Paulo." [154]

Nesta greve as mulheres exigiam a demissão do mestre de teares porque o mesmo lhes faltava ao respeito e pediam também o retorno de uma jovem de 17 anos que havia sido mandada embora injustamente. O contra mestre foi demitido, mas logo a situação na fábrica voltou ao normal, ou seja, maus tratos, e em função disso, um mês depois as operárias retornaram a greve. Em 1907 costureiras e lavadeiras entraram em greve e fizeram uma paralisação que resultou na diminuição da carga horária. Em 1908 foi a vez das operárias da fábrica Francisco Matarazzo.

Onde havia greve, havia repressão, pois as mobilizações dos trabalhadores eram sempre tratadas com violência por parte da polícia e do Estado com apoio dos empresários. Os anarquistas negavam a violência, mas viam o policial que agredia com certa compaixão, pois o soldado também era uma vítima da violência social que o Estado lhe infligia. Isabel Cerruti demonstra esta indignação e ao mesmo tempo solidariedade:

> Em face dos acontecimentos há pouco desenrolados, senti um mixto de indignação, principalmente, pela maneira despótica com que aqueles que entendem ser os senhores do mundo tentam suffocar o movimento de justiça em que lançaram os operários[155]

---

[152] *A PLEBE, 08/09/1917.*
[153] BEIGUELMAN, Op.cit., p.21.

[154] *O AMIGO DO POVO, 22/11/1902.*
[155] *A PLEBE, 04/08/1917.*

E mais adiante admite que o soldado apesar de agir com brutalidade contra os operários, é apenas um fantoche nas mãos do Estado que deveria proteger o trabalhador e não violentá-lo:

> O que é de lamentar, e não deixa de me despertar o sentimento de piedade, é a situação humilhante do soldado-vítima desta madrasta sociedade (...) O soldado é do povo e com o povo sofre as conseqüências da má organização social [156]

O período que se seguiu a Primeira Guerra Mundial foi caracterizado por aumento da repressão sobre os trabalhadores que, insatisfeitos, reclamavam da carestia que elevava cada vez mais o preço dos produtos e o valor dos alugueis, que com os baixos salários tornavam a vida do trabalhador ainda mais difícil. Esses fatores, somados a carga horária exaustiva que tinham que enfrentar, propiciava um ambiente de mobilizações sindicais e reivindicações.

As anarquistas atuaram como ativas combatentes no movimento operário. A maioria delas viveu no anonimato, o que não significa que tenham passado pela história sem deixar sua contribuição. Operárias ou não, as mulheres eram, obviamente por questões culturais e religiosas, em menor número na luta operária, mas sua atuação foi inquestionável, como o caso de Maria Lacerda de Moura, no Brasil e Emma Goldmam nos Estados Unidos, como será tratado mais adiante.

2.4 As Anarquistas e o Feminismo Sufragista.

Este trabalho procura mostrar o pensamento anarquista do início do século XX na visão das mulheres libertárias, visando o verdadeiro sentido de emancipação feminina. Como para as anarquistas a independência das mulheres estava intimamente ligada à transformação do indivíduo, onde houvesse manifestação pela liberdade havia o sentimento de solidariedade e união entre todos, fossem homens ou mulheres.

Como foi observada, a necessidade de se reconhecer como sujeito, capaz de criar sua própria história, ser dona do seu corpo, da sua mente, sua vida e por si só poder fazer suas opções sem que ninguém lhe impusesse qualquer condição, chama-se consciência, o que permitiria à mulher saber qual o seu papel no mundo e na sociedade em que vivia. Para isso seria necessário desconstruir o ideal de mulher que lhe era imposto, assumindo características próprias.

Os movimentos feministas fossem eles sufragista (através da luta política) ou anarquista (emancipação individual), trouxeram grande contribuição para a participação da mulher na

[156] *A PLEBE, 04/08/1917.*

sociedade. Por outro lado, as libertárias no movimento operário, sem dúvida, abriram caminho para a emancipação feminina no sentido de que as mesmas ampliaram as reivindicações para além do campo político e econômico, exigindo o fim das opressões exercidas sobre as mulheres.

Ao analisar os movimentos feministas no Brasil no início do século XX, pode-se perceber que existiu uma grande diferença entre eles. As anarquistas, por exemplo, acreditavam que a opressão da mulher estava associada ao sexo, ao direito sobre seu corpo e suas escolhas. Outra questão muito debatida entre as mulheres libertárias estava associada à opressão não só da mulher, mas dos indivíduos.

Os movimentos feministas,[157] seguiram ideais e propostas diferentes. Prova disto foi o afastamento de duas grandes líderes como Berta Lutz (sufragista) e Maria Lacerda de Moura (libertária), que após participarem de alguns congressos juntas acabaram se distanciando por terem pensamentos diferentes.

A visão das feministas sufragistas sobre emancipação tinha o caráter de conseguir algumas conquistas, não como uma forma de se realizar como indivíduo. A ideia de emancipação das feministas estava muito próxima da visão burguesa:

> A mulher só entrou a trabalhar e a produzir quando esta perspectiva de miséria lhe assombrou o lar (...). O feminismo enquadra-se, pois nos movimentos de providência, ou compaixão, ou de solidariedade (...). [158]

Como se a mulher representasse a última alternativa, ou seja, quando não houvesse mais meios de subsistência surgiria a mulher a sacrificar-se para ajudar o homem, frequentemente utilizando um discurso de abnegação e redenção. Essa ideia de sacrifício é exposta mais adiante:

> Uma mulher que deixa a tranqüila suavidade de seu lar e que se atira decididamente à luta pelo pão, como professora, como caixeira, como operária, como funcionária – e isto para ajudar o homem – só por aberração de sentimentos, um desvio de raciocínio que entesta no absurdo, ou por uma pequice (?) bobalhona de ignorância pretensiosa, pode ser motejada ou acusada por seu companheiro natural.[159]

---

[157] Entende-se por feministas um grupo de mulheres geralmente pertencentes à classe media que lutaram pelo direito da mulher ao voto. E outro grupo de mulheres ligado ao movimento operário que lutava pela emancipação feminina através da liberdade individual e da emancipação humana.
[158] *RESVISTA FEMININA DE SÃO PAULO 11/1918.*
[159] Ibidem.

O lar era colocado como ambiente natural da mulher e ela tenta justificar a saída para o trabalho como um mal necessário, tendo muitas vezes, um sentimento de culpa por trabalhar fora. Em seus discursos procuravam sempre exaltar as normas de conduta moral que deveriam ser seguidas e respeitadas:

> Não pretendemos, nem as mulheres brasileiras o pretendem, quebrar o fio das tradições que nos liga à moral que constitui nossa infância: antes pelo contrário, integrando-nos ao movimento feminino mundial, nosso intuito outro não seria, que o de procurar constituir aquela moral, que força é confessar aos poucos desaparece.[160]

Tendo o movimento feminista sufragista o caráter de emancipação política (isto é, direito ao voto), alegava que a mulher já se fazia presente no mercado de trabalho substituindo o homem em algumas atividades e por isso, nada mais justo do que lhe dar o direito à contribuição política. As mulheres aproveitaram o período de guerra como justificativa para a conquista do voto "no sentido de que se conceda a egualdade política às mulheres." [161]

Já as libertárias tinham uma visão bem crítica com relação a tais posições. Para elas o direito ao voto não acabava com a opressão e a humilhação que as mulheres tinham que enfrentar, nem lhes colocava em situação de igualdade junto com aos homens, como demonstra Isabel Cerruti: "Qualquer reforma nas leis vigentes que tenha a conferir-lhe direitos políticos iguais aos homens, não as põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espezinhada pelo sexo forte e prepotente.[162]

Maria S. Soares também chamava a atenção para a rivalidade existente entre as feministas sufragista e libertárias:

> Manifestam-se também com vigor, nestes tempos, outras tendências de feminismo além do das sufragistas, que certamente visam a despertar no meio feminino grande atividade e que revestirá em favor da sua completa emancipação. Como já disse anteriormente, senti imenso prazer ao ver esse despertar tão almejado, mas não sei a que atribuir a indiferença que reina entre as companheiras, tanto do Brasil como do estrangeiro, neste momento propício para a propagação das nossas ideas.[163]

O objetivo do anarquismo é o fim do capitalismo e de toda a hierarquia que este sistema traz e daí o fato do movimento ter sido perseguido e reprimido durante o período que esteve

---

[160] *RESVISTA FEMININA DE SÃO PAULO 11/1918*.
[161] Ibidem.
[162] *A PLEBE, 20/11/1920*
[163] *A LANTERNA, 03/10/1914*.

em evidência, diferentemente do liberalismo feminista que, para o capitalismo, não era um problema até mesmo porque a maior parte das feministas sufragistas vinha das camadas médias com maior poder aquisitivo.

Quando as mulheres saíam às ruas exigindo sufrágio universal elas não estavam parando máquinas, porém quando as operárias faziam greves exigindo o fim dos maus tratos, o fim do assédio, a diminuição da jornada de trabalho e melhores salários elas estavam deixando de gerar lucro e isso era prejudicial para o capitalismo.

A diferença na luta pela emancipação na visão das anarquistas e feministas está também no fator socioeconômico e na visão que cada uma tinha sobre a classe a qual pertenciam. As feministas pouco se preocuparam com questões sociais, limitando-se à filantropia, e isso ficou bastante visível no movimento liderado por elas, como da fundação da Federação pelo Progresso Feminino[164] e também do Partido Republicano Feminino[165]. Em ambas as organizações, não se colocavam em pauta questões sociais. Hobsbawm confirma a ideia de que as sufragistas pouca importância deram às questões sociais:

> Conforme sugerimos, os movimentos especificamente feministas eram pequenos: em muitos países do continente suas organizações consistiam em algumas centenas ou, na melhor das hipóteses, de um a dois mil indivíduos. Seus membros eram predominantemente das classes médias e sua identificação com a burguesia e em particular com o liberalismo burguês, cuja extensão ao segundo sexo defendiam, dava-lhes a força que possuíam e determinava suas limitações. **Abaixo do nível da burguesia educada e próspera, o voto feminino, o acesso à educação superior e o direito de sair para o trabalho e de ter profissão, além da luta pelos direitos e pelo status legal igual ao masculino (especialmente no tocante aos direitos de propriedade),** dificilmente despertariam um fervor engajado como outros assuntos [166](Grifo nosso).

---

[164] Federação Brasileira pelo Progresso Feminino objetivava: a conquista por parte das mulheres, de maiores direitos civis e políticos, tendo como principal bandeira a luta pelo voto feminino. A Federação teve origem na Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Considerada como pioneira das lutas feministas, Bertha Lutz estudou na Europa, licenciando-se em ciências na Sorbonne, voltando ao Brasil em 1918. No período de estudos teve contato com a campanha sufragista inglesa, fato estimulador para a criação da Liga, em 1919, juntamente com outras mulheres de classe média, entre elas Maria Lacerda de Moura, uma professora primária e escritora de Minas Gerais. BONATO, Nailda Marinho da Costa. *FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: CONTRIBUIÇÕES DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO - 1922*. UNIRIO, Agência Financiadora FAPERJ. <30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT02-3437--Int.pdf> p.3. Visto em 10/03/2016.

[165] Partido político fundado no Rio de Janeiro em dezembro de 1910 com o objetivo de representar e integrar as mulheres na sociedade política.Foi presidido por Leolinda de Figueiredo Daltro (1860 – 1935). cpdoc.fgv.br/sites/default/files/.../PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEMININO Visto em 26/10/2016.

[166] HOBSBAWM, Eric. *A ERA DOS IMPÉRIOS 1875- 1914*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

Outra diferença muito nítida está na crítica que as anarquistas faziam à moral, à política e à economia vigentes naquele período, ou seja, completamente contrária à ideia capitalista e burguesa. Essa crítica de certa forma causava certo desconforto às feministas que seguiam os padrões de todo o discurso burguês, visto que geralmente vinham das camadas médias ou pertenciam à elite. Era natural que suas preocupações se limitassem ao campo político.

Muitas feministas tinham ligações no mundo da política, como a fundadora do Partido Republicano Feminino Leolinda Daltro de Figueiredo[167], grande amiga da esposa do Presidente da República Hermes da Fonseca, que inclusive esteve presente em uma das reuniões do partido.

A Federação pelo Progresso Feminino criada em 1922 tinha um caráter de levar a emancipação da mulher através dos direitos políticos. Mulheres como Berta Lutz, da elite brasileira e Maria Lacerda de Moura professora e escritora foram as principais articuladoras da fundação da Federação.

Maria Lacerda de Moura, no entanto, por divergências de pensamento acabou desistindo da Federação pelo Progresso Feminino e fundou a Federação Internacional Feminina em São Paulo.

No caso das feministas sufragistas não ocorreu um reconhecimento, uma empatia com relação às questões sociais, até mesmo porque muitas delas viviam da própria exploração do outro e para que haja um sentimento de pertencimento em um determinado grupo é necessário que se compartilhe do mesmo pensamento, do mesmo ideal, caso contrário:

> (...) determinados grupos de mulheres que se favorecem diante das relações capitalistas, racistas e heterossexuais, reproduzindo assim opressões e explorações, a medida que não se reconhecem em mulheres de outra classes raça/etnia e sexualidade, e não legitimam, de certa forma, a igualdade diante dessa diversidade.

[167] A educadora Leolinda Daltro era conhecida era conhecida por sua luta em defesa dos índios e dos direitos da mulher, e era interlocutora de um prócer republicano como Quintino Bocaiúva e da mulher do Presidente daRepública Hermes da Fonseca, Orsina da Fonseca (1858-1912). Orsina, por sua vez, era favorável ao feminismo,embora não tenha assinado a ata de fundação do partido. Aprimeira secretária era uma mulher igualmente conhecida nos meios intelectuais da capital federal, Gilka Machado (1893-1980), que assombrava a todos com sua poesia erótica e de denúncia da opressão feminina. cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEMININO. Visto em 26/10/2016.

> Logo, para o feminismo, a solidariedade se estabelece com um desafio de dimensão político-subjetiva na luta pela construção da humanidade das mulheres e de seu reconhecimento como sujeitas coletivas. [168]

Os movimentos feministas do início do século XX, de um lado introduziram e ampliaram a participação das mulheres na vida política e no mercado de trabalho (sufragistas), e do outro, pelas mulheres libertárias, colocaram como meta a defesa da liberdade individual e os problemas relacionados às questões sociais e a opressão da mulher na sociedade. Seguiram caminhos distintos, mas tiveram importância no sentido de que ambos os movimentos trouxeram significativas transformações quanto à realidade da condição feminina na atual sociedade.

[168] Universidade e Sociedade. *Mulheres em movimento nas lutas sociais e sindicais*. Revista publicada pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN, Ano XXVI, Brasilia, junho de 2016, p.27.

Capítulo III: Feminismo e anarquismo: Maria Lacerda de Moura e Emma Goldmam

Não escrevo para as poucas mulheres que leem, que conhecem autores diversos e sim para as muitas que não puderam receber uma instrução sólida, para as que não podem ter bibliotecas, as que não tiveram professores, as que não foram habituadas a pensar.
Maria Lacerda de Moura

Este capítulo conta um pouco a história da militância de duas mulheres que trouxeram imensa contribuição tanto para o feminismo quanto para o movimento operário.

O que se escreveu sobre as mulheres libertárias do início do século XX está na bibliografia recente do início da década de 1980, fato que demonstra a pouca importância que a historiografia deu à participação das mulheres no período estudado.

Ao analisar documentos como jornais e revistas da época percebe-se que as mulheres sempre se fizeram presentes, fosse ao movimento operário atuando em greves, levantes e guerras, fosse através do meio literário escrevendo em jornais e revistas, participando de peças teatrais, de escolas, em eventos sociais como quermesses, centros de cultura, grupos de estudos, sempre com o intuito de instruir abordando os problemas recorrentes a questão social.

A contribuição que as libertárias deixaram reflete-se até hoje nos movimentos sociais de classe, especialmente nos movimentos feministas. Maria Lacerda de Moura, embora nunca tenha se declarado anarquista, sempre mostrou em seus escritos ideias que fazem parte do pensamento anarquista. Emma Goldman, anarquista convicta, atuou tanto na ação direta, participando de greves e levantes, como foi escritora, contribuindo para a propagação dos ideais anarquistas.

As anarquistas desbravaram um universo que até então era regido por homens deixando sua contribuição na história das lutas sociais.

3.1- Maria Lacerda de Moura e o idealismo libertário independente.

Maria Lacerda de Moura nasceu em Minas Gerais, na cidade de Manhuaçu em 1887. Cresceu em uma família espírita, o que desde cedo já a colocava em uma situação de descriminação, pelo fato da sociedade daquela época pertencer à tradição católica.

Foi professora primária em Minas Gerais, onde desempenhou um papel bastante ativo, desde cedo já demonstrava solidariedade com relação às necessidades dos indivíduos. Como

professora na cidade de Barbacena,[169] se inspirou no método de ensino libertário de Francisco Ferrer Y Guardia baseado em uma educação de transformação do indivíduo. Participou de campanhas a favor da alfabetização e na construção de casas populares para os menos favorecidos.

Em 1921 foi morar em São Paulo, atuando como professora e presidente da Federação Internacional Feminina. Neste período debateu sobre várias questões como educação, política e economia, utilizando-se de meios como a imprensa operária para divulgar suas ideias relacionadas a questões sociais, principalmente sobre a emancipação feminina. Na imprensa anarquista colaborou com o jornal *A Plebe,* e em 1923 organizou a revista *Renascença.*

Maria Lacerda pode ser considerada uma anarquista individualista[170] entendendo que os individualistas tinham um pensamento diferente dos anarco-comunistas e anarco-sindicalistas, (que visavam uma emancipação de caráter coletivista, e que a greve geral era um meio para a conquista da emancipação). Os individualistas acreditavam que antes de iniciar um combate com o capital, o Estado e a Igreja faz-se necessário travar uma luta individual, de dentro para fora, que toda a transformação externa e coletiva seria inútil antes de uma transformação de cada indivíduo. O anarquista individualista não vê no capitalismo o único mal que impera sobre o homem, mas também os vícios da alma, que Émile Armand vai denominar de "mentalidade defeituosa," [171]sendo assim:

> O anarquista individualista desinteressa-se de uma revolução violenta que vise uma transformação do modo de distribuição dos produtos no sentido coletivista ou comunista, o que não traria muita mudança na mentalidade geral e provocaria em nada a emancipação do ser individual. No regime comunista, este seria tão subordinado quanto atualmente aos caprichos do Meio: estaria tão pobre, tão miserável quanto agora; em vez de se curvar ao jugo da pequena minoria capitalista atual seria dominado pelo conjunto econômico.[172]

Este individualismo de Maria Lacerda de Moura tornava-a independente no sentido que, ao mesmo tempo em que acreditava no ideal libertário de emancipação do indivíduo, também

---

[169] DIAS, Mabel. *Mulheres Anarquistas O-resgate –de-uma-história-pouco-contada*, Imprensa Marginal, p.19.
[170] O individualismo é uma vertente do anarquismo, que surgiu na França no final do século XIX. É uma tradição filosófica com ênfase no indivíduo e sua vontade, argumentando que cada um é seu próprio mestre interagindo com os outros através de uma associação voluntária. Acrescentemos que ao contrário do anarquismo comunista, o anarquismo individualista nunca foi um movimento social, mas um fenômeno filosófico literário <HTTPS://accaopopularlibertaria.files.wordpress.com>
[171] ARMAND, Op.cit., p.125.
[172] Loc.cit.

se sentia livre para criticá-lo quando algo não lhe agradava, assim como criticava o feminismo sufragista, mesmo sendo amiga de Berta Lutz, líder do movimento feminista naquele período.

Esse pensamento de liberdade levou-a para a comunidade de Guararema, em São Paulo, entre os anos de 1928 e 1937. Neste período considerava-se "livre de escolas, livre de muletas, livre de prejuízos governamentais, religiosos e sociais."[173] Participou ativamente de várias conferências pelo Brasil e até na Argentina, onde se encontrou com Luis Carlos Prestes, exilado depois da marcha da coluna.

Cultivou a não violência, preferiu seguir o caminho do amor, da paz, da solidariedade e fraternidade, reforçando a ideia de uma vida mais simples, interiorizada, longe das amarras do capitalismo e dos jugos da Igreja, declarando assim sua liberdade:

> A minha pátria não tem fronteiras: vai até o coração imenso de todo gênero humano e *considerado* nas unidades individuaes.
> (...) Não tenho religião, porque minh'alma é profundamente religiosa... da Religião do Amor, da Beleza, da Sabedoria (...).[174]

Na década de 1920 acabou se distanciando dos anarquistas quando fez um elogio ao modelo de educação na Rússia comunista, e depois de ter declarado que "negava a existência de anarquistas, além de Jesus Cristo.[175] Desta forma "Osvaldo Salgueiro e Pedro Catalo, no jornal A Plebe, diziam que Maria Lacerda tinha um discurso confuso e disperso, uma inconsistente teoria política e apresentava contradições em seus escritos e em sua atuação."[176]

Além dos anarquistas, afastou-se também das feministas por não concordar com questões básicas do programa delas, como emancipação através do voto. A dispersão e confusão da qual foi acusada pelo jornal *A Plebe* pode ser que seja fruto de sua liberdade de pensamento, porque apesar de suas ideias libertárias, nunca se disse anarquista ou feminista, o que provocou seu afastamento de ambos os movimentos.

emancipação feminina, religião, política e guerra.

3.2- Maria Lacerda de Moura e a educação como instrumento de libertação.

---

[173] LEITE, Mirian Lifichetz Moreira. *A Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo. Ed.Ática. 1984, pg.91.

[174] *A PLEBE, 31/12/1932.*

[175] RICHTES, Liane Peters. *Emancipação Feminina e Moral Libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura.* Campinas /SP, 1998. Dissertação de mestrado. Universidade de Campinas, p.48.

[176] DIAS, Op.cit., p.21.

Maria Lacerda de Moura sempre colocou a questão da educação como fator principal para a emancipação e no período em que atuou como presidente da Federação Internacional Feminina criou propostas curriculares relacionadas à educação feminina.

Junto com Bertha Lutz, fundou em 1919 a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher que colocava como objetivo principal a emancipação através da educação. Era contra associações e legiões religiosas dirigidas por mulheres porque geralmente estas instituições tinham caráter filantrópico limitando às questões femininas ao mundo doméstico, o que acabava desviando o propósito principal que era a emancipação. Esta idéia é exposta na carta em que Maria Lacerda de Moura endereça a Bertha Lutz em 20 de outubro de 1920:

> Tratemos do movimento feminista de que fala. Acho que tem razão: precisamos de outra causa além das associações – Christã ou Legião da Mulher, o meu modo de ver é o seguinte: não se trata agora de limitado campo sejam – escolas domesticas ou estabelecimento de philanthropia ou qualquer cousa de caráter local o que de modo nenhum solucionaria a questão. A associação Christã como a Legião tem ainda limitado círculo de ação. Eu desejaria coisa muito mais ampla.[177]

A educação feminina no início do século XX tinha a finalidade de instruir a mulher no aprendizado doméstico, como bordados, costuras e coisas voltadas para o lar. A proposta de Maria Lacerda de Moura era tornar a educação feminina "racional" de acordo com seus princípios libertários[178]. Em 1918 publicou o livro *Em torno da educação*, em que já demonstrava um anticlericalismo.[179] Tamanha era a sua preocupação com a educação que em 1912 participou da Liga contra o Analfabetismo.

Embora não tenha assumido nenhuma posição política, pois se considerava livre, "Criador dos meus Sonhos, escultor do meu Pensamento, burilador da estátua do meu Ser, domador do corcel da minha Vida," [180]era bem óbvia sua posição ideológica, pois sempre esteve ligada aos anarquistas contribuindo com eles através da imprensa operária.

Sempre declarou o quanto era importante a instrução na vida da mulher enfatizando um ensino laico, racional e científico. Ao falar de uma escola laica, livre de ensinamentos

---

[177] MOURA, Apud., MARTINS, Maria Souza; Costa, Nailda Marinho. *Movimento Feminista e educação: Cartas de Maria Lacerda de Moura Para Berta Lutz* . Revista Contemporânea de Educação, vol.11, nº12, jan/jul de 2016). Visto em 23/05/2016.

[178] Segundo Angela Maria Souza Martins e Nailda Marinho Costa em *MOVIMENTO FEMINISTA E EDUCAÇÃO: CARTAS DE MARIA LACERDA DE MOURA PARA BERTHA LUTZ (1920-1922),* a simpatia pelo método de Francisco Ferrer Y Guardia e demonstrada no livro de Maria Lacerda de Moura, Renovação

[179] RICHTER, 0p.cit.,p.30.

[180] *A Plebe*, 31/12/1932.

religiosos, estabeleceu o argumento de que a mulher só alcançaria a liberdade se conseguisse se libertar dos domínios de sacerdotes e dogmas clericais, no entanto esta liberdade só ocorreria de acordo com sua própria vontade:

> Enquanto a mulher Patrícia estiver sob tutela do Padre – impossível sua emancipação. Portanto, é preciso um trabalho enérgico, perseverante, gostoso para desviá-la aos poucos dessa escravidão mental (...). (...) O padre ou encampa o movimento ou impede o seu desenvolvimento e de tal maneira quem fica de fora é a mulher: a sua arma a favor ou contra as próprias irmãs. Nada disso se diz tão claramente, quando o nosso fito é a catechese, até que ela própria compreenda e sinta necessidade de pensar livremente.[181]

Ao enfatizar um ensino laico declarou "que de todos os empecilhos ao progresso da mulher, a religião é o mais importante." [182]A ideia de libertar a mulher do jugo da Igreja através de uma educação racional e científica abrangia a construção de universidades que fossem capazes de despertar

> O espírito crítico de mulheres já instruídas ou moças inteligentes e enérgicas, núcleo capaz de continuar a propaganda. A fundação de escolas filiadas a estas em todos os estados. (...) Arregimentando as mulheres todas num gesto de solidariedade.[183]

Estas ideias de emancipação e educação mostram o pensamento revolucionário de Maria Lacerda de Moura, porém com certo caráter romântico e utópico, se levarmos em consideração uma época em que a sociedade era predominantemente controlada por homens.

Além da crítica à Igreja, contestava também a medicina com suas teorias científicas, que atribuía à mulher razões biológicas, que a colocavam em uma condição de inferioridade física e intelectual. Margareth Rago mostra a importância dos discursos científicos normativos desenvolvidos na Europa desde o início do século XIX e que tiveram enorme influência no Brasil, segundo ela estes discursos:

> Procuram demonstrar a "missão sagrada" atribuída à mulher e sua "vocação natural" de procriação. Através de argumentos os mais variados, mas especialmente de cunho moral, este discurso pretende fundar um novo modelo normativo de feminilidade e convencer a mulher que deve corresponder a ele. Na verdade, ela vai ser o centro de todo o esforço de propagação de um modelo imaginário de família, orientado pela intimidade do lar, onde devem ser cultivadas as virtudes burguesas.[184]

---

[181] MOURA, apud, COSTA; MARTINS, Op.cit., p.218.
[182] MOURA, Maria Lacerda de. Renovação. Fortaleza. Edições UFC. 2015, p.151.

[183] MARTINS, Op.cit., p.218.
[184] RAGO, Op.cit., p.103

Essa crítica à medicina pode ser encontrada no livro *A mulher é uma degenerada?* publicado em 1924. Neste livro ela trata essencialmente de questões sobre a condição feminina, a opressão que a mulher sofria na sociedade, a prostituição e o papel da ciência no período republicano.

> Eu não discuto com um homem apenas, com o Sr.Bombarda (médico português), com Lombroso ou com Ferri: protesto contra a opinião antifeminista de que a mulher nasceu exclusivamente para ser mãe, para o lar, para brincar com o homem, para diverti-lo[185].

A emancipação da mulher para Maria Lacerda de Moura estava diretamente ligada ao sexo. A mulher é dona de seu corpo, e só a ela caberia o direito a escolhas como, o amor, o casamento e a maternidade. Segundo ela estas questões não poderiam ser impostas, mas sim uma escolha.

Com relação às questões sobre sexualidade, sofreu forte influência do anarquista Han Rayner.[186] Publicou o livro *Han Rayner e o amor plural*, em que diz que o homem, além de explorador, era o grande responsável pelo atraso intelectual da mulher:

> E o homem continua a querer entravar-lhe os movimentos e, portanto, a cercear-lhe o progresso. A mulher só tem o direito de sair, de se locomover se vai trabalhar ganhar dinheiro.
> Continua dando conta ao homem de todos seus passos e até do seu salário. E outra espécie de exploração.
> É o cafitismo em família (...) [187]

Acreditava no amor e na solidariedade para se chegar a uma sociedade mais justa e igualitária, daí a sua aproximação com os anarquistas defendendo a negação com qualquer organização político partidária.

3.3- Sufragismo, emancipação e sexualidade.

A partir de 1921 Maria Lacerda de Moura afastou-se da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. Acredita-se que a mudança para São Paulo, associada às divergências de ideias junto a FBPF, ocasionou a separação, pois ao chegar a São Paulo ela pode constatar outra realidade típica dos grandes centros urbanos industrializados, tais como: grande contingente populacional e desigualdades sociais fruto da exploração inerente do sistema capitalista, e desta forma:

---

[185] Apud; RAGO.Op.cit., p.130.
[186] Han Rayner foi um anarquista individualista francês.
[187] MOURA, apud. RAGO, 2014, p.135.

> Ficou indignada ao se deparar com as condições de vida do proletariado paulista. Abandonou o discurso ameno e reformista do grupo ligado ao FBPF e optou por maneiras mais contundentes de atuar politicamente, envolvendo-se intensamente com o movimento operário anarquista. Assumindo a presidência da Federação Internacional Feminina, entidade criada por mulheres de São Paulo.[188]

As divergências que provocaram seu afastamento da FBPF concentravam-se em torno das ideias de emancipação pelo voto, que era uma característica das feministas e Maria Lacerda não acreditava que o sufrágio pudesse libertar a mulher do jugo de uma sociedade que exercia o domínio e a opressão, baseando-se em um discurso moralista.

Outra questão que contestava nas feministas era o caráter filantrópico destas federações e associações, posto que tais atitudes não aliviavam nem diminuíam o martírio que os menos privilegiados eram submetidos. A filantropia era uma forma de enfatizar características atribuídas à mulher, como a benevolência e a caridade. Ao mesmo tempo em que se afastava da FBPF, Maria Lacerda de Moura se aproximava do movimento operário, voltando-se para as questões sociais e suas consequências, como as dificuldades econômicas do proletariado, o trabalho infantil e a prostituição que para ela "se origina da miséria." [189]A situação de pobreza, a carestia e a própria desigualdade entre os sexos corrompe a mulher e aumenta a prostituição porque:

> A sociedade dos homens aplaude, procura, auxilia a moça que se deprava em costumes e aumenta o seu prazer, ri, escarnece, deixa na miséria ou faz cair na miséria aquella que faz respeitar, que procura viver do trabalho honesto.[190]

Neste caso ela culpa os homens por comportamentos inescrupulosos e por não darem o exemplo de respeito que um homem deve ter por uma mulher "são homens libertinos e que só vivem do estomago para baixo." [191] Estas questões sociais, somadas com a temática da emancipação da mulher, só vieram aumentar ainda mais o discurso crítico à sociedade da época.

A ideia de emancipação da mulher para Maria Lacerda, assim como para os anarquistas, estava ligada a liberdade individual, por isso acreditava na independência intelectual e na instrução. Condenava a moral vigente estabelecida pela sociedade, essas exigências morais baseadas na dominação e no autoritarismo, que só aumentavam mais a opressão e a

[188] SHUMAHER; Brasil, 2000, p.399, apud; MARTINS; COSTA, Op.,cit., p.224.
[189] MOURA, Op.cit., p.68.
[190] Ibidem, p.68-69.
[191] Ibidem, p.69.

desigualdade exercida sobre os mais fracos, não apenas mulheres, mas também os desprivilegiados economicamente.

Ao tratar da questão do voto Maria Lacerda era bem clara:

> Não quero para mim o direito do voto; eu só votarei em casos especialíssimos. Repito: - detesto tudo quanto se refere a política (...). (...) Não creio em partidos políticos. Desde muito cêdo aborreço tudo quanto se refere a política, eleições, a votos.[192]

Em *Renovação* ela demonstra o lado negativo da política ao negar o voto e consequentemente tudo o que ele representa em termos de autoritarismo, ganância, poder e ambição. Quando Maria Lacerda reclamava o direito ao voto para as mulheres era para desconstruir a ideia de que o voto "desvirtua a mulher", que ao votar a mulher abandonaria seu lar.

> Que o voto disvirtúa a mulher é irrisório. E porque não se disvirtúa Ella ao pregar na escola os deveres dos cidadãos como eleitores?
> Os homens não exigem dellas, nos programas de ensino, o conhecimento das leis e dos códigos para transmitir as crianças lições de civismo?
> E como fica disvirtuada ao falar em cousas que disvirtuam?[193]

3.4- Sobre o anti-militarismo e o fascismo: o pacifismo de Maria Lacerda de Moura.

No final de 1920 a Europa, ainda abalada com os horrores da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), passava por uma crise que marcou a história. Esta crise, agravada com a derrota dos países aliados, propiciou um ambiente de manifestações trabalhistas devido à alta taxa de desemprego e da inflação que se agravou ainda mais com o fim da guerra. Esta crise, somada ao sentimento de derrota fez surgir na Europa, inicialmente na Itália, movimentos ultranacionalistas, anticomunistas e antiliberais como o fascismo e o nazismo. Os governos liberais viram-se ameaçados com o surgimento de governos totalitários que segundo Hobsbawm:

> Nesse período a ameaça as instituições liberais vinha apenas da direita política (...). (...) Essa direita representava não apenas uma ameaça ao governo constitucional e representativo, mas uma ameaça ideológica à civilização liberal como tal, e um movimento potencialmente mundial, para

[192] MOURA, Op.cit., p.144-145.
[193] Op.cit., p.144-146.

> o qual o rótulo ‘fascismo’ é ao mesmo tempo insuficientemas não inteiramente irrelevante.[194]

E para conter a classe operária afastando-a de manifestações trabalhistas e levantar a auto-estima das nações após uma desastrosa derrota militar:

> Todas tendiam a ser nacionalistas, em parte por causa do ressentimento contra os Estados estrangeiros, guerras perdidas ou impérios insuficientes, e em parte porque agitar bandeiras nacionais era um caminho tanto para a legitimidade quanto para a popularidade.[194]

O regime fascista teve forte influência no Brasil e Maria Lacerda de Moura combateu este regime autoritário utilizando como um dos meios a revista *Renascença,* que ela mesma dirigia, fundada em 1923. Era adepta da não violência, em seus discursos pedia que as mulheres não tivessem filhos para que não fossem usados como meros instrumentos em campo de batalha.

Fez uma forte campanha contra o fascismo e o militarismo, denunciando toda a forma de violência, assim como a ligação estabelecida entre a Igreja e Estado como forma de corromper a sociedade.

> Quando a religião deixar de ser profissão parasitária, quando desaparecer o interesse pecuniário ninguém se julgará infalível e raros, raríssimos serão os diretores espirituaes.
> Extinguir-se-ão as religiões para dar lugar a verdadeira e única religião – ideal de perfeição, de tolerância e a solidariedade, êxtase contemplativo deante da Natureza Maravilhósa.
> Mas quando?
> Depois que desaparecer o capital e a propriedade particular. [195]

Daí desenvolveu uma forte crítica à Igreja, pois acreditava ser esta instituição a grande inimiga da mulher, sendo a maior responsável pela sua submissão e inferioridade, e a única maneira de se libertar de todos os dogmas da igreja era através da educação. Acreditava no amor e na solidariedade como forma de se chegar a uma sociedade mais livre e justa.

3.5- A obra e o discurso de Maria Lacerda de Moura.

---

[194] HOBSBAWM, Eric. **ERA DOS EXTREMOS – O breve século XX 1914-1991**. São Paulo. Companhia das Letras. 1994. P.117-116.

[195] MOURA, Op.Cit., P.173.

A obra bibliográfica de Maria Lacerda de Moura pode der considerada diversificada. Em sua trajetória literária abordou vários temas, mas sempre colocando a educação como instrumento para a conscientização e como forma de se libertar do autoritarismo do capital e da Igreja, responsáveis por toda opressão e misérias material, moral e intelectual. Pensava que uma sociedade justa era aquela em que homens e mulheres pudessem exercer sua liberdade e individualidade sem hierarquias e sem disputas entre ambos.

Atuou no movimento operário com seu individualismo libertário escrevendo nos jornais anarquistas sempre defendendo a liberdade de expressão, a não violência, além de demonstrar um forte anticlericalismo:

> A minha religião é a Religião do Amor e da Beleza. A minha metafísica livre é embalada no sorriso da dúvida e na música do sonho. É um poema... Não tenho Religião, porque minh'alma é profundamente religiosa... da Religião do Amor, da Beleza, da Sabedoria. Venham a mim, ó meus irmãos, amigos e inimigos. A todos eu amo com a Sabedoria do Coração.[196]

Acreditava que:

> Cada qual deve ser o diretor espiritual de si mesmo: para isso todos temos raciocínio, conformação cerebral necessária para a consciência necessária de nossos actos.
> Só precisam tutela os imbecis, os caducos e os loucos.[197]

Pois:

> As religiões em vez de serem instrumentos de perfeição e felicidade, têm sido alavancas de destruição e ódio.
> Têm sido instrumento dos fortes contra os fracos, instrumento político, comercial de castas e autocracias servindo aos mais ricos, aos poderosos aos potentados.[198]

Declarou guerra ao fascismo e a guerra, a partir da década de 1920 sempre através das palavras. Utilizou-se de meios como a própria revista *Renascença,* o jornal *O Combate* e *A Plebe,* enfatizando a educação.

Em 1928 foi viver na comunidade Guararema em São Paulo, mas a comunidade não foi adiante devido à forte repressão no governo de Getúlio Vargas e em 1935 ela voltou a Barbacena para exercer a profissão de professora.

Professora, escritora, jornalista, conferencista, militante, em 1918 lançou seu primeiro livro *Em torno da educação,* tema central de seus discursos. Este livro estava repleto de

[196] A PLEBE 31/12/1932.
[197] MOURA, Op.cit. p.153- 154.
[198] Ibidem, p.171.

"valores nacionalistas e da moral nacional dominante." [199]Apesar do caráter burguês que ela mesma mais tarde reconhece ter o livro, ainda assim ela critica a Igreja defendendo um ensino secular.

Em 1919 um ano após a publicação de *Em torno da educação*, Maria Lacerda de Moura lançou o livro *Renovação*, um livro dirigido especificamente às mulheres, no qual se percebe um profundo interesse com as questões sociais e políticas. Este livro pode ser considerado um marco no pensamento da escritora se o compararmos ao seu primeiro livro, visto que *Em torno da educação* estava, como já mencionei, repleto de patriotismo e nacionalismo.[200]

Renovação é o livro que marca o início da transformação das ideias feministas para as ideias libertárias, é o divisor de águas no pensamento de Maria Lacerda, é possível encontrar algumas características da moral burguesa, como a defesa do casamento, ainda que fosse como forma de proteção para a mulher. Embora defendesse a emancipação feminina a escritora mostrava que o instinto natural da mulher era o lar, e este pensamento vai contrastar com a mulher independente e emancipada:

> Quantas vezes deixo a pena par limpar os móveis, para ver a sobremesa de que gosta meu marido , para bater um bolo que fica o chá mais agradável, para dar um banho no filhinho, serzir as meias ou lavar algumas roupas mais finas?
> Eu a descanso sem pesar e, nunca uma só pessoa que tenha entrado em nossa casinha deixou de admirar as flores do nosso jardim, as lindas rosas cultivadas pelo esposo feliz (...).[201]

Na visão de Maria Lacerda de Moura a mulher não e precisa renegar o lar, a maternidade, o casamento para se tornar emancipada, pois que sua pena "não fez a infelicidade de um lar, pelo contrário – quantas vezes eu me submeto às exigências domésticas." [202]

Essa ideia de mulher dona de casa que Maria Lacerda demonstra no seu livro *Renovação* pode ser uma forma de desconstruir a ideia machista de que o feminismo só leva a destruição do lar e por isso ela afirma ser "defensora ardente da única felicidade completa – a felicidade doméstica." [203]Não seria isso também uma forma de machismo? E mais adiante afirma:

> Sou adepta fervorosa do casamento (...).
> O lar é o reino da mulher.
> A mãe nada deve fazer sem consultar o interesse dos filhos.

[199] RICHTER, Op.cit., p.29.
[200] RICHTER, Op.cit.,
[201] MOURA, Op.cit., p.118.
[202] Ibidem, p.119.
[203] Ibidem, p.115.

> E quanta ternura, quanta alegria íntima proporciona a si mesma – amando o esposo, educando os frutos desse amor!
>
> O amor é o fim para aonde caminham todas as aspirações humanas. Mulher nenhuma trocará as delícias de um lar perfeitamente feliz pelas vaidades que a sociedade insufla.[204]

Via o casamento como uma forma de proteção para a mulher, declarou ser a favor das formalidades do casamento, pois a sociedade é injusta com a mulher, por isso ela deve tomar cuidado para não se deixar levar pela sedução, "Eu não prego o amor livre. É cêdo. Que a mulher cada vez mais se respeite e se não respeite sem as formalidades das leis. O prejuiso (sic) seria nosso exclusivamente." [205]

A mulher é uma degenerada? Publicado em 1924, neste livro ela trata essencialmente de questões sobre a condição feminina, a opressão exercida pela sociedade, prostituição e o papel da ciência naquele período republicano.

Em 1932 foi publicado o livro *Amai... e não vos multipliqueis*. Ainda na comunidade Guararema, período de grande produção literária, publicou mais dois livros: *Clero e Fascismo – Horda de embrutecedores* e *Fascismo filho dileto da Igreja e do capital*, neste último faz uma associação entre as duas instituições denunciando suas ações de violência na defesa do capital opressor e autoritário.

Ao publicar *Clero e Fascismo*, em 1936, ela mostrou os meios que o Estado fascista utilizava para impor suas ideias através da violência e estimulando a "competitividade e o servilismo impulsionado pelo ódio e pela inveja." [206]Questionava o papel da mulher enquanto mãe na educação dos filhos, a produção intelectual baseada na violência e a militarização do ensino.

Publicou outras obras: *Han Rayner e o Amor Plural*, *Serviço Militar Obrigatório para mulheres – Recuso-me, Denuncio!* Participou de conferências, liderou organizações femininas, publicou artigos em jornais, sempre desenvolvendo um discurso que ia além da emancipação feminina, tratando de assuntos como filosofia, espiritualidade, sociologia, ética, estética e artes.

Outras obras de Maria Lacerda de Moura: *Porque vence o porvir* (1919); *A mulher e a maçonaria* (1922); *A fraternidade e a escola* (1922); *A mulher hodierna e seu papel nasociedade atual e na formação da civilização futura* (1923); *Lições de pedagogia* (1925); *Religião do amor e da beleza* (1926); *Civilização - tronco de escravos* (1931); *Ferrer, o clero*

[204] Ibidem, p.116.
[205] Ibidem, p.227.
[206] RICHTER, Op.cit., p.14.

romano e educação laica (1934); *Português para os cursos comerciais* (1940*); O silêncio* (1948, obra póstuma).

3.6- O individualismo de Emma Goldman.

Operária, ativista, dotada de um caráter enérgico, nasceu na Lituânia em 1869 em uma família de judeus. Ainda criança foi morar em São Petesburgo, onde logo começou a trabalhar na indústria têxtil, e foi nesse ambiente de exploração que teve contato com as ideias anárquicas.

Em 1889 foi para Nova Iorque e lá começou a trabalhar como operária e pode perceber que o ambiente de exploração era o mesmo de São Petersburgo. Ao chegar, estabeleceu uma aproximação com um grupo sócialista alemão, "Começamos a freqüentar os encontros: minha irmã mais velha, Helena, em algumas ocasiões, e eu regularmente. Os encontros eram geralmente desinteressantes, mas ofereciam um escape da monotonia acinzentada da minha existência em Rochester." [207]

A exploração do trabalho dos operários e ao mesmo tempo o contato com anarquistas fez com que Emma Goldman se identificasse com as ideias libertárias e se tornasse uma "convicta e atuante anarquista."[208]

Outro fato que teve grande influência em sua vida de militante foi a greve de Haymarketing na cidade de Chicago em que militantes entre eles alguns anarquistas foram presos e condenados a forca injustamente em 1887. Este episódio fez com que Emma se aproximasse ainda mais do anarquismo, no qual militou por toda sua vida.

Conviveu com anarquistas que acreditavam na violência como forma de luta. Uniu-se a Alexander Berkman, preso por tentar matar um gerente de fábrica, com quem viveu durante 14 anos. Uma das primeiras, influências que teve nos Estados Unidos foi do alemão Johann Most[209], que dirigia o jornal *Freiheit. O* contato com este anarquista foi fundamental para iniciar Emma Goldman no mundo das conferências, e palestras. Most viu em Emma uma

---

[207] GOLDMAN, Emma. *Vivendo Minha Vida. Curitiba*. Ldopa Publicações. 2015, p.8.

[208] Carlo Romani, Apud, GOLDMAN, Emma. **O Indivíduo a Sociedade e o Estado, e Outros ensaios**. São Paulo, Hedra, 2007, p.11.

[209] Johann Most foi um anarquista alemão que dirigia o Jornal Freihet nos Estados Unidos, foi Alexander Berkman quem apresentou Most à Emma Goldman logo assim que ela chegou a Nova Yorque. GOLDMAN, 2015, Op.cit., p.7.

excelente oradora, mas a amizade com Most, não foi determinante para definir o pensamento de Emma com relação ao pensamento libertário e às questões feministas.

A ideia de emancipação feminina era fruto de uma criação extremamente opressora. Na infância Emma conviveu com um pai severo e que tratava sua mãe com extrema violência, fato que deve ter contribuído para a ideia da união livre que Goldman tanto defendia, baseado no amor e no companheirismo, que para ela era mais importante que os casamentos baseados em contratos e dogmas religiosos.

Emma Goldman, que já havia presenciado a opressão masculina dentro da própria casa paterna, acreditava que somente o amor poderia unir as pessoas:

> A maneira dura como meu pai tratava minha mãe, as disputas e as cenas amargas que terminavam nos desmaios dela. Eu também tinha visto a sordidez da vida de meus tios e tias casados, assim como de conhecidos de Rochester. Junto com minhas próprias experiência de casada, havia me convencido de que atar pessoas para toda era errado. A constante proximidade na mesma casa, mesmo quarto, mesma cama, me revoltavam.
> Se algum dia amar outro homem, me entregarei a ele sem ser ligada por um rabino, ou pela lei, declarei, e se esse amor morrer, deixa-lo-ei sem pedir permissão.[210]

A questão sexual geralmente era tema de suas palestras, porém nem sempre foi bem vista nos meios anarquistas. Para Emma a "expressão sexual é um fator tão vital para o ser humano quanto a comida e o ar."[211] Entendia a expressão sexual como liberdade com o próprio corpo, amar sem necessidade de consentimento da sociedade e enquanto houvesse um comum acordo de ambas as partes. Certa vez entrou em uma discussão acalorada com Kropotkin, pois o amigo não acreditava que a desigualdade entre homens e mulheres estivesse diretamente ligada ao sexo, do que Emma discordava plenamente, e é por isso que ela fazia questão de sempre pontuar este assunto nos jornais ou nas palestras. Em sua autobiografia Emma diz que "A visão de Peter sobre a igualdade do homem não tinha nada a ver com sexo; era uma questão de cérebro."[212] Emma escreve ainda que Kropotkin lhe dizia que "Quando ela lhe(sic) for seu igual intelectualmente e compartilhar seus ideais sociais", ele disse;, "ela será tão livre quanto ele."[213]

Muitas mulheres acreditavam que ser emancipada tinha a ver com independência financeira, o que para Emma não tinha nenhum fundamento, pois, embora ganhassem seu

[210] Ibidem, Op.cit., 2015, p.29.
[211] Ibidem, p.164.
[212] Ibidem, p. 183.
[213] Loc.cit.

próprio sustento as mulheres ainda estavam presas aos preconceitos, normas e padrões da sociedade:

> O medo da opinião pública lhes furtava de amor e camaradagem íntima. Era patético ver como eram solitárias, como ansiavam por afeição masculina, como desejavam filhos. Sem a coragem de dizer ao mundo para tomar conta de sua própria vida, a emancipação das mulheres era frequentemente ainda mais trágico do que o casamento tradicional seria. Elas haviam alcançado uma certa independência para ganhar seu sustento, mas não independência de espírito, para serem livres em suas próprias existências.[214]

Esse sentimento de liberdade lhe permitiu unir-se a dois homens a quem ela declarara seu amor, Fedia e Berkman, com quem ela pode conviver ao mesmo tempo durante um período.

A ideia de livre união, assim como a maternidade consciente estava na concepção de liberdade do indivíduo. Para ela a mulher ou o casal tinham o direito de escolher por ter ou não filhos, pois a maternidade era uma necessidade individual e não uma situação imposta pela sociedade. Emma optou por não ter filhos para que pudesse se dedicar em tempo integral à causa libertária. Embora inicialmente tenha trabalhado como costureira, foi como enfermeira que atuou durante a maior parte da sua vida. Profissão que aprendeu na prisão enquanto esteve presa condenada por incitar tumulto.

No entanto, para que pudesse exercer a profissão de enfermeira fora da penitenciária precisava ter diploma, dessa forma foi estudar em Viena, onde pode ter contatos com anarquistas e estudar muitas outras obras. Foi neste período em passagem pela Inglaterra que conheceu Kropotkin e Louise Michel.

A influência do pensamento filosófico do anarco-comunista Kropotkin foi fundamental para a transformação de Emma Goldman com relação às suas ideias anteriores baseada na prática da violência.

Por ter começado a trabalhar aos 13 anos, Emma Goldman deixou os estudos muito cedo, fato que não a impediu de divulgar suas ideias anárquicas. Por sua pouca formação, Emma Goldman pode ser considerada autodidata: publicou livros, dirigiu uma revista feminina, escreveu artigos em jornais, e foi bastante atuante como militante anarquista.

Para ela o desemprego, as guerras e as crises eram fruto de um Estado autoritário incapaz de solucionar os males que afligiam as sociedades. Somente com o fim de toda opressão a humanidade poderia alcançar o progresso, que para ela não se resumia em dar a uma minoria os bens necessários para uma vida plena. O verdadeiro progresso consistiria em proporcionar

---

[214] Ibidem, p.270-271.

a todos os indivíduos a qualidade de vida necessária em todos os níveis, fossem eles, cultural, intelectual e econômico. Segundo Goldman o Estado é causador maior de todos os males da sociedade, pois:

> As maiores batalhas já travadas pelo homem foi contra obstáculos e prejuízos artificiais que ele próprio se impôs e que paralisam seu desenvolvimento. O pensamento humano sempre foi falseado pelas tradições, pelos costumes, pela educação enganadora e iníqua, dispensada para servir os interesses daqueles que detém o poder, e gozam de privilégios: ou seja, pelo Estado e pelas classes proprietárias. Esse conflito incessante dominou a história da humanidade.[215]

Defendeu a valorização e o respeito ao indivíduo. A consciência plena é a fonte primária de todas as coisas, tendo o ser humano o direito de utilizá-la segundo suas necessidades com a liberdade que lhe é de direito, sem que haja algo ou alguém lhe impondo regras, normas e condutas, pois o "homem vivo não pode ser definido." [216]

Essa ideia de individualismo defendida por Emma Goldman baseada na total independência do ser, que está em constante desenvolvimento e que não pode ser tratado como algo pronto, é diferente do individualismo norte americano baseado na coação e na exploração que ela vai denominar "individualismo de direita à americana." [217]

Segundo Goldman esse individualismo de direita é baseado no liberalismo econômico desenvolvido por um grupo pequeno de indivíduos que estimulam "uma corrida degradante aos bens materiais, ao prestígio social." [218]O fato é que esse individualismo descrito por Emma trará como consequência a miséria, a escravidão e as crises. Para Emma tudo começa e acaba com o indivíduo, "pois o homem, o indivíduo é a única realidade." [219]

Era uma anarquista que tinha um pensamento aberto, pois embora fosse individualista, acreditava na organização e na coletividade como formas de melhorar o crescimento do grupo. Se dentro de um grupo cada indivíduo procurasse seu aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual, consequentemente todos os indivíduos do grupo seriam beneficiados, pois, "Uma organização, no verdadeiro sentido, não pode resultar da mera combinação de não-entidades. De fato, as possibilidades e atividades totais de uma organização são representadas na expressão das energias individuais." [220]

---

[215] GOLDMAN, Op.cit.,2007, p.31.
[216] Loc.cit.
[217] Ibidem, p.32.
[218] Loc.cit.
[219] Ibidem, p.34.
[220] GOLDMAN, Op.cit., 215, p.293.

Pregava o fim do Estado, porque segundo ela, o Estado existe apenas para satisfazer a necessidade de domínio de uns sobre os outros. Criou-se a ideia de que o Estado é responsável pela segurança para que o povo aceite como algo fundamental e somente por isso ele existe. No entanto Estado e indivíduo tem interesses diferentes, e para que os indivíduos aceitem um governo é criado todo um aparato de instituições "para dar uma aparência de legalidade e de direito." [221]

3.7- Entre a violência e a passividade.

A partir de 1903, na tentativa de ajudar um amigo, John Turner, que havia sido preso devido a lei federal anti-anarquista, ela iniciou uma campanha a favor da liberdade de expressão liderando a organização Liga de Livre Expressão (*Free Speach League*), cujo objetivo era propor um discurso livre em que defendia as manifestações políticas e as greves. Seus discursos não se limitavam ao campo político, Emma Goldman também falava sobre a "emancipação da mulher e patriotismo." [222]

Com o passar do tempo Goldman foi substituindo a ideia de violência como forma de luta. Em 1906 ela fundou a revista *Mother Earth*, que utilizava para denunciar as injustiças praticadas aos militantes do movimento operário, contestando a condenação pelo enforcamento de Hayood, Pettibone e Charles Moyer[223], acusados de assassinar o ex-governador do Colorado em 1907.

Além da revista *Mother Earth* utilizou outros meios libertários como jornais, festas e eventos como forma de propagar suas ideias anarquistas, pois acreditava na propaganda e também na ação direta, assim como organização de greves como forma de conscientizar o operário de sua condição, "Minha fé na justiça da greve me ajudaria a dramatizar minhas falas e a transmitir convicção. Em poucas semanas meu trabalho levou muitas garotas às fileiras dos grevistas." [224]

Em 1892 após uma tentativa frustrante de assassinar o presidente da siderurgia Carnagie Steel Company, na qual seu companheiro Alexander Berkman acabou sendo condenado a 22 anos de prisão, Emma iniciou uma campanha para tentar libertá-lo e em "1898, a libertária

[221] GOLDMAN, Op.cit., 2007, p.33.
[222] RICHTER, Op.cit, p.26.
[223] Ibidem, p.13.
[224] GOLDMAN, Op.cit., 2015, p.44.

organizou a Associação de Defesa de Alexander Berkman, reivindicando o perdão judicial ao seu companheiro.” [225]

Neste período utilizou seu discurso para defender a violência como forma de contestar a miséria a qual os trabalhadores eram submetidos. No entanto a ideia de justificar a violência como forma de protesto teve fim após o atentado ocorrido contra alguns colaboradores da revista *Mother Earth*, em que quatro pessoas foram mortas.

Declarando-se consternada com a irresponsabilidade dos ativistas mortos, Goldmam recusou-se a partir deste momento a justificar a “propaganda pela ação: “embora a compreendesse como reação a “crimes sociais”, “não poderia nunca mais participar ou provar métodos que arriscassem vidas humanas.” [226]

Em 1901 Emma foi presa acusada de incitar um jovem chamado León Czolgosz de tentar assassinar o presidente dos Estados Unidos, William Mackinley, mas por falta de provas, após um mês de detenção, Emma Goldman foi solta. Enquanto esteve presa Emma se sensibilizou tanto pelo presidente, quanto pelo jovem Czolgosz. Pensava na atitude do jovem livre de qualquer pensamento pessoal, apenas acreditando no que era certo para o bem comum. Em contrapartida o presidente que agora se encontrava próximo da morte como qualquer outro ser humano, também fez com que despertasse em si um sentimento de dupla solidariedade:

> Identificando-se com os destituídos e fragilizados, Goldman se solidarizou com o presidente ferido. Próximo da morte e privado de todo o poder, ele se transformara unicamente em um ‘ser humano” necessitado de socorro, Goldman acabou considerando o presidente Willian Mackinley com desprendimento e generosidade, não muito distante da simpatia que se reservou ao idealismo de Czolgosz, caracterizado pela busca do “bem das pessoas. [227]

A atitude de solidariedade de Emma para com o presidente Mackinley acabou provocando o seu afastamento e isolamento do movimento operário durante um tempo, também do seu companheiro Berckman que não compreendeu a atitude da ativista. A maior parte dos anarquistas se recusou ajudá-la e apenas alguns grupos estrangeiros apoiaram-na na tentativa de ajudar Czolgoz.

No dia 31 de outubro de 1901, após ter sido pressionado pela justiça americana a culpar Emma Goldman por tê-lo impulsionado a cometer o assassinato, Leon Czolgoz foi eletrocutado, eximindo Emma Goldman de qualquer envolvimento com o assassinato do

---

[225] RICHTER, Op.cit., p.17.
[226] RICHTER, apud., GOLDMAN., Op.cit., p.18.
[227] Ibidem, p.21- 22.

presidente. Após este episódio Emma acabou se decepcionando com os anarquistas e com o ideal a que ela tantos anos dedicara sua vida, e por isso decidiu se afastar do movimento durante um período em que permaneceu isolada de seus amigos:

> O simples pensamento de uma palestra ou reunião me era repugnante. Mesmo concertos e teatro haviam perdido sua atração para mim porque meu medo de ser reconhecida crescia ao ponto da obsessão. A melancolia tomava conta de mim – o sentimento de que minha existência havia perdido seu significado, de que havia sido esvaziada de seu conteúdo.[228]

Tal isolamento foi aos poucos sendo substituído por uma nova luta contra a repressão aos imigrantes deportados e condenados a pena de morte, além de notícias sobre o autoritarismo na Rússia fizeram Emma despertar do ostracismo que ela havia se jogado.

Junto com Berkman lutou contra a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, através de manifestações. A luta com relação à liberdade de expressão continuava acompanhada do aumento da repressão por parte dos empresários e do governo norte americano, e até 1919 vários militantes foram assassinados ou presos, inclusive Berkman e Goldman.

Acusados por "defenderem a ação direta violenta" [229]Berkman e Goldman foram presos em junho de 1917 e deportados para a Rússia bolchevique dois anos depois. Emma Goldman e Alexander Berkman chegaram à Rússia no início de 1920, e ao pisar em solo soviético Emma teve uma impressão que lhe deixou bastante inquieta, pois percebeu que a liberdade de expressão por qual ela tanto havia lutado na América também era motivo de detenção:

> O amordaçamento da livre expressão na sessão do soviete de Petrogrado de que participamos, a descoberta de que mais e melhor comida era servida a membros do partido na sala de jantar de Smolny e várias injustiças e males similares haviam atraído minha atenção. Escolas-modelo onde as crianças eram empanturradas de doces e guloseimas, ao lado de escolas miseráveis, pobremente equipadas, sem aquecimento, e sujas, onde os pequenos eram reunidos como gado. Um hospital especial para os comunistas, com todo conforto moderno necessário, enquanto as outras instituições careciam das mínimas necessidades médicas cirúrgicas... [230]

Em sua autobiografia Emma relata sua experiência ao retornar à Rússia com muita angústia, pois apesar de ansiar voltar ao seu país de origem para ajudar no processo revolucionário, ela gostaria de ter retornado em uma situação de espontaneidade e não por imposição através de um processo de deportação, pois:

---

[228] GOLDMAN, Op.cit., 2015, p.234.
[229] RICHTER, Op.cit., p.27.
[230] GOLDMAN, Op.cit., 2015, p.528.

> Ser expulsa da terra que eu havia chamado de minha própria, onde eu havia trabalhado e sofrido por anos, não era uma perspectiva dourada. Mas chegar a outras praias sem um centavo e sem a esperança de ajuste imediato era para mim uma calamidade de fato. Não era o temor da pobreza ou da falta – era o medo de ter que obedecer os poderosos para ter os meios de subsistência. Esse espectro era o que mais me preocupava.[231]

Outra situação estava associada à visão que Emma Goldman teve ao chegar em seu país de origem relatando em detalhes a situação da Rússia com relação a diversos aspectos como a distribuição de comida, moradia, alta repressão da Checka, poucos sendo privilegiados enquanto a população passava por um total desprovimento. Isso ela deixa bem explícito em sua auto-biografia, pois percebeu que as pessoas passavam fome e frio.

Segundo Emma Goldman, os camponeses eram obrigados a desviar parte de sua comida para abastecer Petrogrado, e toda vez que Emma indagava sobre algo parecido a desculpa era sempre a mesma, a de que enquanto os Denikins, os Kolchaks e o anel de ferro estivessem impedindo o processo revolucionário, a concentração do poder deveria ficar nas mãos do partido, e que uma revolução não se acaba da noite para o dia.

Em todos os lugares o Estado burocrático aparecia como um entrave controlando e vigiando a tudo e a todos. Questões relacionadas aos direitos humanos, como melhora de vida dos trabalhadores e de pessoas condenadas, quando mencionado por Emma eram consideradas sentimentalismo burguês, e a revolução não poderia perder tempo com esses luxos.

Foi difícil para Emma Goldman acreditar que o bolchevismo havia se transformado em um estado burocrático devido aos privilégios existentes. A falta de liberdade de expressão, pela qual Emma tanto havia lutado na América, era um fato visível na Rússia Soviética, um modelo baseado na centralização e autoritarismo que oprimia o povo deixando-o de fora do processo revolucionário e que provocou: "o ressentimento e a hostilidade em todo o país, provocou sabotagens nas fábricas e no campo, greves e revoltas incessantes. O homem não vive só de pão, mas ele morre senão tiver nada pra comer." [232]

Junto com Berkamn, Emma tentou por diversas vezes criar propostas para tentar melhorar a situação dos operários, como a construção de alojamentos mais adequados para os trabalhadores e cafeterias que pudessem oferecer uma ração melhor:

---

[231] Ibidem, p. 510.
[232] GOLDMAN, Op.cit., 2007, p.10.

> As cozinhas de sopas *sovietsky* eram uma abominação, repetiu-nos diversas vezes Zorin. Perguntamos se poderíamos propor alguma melhora, Sasha novamente se tornou todo interessado, imergindo completamente em seu projeto de reorganizar as nauseantes sala de jantar. Em poucos dias havia delineado um complexo projeto, listando cuidadosamente cada item. Uma rede de cafeteria percorreria toda a cidade, planejada para eliminar o grande desperdício de comida e os empregados supérfluos nas cozinhas existentes. Mesmo com os suprimentos, embora fossem poucos, pratos palatáveis seriam servidos em ambientes limpos e alegres. Sasha levaria a cabo o trabalho, e ele tinha certeza que eu ajudaria. Algumas cafeterias para começar e depois ajudaríamos. [233]

Porém todas as tentativas foram fracassadas, pois eles sempre esbarravam com a burocracia do Estado Soviético Revolucionário:

> Mas novamente a burocracia começou a bloquear todas as iniciativas.As dificuldades começaram a aparecer nos lugares mais inesperados. Os oficiais estavam ocupados demais para ajudar Sasha e, afinal, locais de comida não eram tão importantes na escala da revolução mundial, que esperava-se, aconteceria a qualquer instante. Era absurdo enfatizar uma melhora imediata em face a situação geral. No melhor dos casos não teria efeito vital sobre a Revolução . E Berkamn podia fazer trabalho mais importante. Não se deveria ocupar com reformas. Ra desapontador, pois todos o julgavam um revolucionário feito de ferro e aço. Era ingênuo da parte de Berkman alegar que alimentar as massas era a primeira preocupação da Revolução, o cuidado das pessoas, seu contentamento e alegria, sua principal esperança e segurança e de fato sua única *raison d'edtrê* e sentido moral. Tal sentimentalismo era a pura ideologia burguesa. [234]

Emma também aproveitou a oportunidade para se encontrar com o amigo Kropotkin que nessa época já estava de volta à Rússia, e percebeu que o velho camarada também nutria um ressentimento pela Revolução Bolchevique. Ficou indignada indagando-se como poderia um grande pensador e intelectual como Peter Kropotkin ter sido esquecido pelo Estado Bolchevique:

> Não poderia ser feito nada para levar aos comunistas responsáveis que um dos maiores homens da Rússia estava morrendo de fome? Mesmo que não tivessem interesse nele como anarquista, deviam reconhecer seu valor como um homem de letras e de ciência.[235]

No entanto, como uma anarquista nata, prestou solidariedade a Revolução de Outubro, mesmo sabendo dos infortúnios que ela provocava. Emma se considerava uma comunista, porém, seu comunismo não tinha a "menor relação entre o comunismo forçado e coercitivo de

[233] GOLDMAN, Op.cit., 2015, p.559.
[234] Ibidem, p.559.
[235] Ibidem, p.553.

Estado e cooperação livre e voluntária do comunismo anarquista." [236] Goldman acreditava na Revolução Social, e que a mesma nada tinha a ver com uma industrialização avançada, posto que desta forma ela teria ocorrido em países industrializados como Inglaterra, França e Estados Unidos. Segundo ela a Revolução ocorreu em um país tipicamente agrário, e ela justificou este fato pelo nível de consciência adquirido pelo povo. No entanto, o regime bolchevique havia levado a revolução ao fracasso porque afastou a principal engrenagem que poderia conduzi-la, que era o povo. "Ao afastar-se do povo, a revolução condenou-se à morte, acima de todos, pairava a terrível espada do terror bolchevique." [237]

Contestou o comunismo bolchevique porque acreditava que o verdadeiro comunismo só ocorre quando há uma socialização das terras e dos meios de produção, ou seja, tudo deve ser utilizado pelo povo. O verdadeiro comunismo deveria permitir que os indivíduos se organizassem livremente trabalhando para alcançar seus objetivos segundo suas necessidades sem que houvesse interferência do Estado autoritário. No entanto:

> As massas não puderam modelar a política da Revolução, nem tomar parte da administração de seus próprios assuntos. Os sindicatos eram estatizados e contentavam-se em transmitir as ordens do governo. As cooperativas populares – instrumento essencial da solidariedade ativa entre o apoio mútuo entre as cidades e o campo – foram liquidadas, os sovietes de camponeses e operários foram esvaziados de seu conteúdo e transformados de comitê de sustentação ao regime.[238]

Acusou o governo de ter se apoderado de toda propriedade, privilegiando alguns em detrimento de outros, para ela;

> O único objetivo dos bolcheviques era reforçar o Estado, controlar todas as atividades, econômicas, políticas, sociais e, inclusive, culturais. A revolução tinha um objetivo totalmente diferente, já que, por natureza, ela encarnava a própria negação da autoridade e da centralização.[239]

Em março de 1921, os trabalhadores "dos moinhos de Troubetskoy," [240] decidiram entrar em greve, segundo Emma, "suas exigências eram bastante modestas: um aumento na ração, como lhes havia sido prometido havia muito tempo, e também a distribuição de calçados." [241] No entanto suas reivindicações foram negadas e contidas pelas autoridades militares, a partir daí, em solidariedade os trabalhadores de outras cidades começaram a entrar em greve

[236] Ibidem, p.560.
[237] GOLDMAN, Op.cit., 2007, p.112.
[238] Ibidem, p.112.
[239] Ibidem, p.87.
[240] GOLDMAN, Op.cit., 2015, p.624
[241] Loc.cit.,

aumentando ainda mais suas exigências, como por exemplo, mais liberdade, até que chegou ao ponto do governo decretar a "lei marcial." [242]

Para tentar conter o movimento grevista e os protestos, o governo, além da forte repressão resolveu cortar a ração e fechar o acesso que levasse aos trabalhadores. Diante desta situação os marinheiros de Kronstadt resolveram apoiar os grevistas, pois os mesmos sempre: [243]

> Verdadeiros às suas tradições revolucionárias e sua solidariedade com os trabalhadores, lealmente demonstrada na Revolução de 1905 e mais tarde nos levantes de março e outubro de 1917, ergueram-se novamente em prol dos proletários de Petrogrado.[244]

No entanto, Moscou viu esta atitude como uma ação contra-revolucionária, e resolveu atacar a base e a cidade, cercando-a por todos os lados. Houve centenas de mortos, soldados e civis – de ambos os lados.

> Após o massacre, Lenin liberou o livre comércio, adotando a NEP (Nova Política Econômica, ou seja, "conceções aos capitalistas, emprego privado de trabalho em fazendas e fábricas, tudo o que por três anos havia sido condenado como contrarevolucionario e punido com prisão, e mesmo morte' (GOLDMAN, 2015, p.633), o que Golman vai caracteriza de 'capittalismo de Estado' (Goldman, 2007, p.105). homens de Kronstadt não queriam realmente os contra-revolucionários. Mas tampouco nos queriam." Os ingênuos marinheiros haviam levado a sério o *slogan* da Revolução: "Todo poder aos sovietes", que Lenin e seu partido solenemente prometeram atender. Essa havia sido a ofensa imperdoável. Por isso tiveram que morrer. Tiveram que ser martirizados para fertilizar o solo para a nova colheita de *slogans* de Lenin, que completamente invertia os antigos. O chef d'oeuvre era a Nova Política Econômica, a NPE. [245]

Depois do episódio de Kronstadt, a caçada aos anarquistas aumentou e muitos foram presos sem nenhum motivo, perseguidos e torturados. A população havia sido colocada em uma situação de completa apatia, qualquer manifestação era combatida com fome e violência, era inútil qualquer ação de instrução e conscientização, todos estavam aterrorizados pela fome e pela violência**.** Após Kronstadt a repressão aumentou e Emma decidiu ir embora da Rússia e deixar a tão sonhada Revolução, que naquele momento para ela havia perdido o sentido:

---

[242] Ibidem, p.625.

[243] Para mais informações sobre esta greve e o episódio de Kronstadt, segundo a visão de Emma Goldman, ver sua autobiografia "Vivendo Minha Vida". Curitiba, L-dopa Publicações, 2015.

[244] Loc.cit.

[245] Ibidem, p.633.

> Chegamos a conclusão que nenhuma palavra ou ato nosso teria valor para a Revolução ou para o movimento ou sequer para ajudar nossos camaradas perseguidos. Poderíamos proclamar a natureza anti-revolucionária do bolchevismo, e nos arremessar contra Lenin, Trotsky e Zinoviev, e afundarmos com eles. Longe de servir a nossa causa ou ao interesse das massas com tal ato, estaríamos apenas ajudando a ditadura. Sua habilidosa propaganda arrastaria nossos nomes pela lama e nos marcaria perante o mundo como traidores, contra-revolucionários e criminosos. Nem tampouco podíamos continuar amordaçados e acorrentados. Portanto decidimos ir.[246]

Kronstadt virou um fantasma que perseguiu Emma por toda sua vida. Declarou que "o comunismo não existe na URSS." [247]Exilou-se na França, vindo a falecer em 1940.

[246] Ibidem, p.637.
[247] GOLDMAN, Op.cit., 2007, p.103.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho em questão, podemos observar a contribuição dos anarquistas para o movimento operário. Ao nos aprofundarmos nos estudos sobre o movimento libertário entramos em um aspecto pouco estudado como, por exemplo, as mulheres anarquistas. Como pode a historiografia brasileira permanecer tanto tempo sem explorar os movimentos feministas?

Muito do pensamento feminista libertário influenciou e influencia o movimento feminista do século XXI, como por exemplo, questões ligadas à liberdade sexual muito discutida entre as anarquistas. Para as anarquistas as raízes da submissão feminina encontram-se não só no fator econômico, mas na sexualidade e nas relações de dominação de uma sociedade patriarcal.

As duas mulheres aqui referidas foram feministas libertárias. Emma Goldman iniciou sua militância no movimento operário trabalhando nas fábricas como costureira desde quando ela morava em São Petesburgo. Já Maria Lacerda de Moura trabalhou como professora primária, mas desde cedo sempre demonstrou preocupação com os problemas sociais, o que fez com que abandonasse o feminismo sufragista unindo-se aos anarquistas em prol da causa operária.

Maria Lacerda de Moura e Emma Goldman defendiam propostas como controle da natalidade[248] e a maternidade consciente. O que vai diferenciá-las é que Emma Goldman optou por não ter filhos, embora tivesse declarado que "sempre amara crianças loucamente,"[249] no entanto:

> Minha infância repleta de fantasmas surgiu à minha frente, minha necessidade de afeição, que minha mãe era incapaz de satisfazer. A dureza do pai contra as crianças, espancando minhas irmãs e eu (...) Eu tinha aprendido desde então que minha infância trágica não era exceção, que havia milhares de crianças que nasciam indesejadas, assoladas e vitimadas pela pobreza e ainda mais por uma incompreensão ignorante. Nenhuma criança minha se juntaria a esse grupo de vítimas desafortunadas. [250]

Já Maria Lacerda não pode ter filhos naturais, teve que adotá-los, e conseguiu conciliar a vida de mãe, esposa e dona de casa, diferente de Goldman que optou por não ter nada que

[248] Emma Goldman em seus discursos sempre procurou falar sobre controle de natalidade, inicialmente não discutindo métodos contraceptivos que na época não era permitido, mas utilizava o tema controle de natalidade como forma de "limitar o número de prole representava em minha perspectiva apenas um aspecto da luta social". No entanto, logo ela abandona o receio de falar abertamente de métodos contraceptivos. Neste período o controle de natalidade já era discutido por alguns médicos como o Dr. Moses Harman (1830- 1910), conhecido por apoiar o direito das mulheres. GOLDMAN, Op.cit.,2015, p..401-402.

[249] Ibidem, Op.cit.,2015, p.46.

[250] Ibidem, Op.cit., p.46-48.

impedisse sua luta contra as injustiças. Maria Lacerda e Emma Goldman fizeram campanha contra a natalidade como forma de impedir o nascimento de "futuros escravos" ou "carne para a civilização":

> (...) a mulher moderna consciente, não a sufragista ou a literata dos salões 'chics', a 'bas-bleu' acadêmica ou a campeã de esportes mas, a mãe verdadeiramente superior – mais a que quer ser a 'mãe de escravos', e por isso, se vai revoltando contra a ideia do 'senhor', do proprietário legal.[251]

Emma Goldman iniciou sua vida de militante pregando a favor da violência como forma de ação contra o sistema capitalista, enquanto Maria Lacerda de Moura era contra qualquer forma de violência. Mas as duas libertárias tinham mais coisas em comum, eram apaixonadas pela vida, pelo ser humano e, apesar das angústias da vida, eram amantes da beleza, das artes, do teatro:

> Eu quero a liberdade, o direito a auto expressão, o direito a todas as coisas belas e radiantes. Anarquismo significava aquilo para mim, e eu viveria isso apesar do mundo inteiro – prisões perseguições, tudo. Sim, mesmo apesar da condenação dos meus camaradas mais próximos eu viveria meu belo ideal.[252]

Suas vozes ecoam até hoje como forma de protesto e exemplo aos diversos movimentos feministas que se seguiram denunciando à opressão, o preconceito, a desigualdade entre os sexos e o direito as suas próprias escolhas. Escrever sobre mulheres como Maria Lacerda de Moura, Emma Goldman, Isabel Cerruti, Maria Angelina Soares, Matilde Magrassi, Tibi, Josefina Stefani, Louise Michel, Voltairine de Cleyre, Luci Fabri entre outras que viveram no anonimato, mas que também contribuíram para a emancipação não só da mulher, mas da humanidade é manter vivo o ideal de liberdade que prega o anarquismo.

[251] MOURA, Op.cit., p.21.
[252] GOLDMAN, Op.cit, 2015, p.44.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986.

_____**Um Homem Vale Um Homem Memória História Anarquismo na Obra de Edgar Rodrigues**. Tese de Doutorado UFF, Niterói 2012.

ALVES, Branca, M.; PITANGUY, Jaqueline. **O que é Feminismo.** São Paulo. Brasiliense. 1985.

ANDRADE, A.T; Bandeira, Moniz; MELO, Clovis. **O Ano Vermelho, a Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

ARMAND, Émile. **Pequeno manual anarquista individualista.** Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/5062/3590 visto em 24/08/2017.

BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. Tempos e Memórias **– Movimento Feminista no Brasil.** Brasília. Secretaria de Política Para as Mulheres, 2010.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado. http://anarquistas-pi.blogspot.com.br/p/biblioteca.html visto em 03/08/2017.**

BEIGUELMAN, Paula. **A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro** – Aspectos Políticos. São Paulo, Pioneira Editora, 1978.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO: CONTRIBUIÇÕES DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO - 1922.** UNIRIO, Agencia Financiadora FAPERJ. Visto em 10/03/2016.

BUONICORE, Augusto César. **A greve Geral de 1917 e os Seus Reflexos no Movimento Operário Brasileiro**. Disponível http://www.vermelho.org.br/coluna.php visto em 21/08/2016.

CARONE, Edgar. **Classes Sociais e Movimento Operário**. São Paulo. Editora Ática. 1989.

CORREA, Felipe. **ANARQUISMO E SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO. Uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis.**

LOPREATO, Cristina. **O Espírito da Revolta (A greve geral anarquista de 1917).** Tese de doutorado IFCH/UNICAMP. Disponívvel: http://anarquistas-pi.blogspot.com.br/p/biblioteca.html Visto em 10/07/2017.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Indústria, Trabalho e Cotidiano Brasil – 1889 – 1930.** São Paulo. Atual Editora. 1991.

DIAS, Mabel. **Mulheres Anarquistas: O resgate de uma história pouco contada.** Imprensa Marginal.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes**. Vidas de Romance – As mulheres no exercício de ler e escrever no entre século – 1890 – 1930**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (organizadora). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Editora Contexto. 1997.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALLO, Ivone- **O Socialista da Província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX** Ivone Gallo (PUC-Campinas docente/pós-doutorado IEL-UNICAMP). ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Visto em 23/2015.

GUÉRIM, Daniel. BAKUNIN Textos Escolhidos. Rio Grande do Sul: L&PM, 1983.

GOLDMAN, Emma. **O Indivíduo a Sociedade e o Estado, e Outros ensaios**. São Paulo, Hedra, 2007.

_____**Vivendo Minha Vida. Curitiba**. Ldopa Publicações. 2015.

HARDMAN, Foot; Leonard, Victor: **História da Indústria e do Trabalho no Brasil,** São Paulo, Ática, 1982.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil).** Brasiliense, 1983,

HOBSBAWM, Eric. **ERA DOS EXTREMOS – O breve século XX 1914-1991**. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.

_____ **A ERA DOS IMPÉRIOS 1875- 1914**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

_____**O Princípio Anarquista e Outros Ensaios**. São Paulo: Hedra, 2007.

_____**A Anarquia sua filosofia, seu ideal**. São Paulo: Imaginário, 2000.

LEME, Marisa Sanz. **A Ideologia dos Industriais Brasileiros**. Petrópolis- RJ. Editora Vozes. 1978.

LEITE, Mirian Lifichetz Moreira. **A Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura.** São Paulo. Ed.Ática. 1984.

LEVAL, Gaston; BAKUNIN, Mikhail. **Bakunin. Fundador do Sindicalismo Revolucionário. A Dupla Greve de Genebra**. São Paulo: Imaginário, 2007.

LINHARES, Hermínio. **Contribuição à História das Lutas Operárias no Brasil**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.

LOPREATO, Cristina da Silva Roquete. O Espírito da Revolta A greve Geral de 1917. Tese de Doutorado, IFCH/ UNICAMP. São Paulo, 1996. https://www.passeidireto.com/.../lopreato-c-o-espirito-da-revolta---a-greve-geral-anarquista Visto em 10/07/2017.

MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Novos Tempos, 1989.

MOURA, Maria Lacerda de. Renovação. Fortaleza. Edições UFC. 2015.

MARQUES, João Carlos. **A Voz do Trabalhador: Cultura Operária e Resistência Anarquista no Rio de Janeiro (1908- 1915).** Universidade Estadual de Londrina. Dissertação de Mestrado em História Social, 2013.

_____ **A Imprensa Libertária: Jornalismo Operário e Resistência Anarquista na Primeira Década do Século XX**. Antíteses, v.5, Nº10, jul/dez, 2012.

MARTINS, Maria Souza; Costa, Nailda Marinho. **Movimento Feminista e educação: Cartas de Maria Lacerda de Moura Para Berta Lutz** . Revista Contemporânea de Educação, vol.11, nº12, jan/jul de 2016). <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/download/2539/2777> Visto em 23/05/2016.

MENDES, Samanta Coalhado Mendes. **A Comuna de Paris Segundo Louise Michel.** Revista Espaço Acadêmico. Disponível em <http//www.periódicos.uem.br/ojs/índex.php/EspaçoAcademico/article/view/1353/6700> acesso em 21/08/2016.

_____**Anarquismo e Feminismo: Mulheres Anarquistas em São Paulo na Primeira República (1889 – 1930). ANPUH/SP – USP. 08 a 12 de setembro de 2008.** www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/.../PDF/.../Samanta%20Colhado%20Mendes.pdf Visto em 11/11/2015.

NÉBIAS, Wellington Barbosa. **A greve Geral e a Insurreição Anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: Um Resgate da Atuação das Associações de Trabalhadores**. Dissertação de Mestrado, UFRJ – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2009.

OLIVEIRA, Leidiane Souza de. **Crise do capital, limites à igualdade substantiva e os desafios para as lutas feministas no Brasil**. REVISTA UNIVERSIDADE E SOCIEDADE. **Mulheres em Movimento nas Lutas Sociais e Sindicais**. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN. Ano XXVI – Nº58 – junho de 2016.

PRIORE, Mary Del. **Ao Sul do Corpo – Condição Feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia –** Rio de Janeiro. José Olympio, 1993.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar A Utopia da Cidade Disciplinar e a Resistência Anarquista**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

_____**Luci Fabri, o anarquismo e as mulheres.** Universidade de Campinas, vol.8, nº1/2. 2000. periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5910/4887 Visto 07/05/2016

_____ **Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri** http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf visto em 24/08/2017.

REZENDE, Antonio Paulo. **História do Movimento Operário no Brasil**. São Paulo: Ática, 1994.

ROBERTI, Angela. Mulher Liberta-te! : O Anarquismo e as Mulheres. In: LIMA, Jaqueline; ROBERTI, Angela; SANTOS, Edna**. Pensando a História: reflexões sobre as responsabilidades de se escrever a História através de perspectivas interdisciplinares.** Letra Capital, Rio de Janeiro. 2003

RODRIGUES, Edgard. **ABC do Sindicalismo Revolucionário**. Achiamé, Rio de Janeiro, 2004.

RICHTES, Liane Peters. **Emancipação Feminina e Moral Libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura.** Campinas /SP.; 1998. Apresentada originalmente como dissertação de mestrado. Universidade de Campinas.

SAMIS, Alexandre. **Sindicalismo e Anarquismo no Brasil.** HTTPS://www.cabn.libertar.org/wp-content/uploads2012/02/Alexandre Visto em 11/10/2016.

_____ **Negras Tormentas Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris**. São Paulo: Hedra, 2011.

SILVA, Bárbara de Andrade**. Sufragismo à Brasileira: A História da Luta pelo Voto Feminino no Brasil**. Dissertação de Mestrado – UNISAL. http://www.usp.br/revistausp/28/08-fulvia.**pdf** Visto em 23/07/2015.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Vol.3. 2000.

TOLEDO, Edilene Terezinha. **Em Torno do Jornal *O Amigo do Povo:* os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século.** Cad.AEL, Nº8/9, 1998. https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2471 Visto em 10/04/2016.

WWW.google.com.br Partido Republicano feminino – CPDOC. Visitado 26/10/2016.

HTTPS://accaopopularlibertaria.files.wordpress.com visto em 23/04/2017.

Jornais

A Lanterna

A Plebe

A Voz do Trabalhador

A União Operária

A Voz da União

O Amigo do Povo

Revistas

Revista Feminina de São Paulo

Universidade e Sociedade. **Mulheres em movimento nas lutas sociais e sindicais**. Revista publicada pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN, Ano XXVI, Brasilia, junho de 2016.

ANEXOS

ANEXO-1

Emma Goldman. Imagem retirada de: <http://www.famousphilosophers.org/emma-goldman/> acesso em 05/06/2017.

ANEXO-2

Maria Lacerda de Moura. Imagem retirada de: <http://sarauxyz.blogspot.com.br/2016/12/maria-lacerda-de-moura.html> acesso em 05/06/2017.